



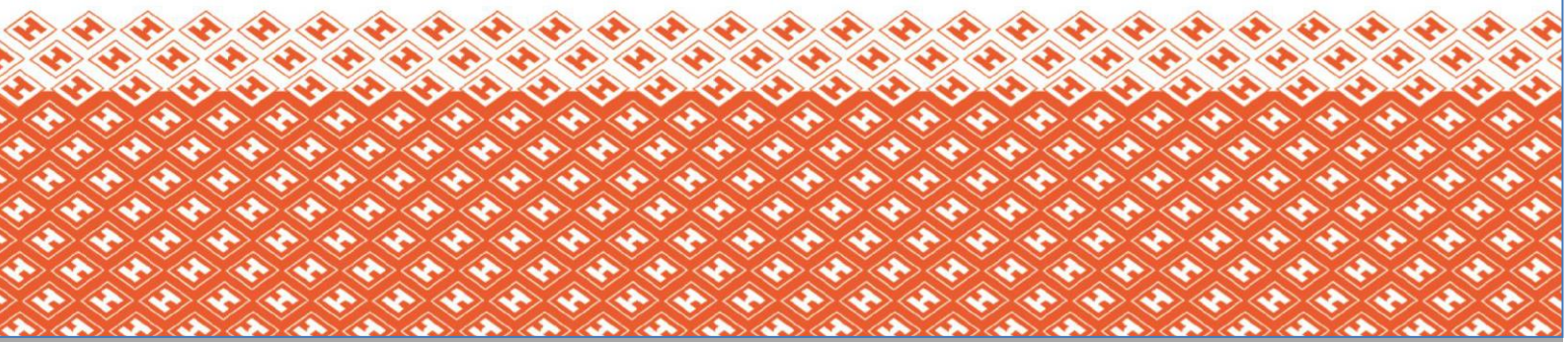
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANDRÉIA APARECIDA DE MOURA MARTINS

**ENSINO DE HISTÓRIA E INSTAGRAM: PADRÃO DE BELEZA DO CORPO
FEMININO**

**Cáceres/MT
Maio / 2024**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

ANDRÉIA APARECIDA DE MOURA MARTINS

**ENSINO DE HISTÓRIA E INSTAGRAM: PADRÕES DE BELEZA DO CORPO
FEMININO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unidade Regionalizada de Cáceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientadora: professora Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo.

**CÁCERES/MT
Maio/2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da
UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Martins, Andreia Aparecida de Moura.

Ensino de História e Instagram: Padrão de Beleza do Corpo
Feminino / Andreia Aparecida de Moura Martins. - Cáceres, 2024.
135f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Campus Universitário de Cáceres "Jane Vanini",
Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Dr^a Regiane Cristina Custódio de Figueiredo.

1. Ensino de história. 2. Instagram. 3. Padrão de beleza. 4.
Corpo feminino. I. Figueiredo, Dr^a Regiane Cristina Custódio de.
II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 94:37



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Aos vinte e sete dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 14h, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado de **Andréia Aparecida de Moura Martins**, com a produção intitulada “**Ensino de História e Instagram: padrões de Beleza do Corpo Feminino**”. A defesa ocorreu de forma remota, a distância, via Google/meet (<https://meet.google.com/coz-qrun-xvz>). A Comissão Examinadora foi composta pela professora Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo (UNEMAT/orientadora-presidente), professora Dra. Rosilene Dias Montenegro (Universidade Federal de Campina Grande – PB/Examinadora Externa), professor Dr. Carlos Edinei de Oliveira (UNEMAT/Examinador Interno) e a professora Dra. Marli Auxiliadora de Almeida (UNEMAT/Examinadora Suplente). Concluída a exposição e a arguição, a Comissão Examinadora, após ponderações e avaliações, considerou a candidata **aprovada**. A candidata deverá atender, sob orientação, as exigências solicitadas de acordo com os prazos definidos pelo Programa. E, para constar, foi lavrada a presente Ata que será assinada pela presidente da Comissão Examinadora e pelos professores avaliadores.

Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente
REGIANE CRISTINA CUSTODIO DE FIGUEIREDO
Data: 27/06/2024 20:07:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio de Figueiredo
(UNEMAT – Presidente da Banca)
Participação remota - Síncrona



Documento assinado digitalmente
ROSILENE DIAS MONTENEGRO
Data: 01/07/2024 17:24:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosilene Dias Montenegro
(Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/PB – Examinadora Externa)
Participação remota - Síncrona



Documento assinado digitalmente
CARLOS EDINEI DE OLIVEIRA
Data: 27/06/2024 21:45:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
(Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT - Examinador Interno)
Participação remota – Síncrona



Documento assinado digitalmente
MARLI AUXILIADORA DE ALMEIDA
Data: 02/07/2024 23:01:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Marli Auxiliadora de Almeida
(Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT – Examinadora Suplente)
Participação remota - Síncrona

DEDICATÓRIA

Às mulheres, que desde a mais tenra idade são constantemente cobradas pela família para se vestirem e se comportarem como princesas.

Às mulheres de mais idade, mesmo sabendo que o tempo é inevitável são cobradas a terem a aparência sempre jovial.

As mulheres que suprem seus lares, que se dedicam em alimentar seus filhos e não às indústrias da beleza.

Às mulheres que subvertem aos discursos que normatizam uma única beleza para o corpo feminino, demonstrando que o corpo feminino é plural e carrega múltiplas beleza.

À essas mulheres que se esforçam para construir uma autoestima sólida e saudável, mesmo em um mundo que constantemente as faz sentir inadequadas e insuficientes.

Para todas que enfrentam diariamente pressões e expectativas irreais em relação à sua aparência e comportamento. Que este trabalho possa contribuir para ampliar a compreensão e promover discussões sobre a importância da diversidade e da aceitação de multiplicidades de corpos feminino

AGRADECIMENTO

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram com a realização desta dissertação.

A minha família, pelo amor incondicional, apoio e incentivo constantes ao longo desta jornada acadêmica. Vocês foram minha base sólida em momentos de dificuldade e minha fonte de alegria nos momentos de conquista.

A minha orientadora, professora doutora Regiane Cristina Custódio de Figueiredo, pelo conhecimento compartilhado, pelas orientações preciosas e pela paciência em me ajudar a desenvolver este trabalho da melhor forma possível.

Ao professor doutor Carlos Edinei de Oliveira e a professora doutora Rosilene Dias Montenegro, por fazerem parte da banca examinada desde a qualificação até a defesa final dessa dissertação. Os caminhos apontados por eles, muito contribuíram para que fosse possível conciliar teoria da história e didática da história.

Ao meu grande amigo, professor mestre Clementino Nogueira, que desde minha graduação me incentiva em continuar os estudos. Devo a ele, parte dos meus conhecimentos nos estudos sobre gênero.

As queridas amigas que o mestrado me proporcionou, Mayara, Wylliane, Ana Caroline, Ione e Mágnata Tatiane, agradeço pela companhia e pelas palavras de incentivo que me deram ânimo para seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Seus incentivos me deram forças nos momentos mais precisos, e como sempre dizemos uma para outra: “ninguém solta a mão de ninguém.”

As minhas alunas e alunos dos quais convivemos três anos consecutivos, do ano de 2019 a 2021, pois estes foram a minha maior inspiração para levantar as problematizações em torno dos padrões de beleza da mulher que vem sendo propagados pela rede social Instagram. Cada aula com essa turma foi uma oportunidade de aprendizado mútuo e crescimento constante, e cada desafio superado junto com eles, fortaleceu nossa relação e meu compromisso com a educação.

EPIÍGRAFE

Se lhe ensinarem a detestar o próprio corpo, como poderá amar o corpo de sua mãe, que tem a mesma estrutura que o seu? — Ou o corpo da avó, ou das suas filhas também? Como poderá amar o corpo de outras mulheres e homens próximos que tiverem herdado o corpo dos mesmos antepassados? No fundo, a agressão ao corpo da mulher é uma agressão de longo alcance que atinge tanto os que vieram antes dela quanto aos que chegarão depois.

Clarisse Pínkola (2018) – “Mulheres que Correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem”

RESUMO

Esta dissertação resulta de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, campus de Cáceres, e se insere na linha de pesquisa "Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão". O tema principal do estudo dessa dissertação são as produções de discursos relacionados aos padrões de beleza do corpo feminino na rede social Instagram e como esse conteúdo pode ser utilizado no ensino de história na educação básica. A pergunta central é: "como são constituídas as práticas discursivas em torno do padrão de beleza do corpo feminino na rede social Instagram?". O objetivo geral consiste em investigar as práticas discursivas que moldam o padrão de beleza do corpo feminino no Instagram. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) compreender como foram construídos os discursos sobre os padrões de beleza corporal feminino ao longo do tempo; 2) Identificar os padrões de beleza facial projetados por filtros digitais; 3) Analisar os discursos de profissionais da medicina e da educação física e de digitais *influencers* em torno da beleza feminina; 4) Demonstrar aos estudantes que os padrões de beleza sobre o corpo da mulher se consolida por meio de uma ordem discursiva do capitalismo no século XXI; 5) Investigar os discursos que subvertem aos padrões de beleza socialmente estabelecidos; 6) Construir uma proposta didático-pedagógica para o ensino de história com o tema dessa pesquisa. A dissertação utiliza a abordagem qualitativa com base na análise de discurso de Foucault para compreender como os discursos se entrelaçam dentro de um contexto de saber-poder que usam o corpo feminino como veículo para consolidar padrões de beleza em diferentes momentos históricos. As fontes que subsidiaram as análises foram coletadas nos perfis do Instagram de cirurgiões plásticos, dermatologistas, *personal trainers* e influenciadores digitais. A fundamentação teórica que nos proporcionou o debate e a análise sobre o corpo da mulher e os padrões de beleza, é sustentada pelas autoras Michelle Perrot (2005, 2007, 2017) publicação), Margareth Rago (1995, 2013, 2019), Denise Bernuzzi, Sant'Anna (2000, 2014), Paula Sibília (2012, 2007) Naomi Wolf (1992), Soshana Zuboff (2021), Maria Luísa Jimenez (2020). Os autores George Vigarello (2006) e Umberto Eco (2004) subsidiaram na compreensão sobre a história da beleza. Para pensar sobre o fazer pedagógico e o ensino de história na educação básica, as/os autoras (es): Circe Bittencout (2008), Maria Auxiliadora Shimith (2004, 2010) Flávia Caimi e Letícia Mistura (2022), Selva Guimarães Fonseca (2013, 2009), bel Hooks (2013, 2020), José D' Assunção Barros (2020). Esta dissertação se justifica pela importância de integrar o debate sobre os padrões de beleza do corpo feminino no ensino de história da educação básica, dada a influência significativa das redes sociais na disseminação desses ideais e seu impacto na autoimagem dos adolescentes que estão constantemente conectados ao Instagram.

Palavras-chave: Ensino de História. Beleza do corpo feminino. Instagram.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a research conducted by the Professional Master in History Teaching of the State University of Mato Grosso/UNEMAT, campus of Cáceres, and is part of the research line "Languages and Historical Narratives: Production and Dissemination". The main theme of the study of this dissertation are the productions of speeches related to the beauty patterns of the female body on the social network Instagram and how this content can be used in the teaching of history in basic education. The central question is: "How are the discursive practices around the beauty pattern of the female body on the social network Instagram?" The overall objective is to investigate the discursive practices that shape the beauty pattern of the female body on Instagram. The following specific objectives have been established: 1) to understand how discourses on the patterns of female body beauty have been constructed over time; 2) to identify the pattern of facial beauty projected by digital filters; 3) to analyze the speeches of medical and physical education professionals and of digital influencers around female beauty; 4) to demonstrate to students that the standards of beauty on the body of women are consolidated through a discursive order of capitalism in the twenty-first century; 5) to investigate the discourse that subvert to socially established standards of Beauty; 6) to build a didactic-pedagogical proposal for teaching history with the theme of research. The dissertation uses the qualitative approach based on Foucault's discourse analysis to understand how discourses interweave within a knowledge-power context that use the female body as a vehicle to consolidate patterns of beauty at different historical times. The sources that subsidized the analyses were collected from the Instagram profiles of plastic surgeons, dermatologists, personal trainers and digital influencers. The theoretical basis that provided us with the debate and analysis on the body of women and the patterns of beauty, is supported by the authors Michelle Perrot (2005, 2007, 2017) publication), Margareth Rago (1995, 2013, 2019), Denise Bernuzzi, Sant'Anna (2000, 2014), Paula Sibilía (2012, 2007) Naomi Wolf (1992), Soshana Zuboff (2021), Maria Luísa Jimenez (2020). The authors George Vigarello (2006) and Umberto Eco (2004) subsidized in understanding the history of beauty. To think about pedagogical doing and teaching history in basic education, the authors: Circe Bittencout (2008), Maria Auxiliadora Shimith (2004,2010) Flávia Caimi and Leticia Mistura (2022), Selva Guimarães Fonseca (2013,2009), bel Hooks (2013,2020), José D'Assunção Barros (2020). This dissertation is justified by the importance of integrating the debate on the patterns of beauty of the female body in the teaching of history of basic education, given the significant influence of social networks in the dissemination of these ideals and their impact on the self-image of adolescents who are constantly connected to Instagram.

Keywords: History teaching. Beauty of the female body. Instagram.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: O Instagram e o panóptico virtual.....	65
Imagem 2: Antes e depois de usar o filtro digital de embelezamento.....	82
Imagem 3: Filtros e racismo estético.....	84
Imagem 4: Tratamentos que reparam as marcas do tempo no rosto.....	86
Imagem 5: Projeção de envelhecimento usando filtro digital do Instagram.....	87
Imagem 6: Treino feminino e consultoria <i>online</i>	94
Imagem 7: Construindo músculos na fábrica de musas	94
Imagem 8: Fragmentação do corpo na construção da beleza ideal do corpo do século XXI.....	95
Imagem 9: Consultoria online do treino de ferro.....	96
Imagem 10: Atividades física e autodisciplina.....	97
Imagem 11: Comece a competir com você mesma.....	99
Imagem 12: Cirurgia plástica, autoestima e bem-estar.....	104
Imagem 13: Cirurgia plástica e autoestima.....	106
Imagem 14: Retirada de costelas, cintura fina: Modelo de feminilidade.....	109
Imagem 15: Antes e depois da retirada de costela.....	110
Imagem 16: Cirurgia plástica e lapidação de diamantes.....	113
Imagem 17: Recepção e internalização do discurso pelas seguidoras.....	114
Imagem 18: Subversão aos padrões de beleza corporal: Eloara Rocha.....	120
Imagem 19: Subversão aos padrões de beleza corporal: Jojo Todynho.....	124

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Catalogação das fontes.....18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SBCPC – Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: POR UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA...14

CAPÍTULO 1 - PODE A BELEZA ENSINAR HISTÓRIA? POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA..... 26

- 1.1 A micro-história e a história das mulheres.....27
- 1.2 Sobre silêncios e estratégias: história das mulheres e ensino de história.....31
- 1.3 A fôrma e a forma: problematizando a construção dos padrões de beleza no ensino de história.....40

CAPÍTULO 2 – TECENDO REDES DE CONEXÕES ENTRE O INSTAGRAM E O ENSINO DE HISTÓRIA.....50

- 2.1 Entre clicks e conexões: o Instagram e a sociedade em rede.....56
- 2.2 Ensino de História e Instagram como artefato cultural da contemporaneidade.....60
- 2.3 Instagram, panóptico e padrão de beleza no ensino de História.....64

CAPÍTULO 3 – CORPOS FEMININOS ENTRE DISCURSOS E IMAGENS: A PRODUÇÃO DA BELEZA NO INSTAGRAM.....75

- 3.1 Beleza instagramável e filtros digitais.....77
- 3.2 Moldadas a ferro e lapidadas por bisturis.....90
- 3.3 Subversividade corporal: desafiando padrões e celebrando os corpos.....115

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....127

REFERÊNCIAS.....129

INTRODUÇÃO

POR UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O Instagram se tornou uma plataforma digital importante na construção e disseminação de imagens com ideais de beleza, exercendo influência sobre a percepção que as mulheres têm de seus próprios corpos. De acordo com Sant'Anna (2014), a temática sobre os padrões de beleza do corpo feminino tem sido objeto de estudos e de pesquisas nas universidades brasileiras desde a década de 1990. Contudo, ao realizar as revisões bibliográficas, foi possível perceber uma significativa limitação da abordagem sobre os padrões de beleza estabelecidos para o corpo feminino no ensino de história da educação básica.

Ao ingressar no programa de mestrado profissional em ensino de história, surgiu a oportunidade de aproximar o conhecimento acadêmico do ensino de história na educação básica. Ou seja, proporcionar debates aos estudantes, por meio do ensino de história, com temas que estão sendo discutidos nas universidades e que raramente chegam ao ensino básico, visando preencher lacunas existentes e proporcionar abordagens para o entendimento dos padrões de beleza, considerando o papel influente das redes sociais, especialmente o Instagram. Sendo assim, esta dissertação se justifica pela necessidade de agregar ao ensino de história na educação básica debates sobre padrão de beleza do corpo feminino difundido pela rede social Instagram. Esse tema converge com a realidade dos estudantes imersos na era digital e fomenta um pensamento crítico sobre as publicações da rede social, as quais contribuem para formar um ideal de beleza sobre o corpo das mulheres.

Em minhas aulas, busco prepará-las a partir de uma perspectiva que inclua o diálogo sobre as mulheres como sujeitos históricos. Reconhecer-me como um sujeito histórico foi um processo que demandou bastante tempo, especialmente devido à ausência da história das mulheres nos currículos tradicionais. Como responsável pelas minhas aulas, me sinto comprometido em proporcionar oportunidades de pensamento e reflexão, apesar dos obstáculos diários, como a falta de abordagem de temas relacionados à história das mulheres nos livros didáticos e no currículo tradicional que ainda permeia a educação básica no Brasil.

Ensinar história, por meio da temática sobre a beleza, é poder escrever e ensinar a história por e com outros sujeitos históricos. Dialogar com as alunas e

alunos sobre padrões de beleza, é também se posicionar em defesa de um ensino de história feminista, digo isso, pois o interesse em investigar o tema está ligado à minha trajetória pessoal e profissional. Ao abordar o tema das práticas discursivas sobre o corpo feminino no Instagram, estou refletindo sobre aquilo que me impulsiona, me envolve e me sensibiliza como mulher, feminista, professora.

A motivação em pesquisar sobre os discursos que envolvem os padrões de beleza para a mulher, surgiu a partir de minhas experiências como professora, ao participar das interações dos estudantes em sala aula, em que observei que as conversas deles se concentravam com bastante interesse nas fotos e publicações compartilhadas no Instagram.

Em uma situação específica na sala de aula, a euforia do diálogo entre os estudantes se dava pela quantidade de *likes* obtidos em fotos que uma delas havia publicado na rede. As adolescentes ficaram particularmente entusiasmadas com as possibilidades de retocar o rosto e o corpo nas fotos usando os filtros de edições digitais disponíveis no Instagram. Para elas, essa ferramenta disponibilizada na rede social Instagram, representava uma chance de alcançar uma aparência mais perfeita, para mostrar aos seus seguidores e amigos virtuais. Além disso, me chamou a atenção o fato dessas adolescentes projetarem possíveis intervenções cirúrgicas tanto no corpo quanto no rosto, tudo para corresponder ao padrão de beleza e simetria estabelecido pelos filtros digitais.

Naquele momento de escuta, fui envolvida por algumas inquietações, que me levaram à seguinte problematização: como são constituídas as práticas discursivas em torno do padrão de beleza do corpo feminino na rede social Instagram? Para responder essa indagação o objetivo geral da pesquisa, e consequentemente, da dissertação, consiste em analisar as narrativas discursivas sobre padrão de beleza do corpo feminino disseminado na rede social Instagram. Os objetivos específicos estão, metodologicamente, organizados na seguinte perspectiva: 1) compreender como foram construídos os discursos de padrões de beleza para corpo feminino ao longo do tempo; 2) Identificar os padrões de beleza facial projetados por filtros digitais; 3) Analisar os discursos de profissionais da medicina e da educação física e de digitais *influencers* em torno da beleza feminina; 4) Demonstrar aos estudantes que os padrões de beleza sobre o corpo da mulher se consolida por meio de uma ordem discursiva do capitalismo no século XXI; 5) Investigar os discursos que subvertem aos padrões de beleza socialmente estabelecidos; 6) Construir uma proposta didático-

pedagógica para o ensino de história com o tema dessa pesquisa, para orientar professores de história da educação básica¹ sobre o discurso do padrão de beleza do corpo feminino.

A abordagem metodológica adotada neste estudo é qualitativa, com foco na análise de discurso, o qual nos permitiu explorar as nuances discursivas presentes nas fontes selecionadas, propiciando identificar as práticas discursivas utilizadas para a construção do ideal de beleza. Ao analisar as fontes por meio do conceito de discurso foucaultiano foi possível identificar que a constituição discursiva da beleza em torno do corpo feminino se deu a partir do século XX com o avanço do capitalismo, tendo como grande propagadora desses ideais de beleza as revistas voltadas para o público feminino como também o cinema e a TV. Assim se fez necessário examinar a produção do discurso e os efeitos de verdade que ele produz contribuindo para a construção de uma dada realidade, ou seja, como os discursos sobre o padrão de beleza encontrou no corpo das mulheres um terreno fértil para alimentar o capitalismo no século XX e se consolidar no século XXI, dada a grande expansão de público proporcionada pelas redes sociais, especificamente o Instagram.

Sobre o conceito de discurso, utilizado nessa dissertação, Foucault (1996), menciona que nas mãos do historiador, o discurso é matéria-prima, em que podem ser compreendidos múltiplos significados de determinada sociedade, cultura e tempo histórico. Dessa forma, a combinação das fontes de pesquisa, a abordagem metodológica qualitativa com a análise de discurso tendo as reflexões de Foucault como arcabouço teórico, possibilitou no percurso da pesquisa dessa dissertação, compreender como os discursos sobre o padrão de beleza se estabelece ao longo de diferentes períodos históricos, e como esse discurso se consolida por meio de instituições que fabrica um saber sobre o corpo da mulher.

Sendo o Instagram o lócus de investigação da pesquisa, e consequentemente da dissertação, foi aplicado para a coleta de fontes, o método netnográfico², desenvolvido por Kozinets (2014), que consiste em imergir no mundo virtual, adotando a postura de observador para evitar interferir nas interações sociais entre os usuários das redes sociais, e assim obter uma melhor análise em como as interações *online*

¹ A Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio.

² Para Kozinets (2014), o método netnográfico, tem como abordagem observar grupos sociais que interagem por meio da internet, para investigar sobre fenômenos culturais que surgem no ciberespaço.

dos usuários dessa rede social impactam os seres humanos em suas práticas sociais e culturais na vida *offline*.

As coletas das fontes ocorreram nos meses de janeiro a junho de 2023, envolvendo os seguintes passos: identificação dos perfis na rede social Instagram que atendia a perspectiva do tema pesquisado, como perfis de *personal trainers*, influenciadoras digitais, cirurgiões plásticos e dermatologistas. Após seleção desses perfis, visitas diárias eram realizadas para verificar as publicações e interações sociais entre os donos dos perfis e seus seguidores.

As imagens foram capturadas por meio de *prints*³ dos *reels*⁴, *stories*⁵ e *feeds* dos perfis selecionados no Instagram desses profissionais. Posteriormente foram registrados, junto às fontes o endereço do perfil, data de publicação e da coleta da fonte.

Ao contrário dos documentos pesquisados em arquivos físicos, as fontes digitais têm a tendência em desaparecer com apenas um clique no *mouse*. Para não mitigar o risco de perda dessas fontes, adotou-se a prática em armazená-las em uma pasta no *google drive* associado ao *e-mail* da pesquisadora, assegurando a organização e a disponibilidade do material para análise de fonte nesta dissertação.

Buscando obter uma visão mais ampla dos discursos analisados optou-se em não direcionar a coleta de fontes para um único perfil do Instagram, por compreendermos que as práticas discursivas relacionadas à beleza do corpo feminino são pulverizadas por profissionais de áreas distintas, como médicos, educadores físicos e influenciadores digitais⁶. Inicialmente, foram coletadas sessenta e oito fontes, das quais dezessete foram selecionadas, por melhor se adequarem ao objeto de pesquisa desta dissertação e contribuir para responder à pergunta norteadora.

Para conseguir as imagens fixas, das postagens feitas por vídeos, foi preciso pausá-los e fazer os *prints* das partes que precisávamos para compor essa dissertação. Em seguida foi organizada as seriações dessas fontes, para analisa-las e

³ *Prints*: captura de tela de um dispositivo eletrônico, como um computador, celular ou *tablet*. Ato de registrar visualmente o conteúdo exibido na tela em um determinado momento, que pode ser uma imagem estática como foto ou imagem em movimento, com um vídeo. (Oliveira, 2020)

⁴ *Reels* é uma função do Instagram, uma plataforma de mídia social, que permite aos usuários criar vídeos curtos com duração de 15 a 60 segundos. (Oliveira, 2020)

⁵ *Stories* no Instagram é uma funcionalidade que permite aos usuários compartilhar fotos e vídeos curtos que desaparecem após 24 horas. (Oliveira, 2020)

⁶ Digital influencer é uma pessoa que tem influência sobre um público nas redes sociais e na internet em geral. Eles são reconhecidos por sua capacidade influenciar opiniões, escolhas e comportamentos de seus seguidores, muitas vezes em áreas específicas, como moda, beleza, vida fitness, viagens, tecnologia, culinária, entre outras.

problematiza-las. Também, foram captadas imagens fixadas nos *feeds*, como selfies, legendas e comentários das publicações dos perfis analisados. Os perfis no Instagram de sete médicos foram escolhidos, sendo cinco especializados em cirurgia plástica e dois em dermatologia. Na área de educação física, selecionamos quatro imagens de dois perfis de *personal trainers*, além de seis imagens de três perfis de digital *influencers*.

Os perfis analisados são públicos, o que implica que qualquer pessoa que esteja conectada à plataforma e possua uma conta no Instagram tenha acesso ao conteúdo dos perfis sem necessitar da aprovação do titular da conta. Portanto, para organizar a categorização das fontes, foi elaborada uma tabela detalhada, conforme apresentado a seguir:

Tabela 1 - Categorização das fontes

Área Profissional	Instagram	Quantidade de seguidores	Categoria	Quant. de fontes
Digital Influencers	@amandanmassari	53,7 mil	Filtro facial	02
Dermatologista	Drvictorbechara	19,1 mil	Filtro facial	02
Personal Trainer	@ptggiovanelli @treinodeferro	94,1 mil 43,9 mil	atividade física e disciplina	02
Cirurgião Plástico	@dralexandreveloso @gabrielcavalcanti	13,6 mil 23,7 mil	Cirurgia Plástica e Autoestima	03
Cirurgião Plástico	@drbeatrizformighieri	41 mil	Remoção de costelas e cintura feminina	02
Cirurgião Plástico	@dreduardosauter	55 mil	Corpo, diamante lapidado	03
Digital Influencer	@eloararochoa @jojotodynho	34,8 mil 27,6 mil	subversão aos padrões de beleza corporal	05

Fonte elaborada pela autora

Conforme distribuídos na tabela acima, as fontes foram selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa desta dissertação e organizadas em categorias. A categorização incluiu os seguintes temas: filtro facial, atividades físicas e disciplina, cirurgia plástica e autoestima, remoção de costelas e cintura feminina, corpo lapidado, subversão aos padrões de beleza corporal. Essa escolha de categorização decorreu da identificação de repetições e tendências dessas palavras nos perfis dos profissionais selecionados. Além disso, optou-se por incluir perfis com mais de 10 mil

seguidores, visando obter mais informações sobre a interação dos seguidores com as postagens feitas pelos profissionais da área da beleza, para que pudéssemos analisar como esses discursos são recebidos por suas seguidoras.

É pertinente esclarecer que o referencial teórico usado nessa dissertação, são de historiadoras e historiadores que abordam sobre a história das mulheres, história do corpo, história da beleza e história das mídias sociais.

Para analisar os avanços e as lacunas existentes no campo de estudo das práticas discursivas sobre o corpo feminino no Instagram, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e tal seleção de materiais para a revisão bibliográfica ocorreu nos sites da biblioteca eletrônica SciELO e no banco de dissertações e teses da CAPES. A procura pelas bibliografias foram feitas usando as palavras-chave Instagram, ensino de história, subjetividade feminina, corpo feminino, padrão de beleza, sendo encontrados oito trabalhos acadêmicos: 03 (três) artigos na área da Psicologia, 01 (uma) monografia na área de Ciências Tecnológicas, 01 (uma) dissertação na área de Educação Física, 01 (uma) tese na área da Educação e 01 (uma) dissertação na área de Ensino de História. Todas essas produções são fruto de pesquisas realizadas em diversos campos do conhecimento, convergindo para um interesse comum: a análise do corpo feminino como alvo de disciplina, consoante ao padrão de beleza estabelecido pela cultura ocidental.

Das pesquisas mencionadas acima, destacamos um artigo na área de psicologia, intitulado “Cultura da Estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina”, em que as autoras Campos, Faria e Sartori (2019) tiveram como objetivos estudar os diferentes lugares ocupados pelo corpo feminino ao longo da história e os padrões de beleza ditados, além de compreender de que forma as redes sociais, em especial o Instagram, impactam na relação da mulher com seu corpo, considerando a relevância do dispositivo *like* e da influência das digitais *influencers* neste cenário; e por fim realizaram as considerações acerca da constituição da subjetividade feminina e os possíveis adoecimentos da mulher frente aos padrões atuais de beleza reconstruídos diariamente. As autoras optaram pela metodologia de pesquisa exploratória qualitativa, e concluíram que a mulher contemporânea tem seus desejos direcionados pelo mercado capitalista, e que a busca para se encaixar ao padrão de beleza disseminado nas redes sociais, as tornam vulneráveis a sofrimentos psíquicos.

Na área da psicologia, sob o título “Espelho, Espelho Meu: os impactos das redes sociais na construção da subjetividade feminina”. Um estudo realizado pelas

autoras Pinho e Prudente (2001), concentra-se na experiência feminina, e tem como objetivo de pesquisa promover uma reflexão sobre o papel das redes sociais na formação da subjetividade das mulheres. Além disso, as autoras fizeram a análise sobre o narcisismo e sua conexão com a busca implacável dos padrões de beleza irreais promovidos pelas redes sociais. As autoras concluíram que os avanços tecnológicos, particularmente no ciberespaço⁷, principalmente as redes sociais, têm contribuído para promover um consumismo desenfreado, tornando muitas mulheres alvo de uma cultura estética que promove a busca incessante pela imagem "perfeita".

A tese na área da educação física intitulada "A corporeidade no ciberespaço: estilo de vida, dor, sacrifício e feminilidades das mulheres na cultura do músculo", de Oliveira (2018), objetivou compreender a corporeidade de mulheres na cultura do músculo no Instagram. Em seu estudo a autora salienta que as redes sociais constituem um espaço de agenciamento de distintas formas de sociabilidades, distinguindo-se por disseminar outros padrões de corpo e forjando outras representações acerca de estilos de vida, do ideal de corpo e beleza na sociedade, especificamente na brasileira. A metodologia da pesquisa realizou uma etnografia online⁸. Para realização da pesquisa, a autora adotou como fontes: vídeos, imagens, fotografias e narrativas publicadas de postagens dos perfis selecionados. A análise evidenciou os sentidos atribuídos pelas mulheres em suas postagens à construção corporal como um processo pessoal, em que a dor e o sacrifício são aspectos presentes para o próprio reconhecimento social. A pesquisa demonstrou que ao adotarem esse outro estilo de vida e outro padrão corporal, diversas mulheres podem estar contribuindo para ressignificar o sentido de "feminilidade" por meio de suas práticas corporais no contexto da cultura do músculo veiculada nas redes sociais.

Por um lado, as bibliografias selecionadas forneceram subsídios para compreender como os discursos e normas sociais propagados na rede social Instagram incidem diretamente, e chegam a influenciar a construção da imagem corporal feminina, levando as mulheres a se sentir pressionadas em seguir padrões

⁷ Castells (1999) descreve o ciberespaço como um novo espaço virtual que deu origem à "Sociedade em Rede", trazendo mudanças significativas nas práticas culturais, especialmente nos movimentos culturais. A "Sociedade em Rede" é formada pela internet, que congrega várias redes, incluindo computadores, pessoas e informações, redefinindo as interações culturais na era digital.

⁸ De acordo com Kozinet (2014), a etnografia *online*, também conhecida como netnografia ou ciberetnografia, é uma abordagem de pesquisa que aplica os princípios da etnografia tradicional ao estudo de comunidades, culturas e comportamentos online. É uma metodologia que busca entender as dinâmicas sociais, interações e práticas culturais que ocorrem em ambientes digitais, como redes sociais, fóruns, blogs, jogos online e outros espaços na internet.

inatingíveis de beleza. Por outro, percebi que, mesmo sendo um assunto recorrente entre os estudantes da educação básica, esse tema não é abordado no espaço escolar. Portanto, o que difere o presente estudo de outros já realizados, é a proposta de produzir um material didático pedagógico sobre o tema “Instagram e padrões de beleza do corpo feminino”, para ser trabalhado no ensino de história na educação básica.

Para a construção dos referenciais teóricos, foram reunidas obras de autoras que se dedicaram à pesquisa da história das mulheres e à história do corpo. Essas leituras foram fundamentais para uma compreensão aprofundada da construção do discurso em torno da beleza do corpo feminino, pois forneceram as bases conceituais e analíticas necessárias para a análise das fontes que compõem esta dissertação.

Michelle Perrot (2007), na obra "Minha História das Mulheres", apresenta uma narrativa histórica que destaca o papel ativo das mulheres como protagonistas e agentes sociais em sua própria história. O livro aborda a opressão de gênero em várias interações sociais que influenciaram as mudanças no comportamento e na autoimagem das mulheres. A autora não buscou simplesmente preencher as lacunas deixadas pela violência, dominação ou invisibilidade, mas sim compreender e esclarecer a complexidade das experiências das mulheres ao longo da história. A leitura da obra da autora oferece uma visão multifacetada e rica da história das mulheres, contribuindo para assimilar que pesquisar sobre os padrões de beleza do corpo feminino é tecer um dos fios dessa imensa tela que é a história das mulheres.

Por sua vez, Margareth Rago (1995), contribuiu para a reflexão sobre a importância de incorporar a perspectiva feminista na pesquisa histórica brasileira. A autora destaca o conceito de subjetividade feminina, que consiste na forma como as mulheres constroem e vivenciam sua própria maneira de ser, pensar, sentir e se relacionar com o mundo. Ao explorar essa definição, possibilitou-se a compreensão das fontes explorada nessa dissertação.

As leituras das obras de Denise Bernuzzi Sant'Anna (2000), me proporcionaram a desconstrução do pensamento sobre o corpo feminino como algo naturalmente dado, que vai além da sua materialidade biológica. Por meio dessa autora, foi possível reconhecer que o corpo feminino é um construto social e cultural, que se modifica em determinado tempo histórico. Além disso, com essa leitura foi possível compreender o quanto os ideais de beleza desempenham um papel relevante nas práticas disciplinares e de controle direcionadas ao corpo feminino e

como a produção e disseminação de um único padrão de beleza se insere na nova ordem capitalista do século XX.

Sant'Anna (2014), em sua revisão bibliográfica, destaca a importância de compreender a economia simbólica que influencia e transforma os corpos, ao mesmo tempo, em que cria e recria padrões de beleza. A autora realiza uma análise da interação entre o corpo e o capitalismo, ressaltando como esse relacionamento moldou e continua a perpetuar um mercado lucrativo ligado à imagem corporal da mulher. Suas reflexões demonstra a relação entre corpo e beleza na contemporaneidade, enfocando questões de gênero, poder e identidade. Sant'Anna examina com criticidade, como as normas de beleza afetam a formação da autoimagem e da identidade pessoal da mulher, evidenciando os impactos das representações corporais na mídia e na cultura popular. Além disso, ela explora como a beleza é empregada como uma ferramenta de poder e controle na sociedade, especialmente nas indústrias da moda e da cosmética. A autora também analisa como os avanços científicos do século XX, como a cosmetologia, a biotecnologia e a cirurgia plástica, influenciaram as mulheres a buscar modificações físicas em seus corpos. De acordo com Sant'Anna, o capitalismo do século XX imputou às mulheres a responsabilidade individual de alcançar um ideal de beleza irreal, levando muitas vezes à exaustão da própria identidade corporal.

Seguindo uma direção semelhante a que foi apontada por Sant'Anna (2014), Wolf (1996) oferece subsídios para compreender em como as imagens de perfeição são usadas contra as mulheres nos mais diversos âmbitos: trabalho, cultura, religião, sexo. A autora considera a beleza como um mito⁹ construído pelo patriarcado usado como forma de opressão às mulheres, e aliado com a indústria da beleza se beneficia da insegurança das mulheres, promovendo uma cultura de insatisfação com seus corpos perpetuada pela veiculação desses ideais inatingíveis de beleza na mídia. Pensando nisso Wolf (1996), destaca que os mitos tradicionais, que antes eram usados para coagir as mulheres socialmente vinculado à maternidade, domesticidade e castidade, foram substituídos pelo mito da beleza, ou seja, a mulher já alcançou toda a liberdade no âmbito sexual, é necessário, portanto, criar outro mito para reprimir ou assegurar que as mulheres estejam com seu tempo preenchido em cuidar

⁹ Wolf (1996), apropria-se do conceito de mito, por entender que a beleza tem um caráter simbólico, imagético, irreal e inalcançável. E sendo a beleza algo mutável conforme cada cultura, etnia e condições históricas, a autora entende que a padronização da beleza é uma invenção social.

de sua própria aparência na busca de uma beleza inatingível. A autora também defende que o mito da beleza é uma construção do patriarcado que serve para manter a rivalidade entre as mulheres.

Umberto Eco (2004), contribui para entendermos o percurso da ideia de Beleza na história, em que o autor por meio da arte e da literatura faz comparações dos padrões de beleza da Grécia Antiga ao Renascimento. Por sua vez, George Vigarello (2006) nos propicia a entender que as dinâmicas temporais, sociais e culturais determinam os critérios de beleza. O autor também nos oferece subsídios para compreender que até o século XVII, o foco de embelezamento da mulher era o rosto, e que somente no século XVIII, com o processo de urbanização, foi que o corpo da mulher passou a ser alvo de padronização de beleza.

Os referenciais teóricos supracitados contribuíram para compreender que a imposição de padrões de beleza ao corpo feminino é somente um dos fios que se entrelaça para compor esse tecido social e cultural, chamado de mulheres. Tendo em vista a articulação teórica apresentada, esta dissertação foi estruturada em três capítulos e sistematizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo, intitulado “Pode a beleza ensinar história? Possibilidades pedagógicas para o ensino de história na educação básica.”, propõe o exercício de um olhar compreensivo sobre o passado. A intenção é que alunas e alunos reconheçam a distinção entre o presente e o passado, compreendendo que em torno da beleza feminina existem discursos construídos pela sociedade patriarcal e capitalista. Esses discursos influenciaram na percepção que as mulheres têm de sua própria beleza, tanto no passado quanto no presente. Nele exploramos a relação entre a história das mulheres e os padrões de beleza ao longo da história. Também destacamos sobre a inclusão das mulheres nas pesquisas históricas que se deu por meio da contribuição dos historiadores da *Escola dos Annales*, ao inserirem novas fontes como objeto de pesquisa, possibilitando a abordagem histórica por meio de novos sujeitos, incluindo a história das mulheres. Enfatizamos o papel dos movimentos feministas em quebrar os silêncios e a invisibilidade das mulheres ao longo da história. Ao explorar os padrões de beleza desde a Grécia Antiga até o século XXI, não tivemos a pretensão em fazer uma história linear da beleza, nosso interesse foi investigar como diferentes discursos sobre a beleza foram apropriados por diversas instituições, incluindo a igreja, a medicina, a arte como também o mercado capitalista da indústria de cosméticos. Desse modo concluímos nesse

capítulo que a naturalização e disseminação dos discursos dos padrões de beleza, passaram por transformações pelos períodos históricos, mas que em todos os períodos históricos a padronização do que é belo, sempre recaiu no corpo da mulher. Neste capítulo, desenvolvemos estratégias para ensinar conceitos como: temporalidades históricas, beleza, sujeitos históricos, movimentos feministas.

O segundo capítulo com o título “Tecendo Redes de Conexões entre o Instagram e o Ensino de História”, investigamos o Instagram para além de uma simples plataforma de compartilhamento de fotos e interações sociais, mas o utilizamos como fonte de pesquisa para o ensino de história, para conduzir as alunas e alunos a analisarem em como os recursos como *likes*¹⁰, *algoritmos*¹¹, *reels*¹² e *stories*¹³, dessa rede social, servem para atrair consumidores para o mercado da beleza, promovendo os ideais de beleza feminina por meio de compartilhamentos de imagens que exaltam padrões físicos tidos como ideais. Nesse capítulo, desenvolvemos propostas de atividades para serem trabalhadas no ensino de história na educação, para que os estudantes apreendam conceitos de fontes históricas, panóptico virtual e capitalismo da vigilância.

No terceiro capítulo “Corpos femininos entre discursos e imagens: a produção da beleza no instagram”, utilizamos o Instagram com um lócus para coleta de fontes, compostas por imagens e legendas, que proporcionou a análise dos discursos dos cirurgiões plásticos, dermatologistas, *personals trainers* e digitais *influencers*. Ao utilizar essas imagens no ensino de história na educação básica, pretende-se conduzir os estudantes em analisar como as imagens são carregadas de discursos que normatizam o que é considerado um corpo belo e feminino para as mulheres. Assim, com a proposta pedagógica que envolve a análise das imagens apresentadas nesta dissertação, espera-se que os estudantes possam compreender que os discursos sobre o corpo feminino considerado belo, veiculados na rede social Instagram, tendem a influenciar nossa construção como sujeito mulher, nos aprisionando a um único ideal de beleza. Também propomos a reflexão que o Instagram, não apenas perpetua os discursos hegemônicos sobre um padrão de

¹⁰ *Like* no Instagram é simbolizado por um coração, é usado quando o usuário gosta ou simpatiza com a postagem marcada. *Like* é uma palavra em inglês que traduzida para o português significa: gostei.

¹¹ Algoritmos, código definido por uma sequência numérica responsável pela realização de buscas inteligentes, classificação de postagens, segmentação de públicos (Oliveira, 2020).

¹² Ferramenta dentro da plataforma Instagram que permite compartilhar vídeos curtos.

¹³ Trata-se de uma maneira de os usuários compartilharem fotos e vídeos curtos que desaparecem após 24 horas.

beleza, mas também oferece oportunidades para a subversão desses discursos, evidenciado pela crescente quantidade de perfis criados por mulheres engajadas a construir novas narrativas de aceitação aos corpos, mulheres que exercem sua subjetividade na rede social Instagram. Neste capítulo, a proposta pedagógica é desenvolver conceitos como: discursos, poder-saber e subjetividade, para que alunos e alunas possam fazer a leitura crítica dos conteúdos postados no Instagram.

A seguir, no primeiro capítulo uma reflexão se construiu tendo por referência a seguinte indagação: Pode a beleza ensinar história?

CAPÍTULO 01 – PODE A BELEZA ENSINAR HISTÓRIA? POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Ela tinha a beleza de Afrodite e a sabedoria de Atena, mas lutava uma guerra dentro de si que nem Áries podia controlar.
(Autor desconhecido).

A epígrafe acima não apenas confere beleza a esse capítulo, ela foi aqui mencionada por estar em consonância às experiências e conflitos internos vividos pelas jovens estudantes por não se encaixarem ao padrão de beleza determinado pela sociedade. As estudantes, mesmo possuindo atributos físicos admiráveis e inteligência, vivem batalhas internas constantes, relacionadas à pressão social para corresponder a um único padrão de beleza, estabelecido às mulheres sem considerar suas multiplicidades.

Com a finalidade despertar nas/nos estudantes reflexões que os ajudem a interpretar as experiências de suas vivências do presente, com um olhar aguçado sobre o passado, para compreenderem que, em torno da beleza feminina existem discursos construídos pela sociedade patriarcal e capitalista influenciando na percepção que as mulheres têm de sua própria beleza, tanto no passado quanto no presente. Naomi Wolf (1992), em sua obra “O Mito da Beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres”, menciona que:

A beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer, sistema, ele é determinado pela política capitalista e, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino (Wolf, 1992, p.15).

Portanto, em “Pode a beleza ensinar história?”, demonstramos que o conceito de padrão de beleza foi moldado por uma miríade de fatores sociais, culturais e tecnológicos que foram modificados ao longo da história, tornando as mulheres as maiores afetadas quanto aos cuidados para com a beleza. Sendo assim, estudar sobre os padrões de beleza se torna relevante, na prática de ensino de história na educação básica, por abordar um amplo pano de fundo de contextos historiográficos, tais como as sociedades antigas e as sociedades atuais, a economia, os movimentos sociais feministas e as questões relativas a gênero masculino e feminino.

A seguir, apresentamos como foi possível integrar o tema sobre a beleza no campo do ensino de história da educação básica. Para isso, faremos uma explanação

sobre a historiografia advinda da *Escola dos Annales*, destacando a importância da inclusão de novas fontes e abordagens na construção de narrativas históricas.

1.2 – A micro história e a história das mulheres

Durante séculos, as mulheres foram invisibilizadas na historiografia, sendo incluídas nas pesquisas históricas, somente no século XX, quando as produções historiográficas passaram por ressignificações no campo da pesquisa, por meio dos historiadores dos Annales¹⁴. Uma das inovações nas pesquisas historiográficas foi a ampliação de novas fontes, possibilitando a inclusão de novos objetos de estudo, considerando os sujeitos comuns como possíveis protagonistas da História. Neste momento, iniciam-se questionamentos sobre a emergência de se fazer a história das mulheres.

Conforme Burke (2011), os pesquisadores da terceira geração dos Annales deslocaram os estudos historiográficos do campo econômico para a história cultural, explorando temas do cotidiano como a infância, mulheres e o corpo. Como resultado se fez necessário a busca por métodos de pesquisas que promovessem diálogos interdisciplinares com a sociologia, antropologia e filosofia.

Naquele momento, todos os registros feitos por homens e mulheres passaram a ser considerados fontes válidas para as pesquisas históricas, tais como: diários pessoais, obras literárias, cartas e fotografias, possibilitando aos historiadores investigarem a história por meio de uma nova escala de observação, valendo-se das experiências individuais de pessoas comuns, para compreender o contexto social e cultural em que estavam inseridos¹⁵.

A metodologia de pesquisa proposta pela micro história, possibilitou narrar a história através das análises das experiências, discursos e indícios deixados não

¹⁴ De acordo com Burke (2011), a escola dos Annales, fundada na França em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch, trouxe mudanças significativas na forma de escrever a história. Com três gerações de historiadores, a escola teve líderes como Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e Jacques Le Goff. Entre as transformações trazidas pelos Annales, destaca-se a reformulação do conceito de documento e o diálogo interdisciplinar.

¹⁵ Segundo Revel (1998), a Micro História ganhou grande destaque nos anos de 1980, quando os historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi lançaram a coleção intitulada "Microstorie". Nessa obra, eles apresentaram uma metodologia diferenciada e contrastante em relação à abordagem da história totalizante. Desde então, a Micro-História tem atraído cada vez mais pesquisadores que adotam a micro história como metodologia de pesquisa, resultando no surgimento de novas narrativas dentro do campo da História Cultural.

apenas pelos homens, mas também pelas mulheres. Como mencionado por José D'Assunção Barros (2007), a redução da escala de observação possibilita ao historiador:

Enxergar aquilo que escapa à Macro-História tradicional, empreendendo para tal uma “redução da escala de observação” que não poupa os detalhes e que investe no exame intensivo de uma documentação. Considerando os exemplos antes citados, o que importa para a micro história não é tanto a “unidade de observação”, mas a “escala de observação” utilizada pelo historiador, que observa e o modo intensivo como ele observa (Barros, 2007, p.170).

Dessa maneira, em lugar de analisar grandes eventos ou a história totalizante, a micro história se dedica a estudar casos individuais, eventos específicos ou comunidades pequenas, permitindo aos historiadores capturar nuances e particularidades que podem ser perdidas em uma análise mais ampla. Nessa dissertação reduzir a lente de escala, muito nos ajudou a enxergar em como o corpo feminino foi palco para se estabelecer padrões de beleza, produzidos em diferentes temporalidades e sociedades. Nesse jogo de escala, foi possível avistar as multifaces do capitalismo na produção dos discursos em torno da beleza do corpo feminino em determinado momento histórico.

Em pesquisa feita por Teixeira (2015), a autora argumenta que abordar a metodologia investigativa proposta pela micro história, pode ser uma forma de tornar as aulas de história mais atrativas para as/os estudantes, pois sendo aplicadas tanto nas universidades quanto nas escolas de educação básica, a intenção dessa metodologia de investigação é conduzir os alunos a construir conhecimento sobre determinados temas históricos. Nesse sentido, o professor de história do ensino básico, ao adotar a micro história como metodologia de ensino para pesquisas de temas vivenciados pelas alunas e alunos, servindo para a construção do conhecimento histórico, pois a partir de situações particulares é possível compreender como os indivíduos produzem o mundo social, seja por meio dos elos que os unem ou dos conflitos que os separam.

Ao trabalhar a temática sobre a beleza, o professor de história oferece as/os estudantes aprendizados sobre diversidades e identidades, como também oportuniza às alunas desenvolverem a consciência histórica de pertencer a um grupo, neste caso, as mulheres.

De acordo com Rüsen (2001), para a construção do pensamento histórico, é preciso que os professores se atentem não somente em como ensinar história, mas também em como as/os estudantes aprendem história. Para que haja aprendizado histórico, segundo o autor, existem cinco elementos fundamentais no processo cognitivo para que se possa desenvolver o conhecimento histórico, que são: 1) princípios do sentido histórico, que consiste na capacidade de dar sentido a história, ou de organizar a teoria do pensamento histórico; 2) A necessidade de orientação em que o indivíduo passa a compreender eventos significativos que causam mudanças fundamentais na sociedade; 3) Discurso de simbolização que envolve olhar para o passado para significar o presente, permitindo assim, desenvolver problematizações históricas que ajudem a dar sentido às experiências do tempo presente; 4) Estratégia cognitiva que envolve investigar fatos e evidências por meio de pesquisas e interação com fontes, visando uma melhor compreensão dos fatos históricos; 5) Estratégias estéticas, que se relacionam com as formas de representação ou materialização do conhecimento histórico, as estratégias estéticas dizem respeito em como o conhecimento será apresentado (narrativa histórica, a seleção de imagens, o uso de gráficos, mapas ou qualquer outra forma de representação visual) que contribua para a compreensão do passado. Ao apropriar-se desses elementos, o indivíduo será capaz de refletir criticamente sobre as experiências históricas e sua influência no presente.

Considerando as premissas de Rüsen (2001), é necessário que os professores e professoras de história orientem as alunas e alunos na organização do pensamento histórico, considerando os três tempos fundamentais: passado, presente e futuro. Inicia-se a partir do presente, problematizando questões que conduzam a uma imersão no passado em busca de respostas. Ao identificar as possíveis respostas oferecidas pelo passado, constrói-se uma compreensão mais ampla das questões do presente. Por fim, essa reflexão orienta a projeção de expectativas para transformações e permanências no futuro. A experiência da mudança precisa ser entendida com um sentido de direção, ou seja, como um horizonte de expectativas. Nesse sentido, o autor menciona que:

Compreender uma história a qual não apresenta só a experiência passada, mas uma prospecção de futuro. É preciso que o indivíduo atribua um significado à experiência que inclua uma perspectiva de futuro. As condições de vida cotidiana devem poder perspectivar um futuro possível (Rüsen, 2001, p.47).

A aprendizagem histórica não se limita a uma abordagem linear, mas adota uma perspectiva dinâmica, conectando as temporalidades para enriquecer a compreensão dos alunos sobre o contexto em que vivem e as possíveis trajetórias futuras.

Abordar a temática sobre os padrões de beleza do corpo feminino, no ensino de história na educação básica, trata-se, portanto, em conduzir alunas e alunos a compreender que atualmente o conceito de beleza sobre o corpo da mulher, tão disseminado pela rede social Instagram não é algo dado, mas algo construído e modificado conforme cada tempo histórico. Como por exemplo, na Grécia Antiga, o conceito de belo foi determinado pelas artes e filosofia, enquanto na idade medieval a igreja católica foi uma das instituições que mais determinou o que era belo para uma mulher, já no tempo presente esse conceito foi modificado pela medicina estética, pela indústria cosmética e pelas mídias digitais, que se apropriam das mudanças dos padrões de beleza a fim de aumentarem seus lucros. Sendo assim, é possível que as/os estudantes reflitam sobre as mudanças e permanências do conceito de beleza feminina, para compreenderem que as mudanças dos padrões de beleza estão relacionadas às influências sociais, culturais e econômicas de um determinado período histórico.

Na educação básica, uma contribuição considerada útil para os professores no ensino de história, são as investigações das histórias das mulheres, conduzindo alunos e alunas a questionamentos que os conduzam a compreender os porquês e como ao longo dos tempos históricos, impôs-se às mulheres a responsabilidade de se manterem belas e joviais. Partindo dessa problematização abre-se um leque de oportunidades para que as/os jovens estudantes, desenvolvam o pensamento crítico sobre algo que acontece em suas vidas, refletindo que as cobranças de embelezamento feitas às mulheres é um problema estrutural da sociedade patriarcal e capitalista. Desse modo, os estudantes são incentivados a perceber que os comportamentos de embelezamento da mulher e os conceitos sobre os ideais de beleza da contemporaneidade são resultantes de processos históricos, e não podem ser considerados como algo natural.

Como destacou Pinsky (2009) é preciso repensar o próprio saber histórico e privilegiar abordagens analíticas. Nas palavras da autora:

Não basta acrescentar as mulheres aos livros de História, é preciso repensar o próprio saber histórico e privilegiar abordagens analíticas.

Atendendo ao apelo, vários historiadores procuraram explicar o desenrolar do processo histórico oferecendo novas narrativas, apresentando novas causas e demonstrando consequências antes ignoradas (Pinsky, 2009, p. 161).

Abordar a temática sobre padrões de beleza à mulher, enriquecem o ensino e a aprendizagem histórica, proporcionando às alunas e alunos se perceberem como agentes históricos refletindo sobre os modos de consumo, e que o sistema capitalista compreende que as mulheres estão dispostas a pagar um preço elevado, seja colocando a sua vida em risco nos centros cirúrgicos ou investindo valores altíssimos em cremes na busca de encaixar-se ao padrão de beleza de seu tempo.

É preciso que as mulheres se percebam como sujeitos históricos do tempo presente e se posicionem com criticidade se pretendem ou não se assujeitarem¹⁶ a essa ordem capitalista, que é o consumo desenfreado para se enquadrar ao ideal de beleza da contemporaneidade. Portanto, por meio do tema sobre os padrões de beleza da mulher, visamos propiciar as/os estudantes, o desenvolvimento da consciência histórica em que se possa imaginar outros futuros.

Os subtítulos a seguir demonstrará as contribuições dos movimentos feministas para a inclusão das mulheres na narrativa histórica e suas conquistas pelo direito ao seu próprio corpo.

1.3- Sobre silêncios e estratégias: história das mulheres e ensino de história

As mulheres tem sido frequentemente marginalizada nas narrativas históricas, tanto nos livros didáticos quanto nos documentos que norteiam o currículo escolar. Nesta seção, propomos explorar os desafios e oportunidades para integrar o tema sobre o padrão de beleza do corpo feminino, apresentando algumas propostas de ensino para as aulas de história, destacando a importância dos movimentos feministas na construção da história das mulheres.

Apesar das mulheres terem tido muitas conquistas em relação ao seu próprio corpo, ainda somos subjugadas pelas escolhas que fazemos em relação à roupa que usamos, ao corte de cabelo e até mesmo a cor do esmalte. A oportunidade em

¹⁶ Segundo Michel Foucault, (1999), o termo "assujeitar" refere-se ao processo complexo pelo qual os indivíduos são submetidos e moldados por meio de discursos, práticas e instituições sociais que operam como mecanismos de poder na sociedade. Esse conceito destaca a interação entre o poder, a construção de subjetividades e a normalização de corpos e identidades, evidenciando a influência das estruturas sociais na formação das experiências individuais e coletivas.

dissertar e propor um material didático pedagógico que aborde o tema sobre padrões de beleza do corpo da mulher para o ensino de história na educação básica, devo parte dessa iniciativa às feministas que lutaram para que as mulheres fossem reconhecidas como sujeitos de direitos. É pelas lutas feministas, que hoje desfrutamos de direitos em exercer uma profissão, frequentar curso superior, ter autonomia sobre nosso corpo, incluindo o direito de escolher a roupa que se queira vestir, de se maquiar, a cor de esmalte e batom que se queira usar e até mesmo, o direito de expor o corpo nas redes sociais. Todas essas conquistas, devemos aos movimentos feministas.

Para que as alunas e alunos possam situar o seu lugar social e se ver como sujeito na história, proponho primeiramente que seja introduzido no ensino de história, o conceito de movimentos feministas e sua relevância histórica, é importante que se explore os principais marcos históricos dos movimentos feministas em diferentes períodos, destacando suas causas, conquistas e impactos sociais. Partindo, desses pontos de exploração, o que se pretende demonstrar as/os estudantes, é que o feminismo emerge como um movimento libertário que busca não apenas a conquista de espaços para as mulheres no trabalho, na esfera pública e na educação, mas também que luta por uma reconfiguração das relações entre homens e mulheres. Essa luta visa garantir que as mulheres tenham liberdade e autonomia para decidir sobre suas próprias vidas e seu corpo.

Pesquisadoras feministas têm demandado que a História também inclua as histórias das mulheres, argumentando que a ausência desse tema no ensino de história contribui para perpetuação do pensamento patriarcal que negligencia a participação social das mulheres.

Na obra de bell hooks¹⁷ (2020) intitulada “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” a autora aborda que pensar o mundo pelo feminismo é uma jornada construída, pois “feministas são formadas, não nascem feministas” (hooks, 2020, p. 25). O simples fato de ser do sexo feminino não garante que as mulheres se tornem defensoras das políticas feministas. Portanto, a mudança revolucionária no

¹⁷ Escritora, educadora, feminista e ativista social. Ao nascer seus pais lhe deram o nome de Gloria Jean Watkins. Em sua fase adulta, adotou o nome “bell hooks” inspirado em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A escolha das iniciais em minúscula é um lembrete para que o conteúdo de sua escrita tenha maior enfoque do que sua pessoa. Para manter a vontade da autora, o seu nome nessa dissertação será grafado em letras minúsculas.

processo de conscientização feminista ressalta a importância de compreender o patriarcado como um sistema de dominação e os meios pelos quais ele é perpetuado. A partir dessa perspectiva, a autora enfatiza a urgência e a necessidade de uma educação feminista para desenvolver uma consciência crítica.

Os movimentos feministas podem ser apresentados às alunas e alunos por meio de uma perspectiva cronológica conhecida como “ondas”, que são diferenciadas pelas demandas e pautas de reivindicações consideradas apropriadas para cada momento histórico. Segundo Caetano (2007), os movimentos feministas tem demandas específicas, conforme o desenvolvimento histórico e as transformações na sociedade, avançando em direção a outras questões, à medida que o tempo passava e a sociedade sofria mudanças.

Perrot (2007), considera que os primeiros indícios de movimento social de cunho feminista surgiram por volta do século XIX, em que as mulheres começaram a se organizar e lutar por seus direitos, concentrando-se na luta por direitos políticos, como o direito ao voto e à participação na vida pública.

A segunda onda do feminismo emergiu na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), ampliando as pautas de reivindicações e questionando as normas sociais e culturais que reforçavam a desigualdade de gênero. Essa fase os movimentos feministas as reivindicações não se limitaram as pautas sobre trabalho, vida pública e educação, mas também “por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo” (Caetano, 2007, p.06). As mulheres reivindicavam por direitos de decisão referente à maternidade, igualdade salarial, combate à violência doméstica e maior representação em cargos de liderança.

Por meio dos movimentos feministas, as mulheres notaram que a dominação não se limitava apenas à classe social, mas também incluía a dominação do homem sobre a mulher. Esses debates possibilitaram o descortinar de temas como a violência doméstica e sexual, o controle do próprio corpo, o prazer sexual, o acesso ao aborto e contraceptivos, tornando mais visível a dicotomia entre ser mulher e ser homem. Reivindicando o direito de dispor de seus corpos, as mulheres estariam atuando como sujeitos de direitos. Entendemos que essa reapropriação não se limitava apenas a garantir direitos, mas também a realizar uma reapropriação histórica do corpo e de seu gênero, buscando alcançar autonomia em uma contínua batalha pela liberdade.

De acordo com Limeira; Faria (2021), um dos grandes marcos históricos do movimento feminista está justamente ligado a imposição de padrões de beleza, exemplificado pelo protesto conhecido como "Queima de sutiãs", protagonizado por mulheres ativistas do movimento Woman's Liberation Movement nos Estados Unidos durante o concurso Miss America de 1968. Durante o evento, elas estenderam uma faixa com a mensagem "Liberação Feminina" e planejavam queimar objetos como sutiãs, maquiagens e espartilhos, símbolos da imposição de uma ditadura da beleza. No entanto, devido ao concurso não ocorrer em um espaço público, o ato não foi realizado literalmente, mas atraiu grande atenção da mídia, gerando uma repercussão mundial e levando a uma profunda reflexão sobre questões de gênero e padrões estéticos.

A terceira fase do movimento feminista, também conhecida como a "terceira onda", de acordo com Del Priore (2001), foi marcada pelos debates em torno da desconstrução da ideia de que a categoria "mulher" é um sujeito único, as pautas neste momento do feminismo consistiam em debater não somente as desigualdades entre homens e mulheres, mas também as desigualdades que as mulheres enfrentavam entre si, como as diferenças de raça, classe e religião. Surgindo, portanto, uma filosofia das diferenças, emergindo a importância de se pensar em temas como diversidade e subjetividade nas vivências femininas.

A relação entre o feminismo e as mudanças na historiografia contribuíram para estabelecer as mulheres como sujeito histórico. Conforme Perrot (2007), existem três aspectos que foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre as mulheres, que são: o aspecto científico, relacionado à crise dos grandes paradigmas explicativos; o aspecto sociológico, que envolveu a feminização da universidade com a entrada das mulheres como alunas e professoras, o que possibilitou novos olhares, questionamentos e pesquisas sobre as mulheres; e, por fim, o aspecto político, em que as mulheres puderam participar nas decisões políticas. Esses elementos combinados contribuíram para maior visibilidade das mulheres como sujeitos históricos, despertando interesses no meio acadêmico para a produção de pesquisas. Assim, a história das mulheres se deu como uma vertente dentro da história social, ganhando impulso e visibilidade no meio acadêmico a partir dos anos de 1960 nas universidades dos Estados Unidos.

Na década de 1970 no Brasil, a esfera historiográfica foi notavelmente afetada pela influência dos estudos marxistas, surgindo a história social. Nesse mesmo

período, ganhou destaque a contribuição significativa da historiadora Michelle Perrot (2017) com sua obra “Os excluídos da história”, em que a autora se concentrou na análise da opressão enfrentada pelas mulheres operárias dentro das fábricas. Esse momento foi significativo para o desenvolvimento da história social das mulheres, uma vez que essa abordagem se empenhou em reconhecer marcas tanto da opressão masculina quanto da exploração capitalista que moldaram as experiências femininas.

A partir do ano de 1980, a esfera acadêmica brasileira experimentou um notável avanço na pesquisa histórica, impulsionado por uma perspectiva feminista. Observou-se o aumento no número de publicações acadêmicas, livros e artigos em revistas dedicados aos estudos das mulheres na sociedade. Os estudos culturais ganharam destaque na historiografia brasileira, com historiadores e historiadoras que investigaram não apenas a vida das mulheres no âmbito público, mas também buscando compreender suas vivências no espaço privado e seus anseios. Para entender melhor a vida da mulher nesse contexto, foi necessário incorporar novos objetos de estudo, conforme menciona Margareth Rago (1995):

Temas como a história do corpo e da família, o amor e o pecado; a sedução e o poder, as representações da mulher nos discursos médicos e jurídicos; os códigos da moralidade feminina são incorporados como objetos históricos. O estudo da história das mulheres adquire estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia, e passa a participar mais intensamente da construção da noção de uma cultura das mulheres (Rago, 1995, p. 84).

Portanto, baseado na citação acima, entende-se que, a história das mulheres ganhou destaque como um campo de interesse nas pesquisas acadêmicas, marcando um momento em que diversos temas relacionados ao universo feminino foram reconhecidos e incorporados na construção histórica. As esferas tanto da vida privada quanto da vida pública da mulher tornaram-se objetos de interesse para os pesquisadores nos cursos de história, incidindo diretamente sobre a intenção de construir uma "cultura das mulheres" na sociedade.

Por sua vez, Fonseca (2003), menciona que as produções historiográficas contemporâneas têm avançado na ampliação temática e documental, mas a difusão das produções acadêmicas que abordam novas temáticas, não tem chegado aos estudantes do ensino de história na educação básica. Conforme a autora, a história no ensino básico, ainda é a história dos grandes feitos e da memorização de datas cívicas, o que dificulta a incorporação de novos campos temáticos e problemas, como postula a nova historiografia.

Apesar do aumento das pesquisas sobre temáticas relacionadas às mulheres nas universidades, o ensino de história na educação básica ainda enfrenta um notável silenciamento em relação às suas histórias. Esse silêncio persistente abrange tanto as narrativas presentes nos livros didáticos quanto os documentos que orientam a construção do currículo escolar, como a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018). Nesse contexto, observa-se uma ausência de temas que destacam as mulheres como protagonistas e sujeitos na história, evidenciando que, mesmo nos dias atuais, a disciplina escolar de história continua a ser ensinada sob uma perspectiva masculina, com ênfase no espaço público e em figuras políticas e econômicas.

Este silenciamento desconsidera décadas de estudos e pesquisas realizados pela historiografia e não reconhece as lutas dos movimentos sociais pela legitimidade das histórias das mulheres. No entanto, apesar desse apagamento na BNCC (2018), é possível encontrar brechas para abordar o tema, como na primeira competência específica para o ensino de história:

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p.402).

Ao falar sobre o tema de padrões de beleza do corpo feminino no ensino de história na educação básica, estamos desenvolvendo a competência dos alunos e alunas, para entender as relações de poder que o patriarcado exerce na manutenção das estruturas sociais, culturais e econômicas na contemporaneidade.

Giovannetti; Sales (2020), em análise feita sobre as histórias das mulheres e as relações de gênero na última versão da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCCEM), argumentam que neste documento que orienta a construção dos currículos escolares, as histórias das mulheres são deliberadamente silenciadas, o que mantém as mulheres no anonimato histórico, como sombras tênues de um passado não revelado. As autoras, consideram esse apagamento histórico, como um “memoricídio”¹⁸ proveniente de uma sociedade que ainda considera as mulheres como subalternas e coadjuvantes dos fenômenos sociais.

¹⁸ Memoricídio é uma forma de apagamento histórico. As autoras usaram esse conceito por considerarem que a ausência da história das mulheres nos livros didáticos de história. Nesse contexto, a mulher enquanto gênero feminino é praticamente anulada da escrita da história, ou seja, existe uma memória e uma história feminina que estão sendo ocultadas pelos produtores de livros didáticos.

Caimi; Mistura (2022), exploraram as ausências e as presenças, da história das mulheres nos livros didáticos. Ao analisar algumas coleções de livros didáticos, as autoras mencionam que em algumas coleções as abordagens sobre a história das mulheres inseriram imagens aleatórias de mulheres em diferentes atividades profissionais, acrescentando boxes com algum destaque feminino, do presente ou do passado. As autoras, mencionam que dentro do conjunto de livros analisados, há um pequeno conjunto de coleções, que demonstram esforços para abordar temas propostos pela nova historiografia, como os movimentos sociais feministas que destacam a presença das mulheres no processo histórico, como agentes e sujeitos atuantes na conquista de direitos políticos, sociais e culturais. Desse modo, às pautas relacionadas às mulheres, nessas coleções juntam-se temas contemporâneos, de natureza ética e social, que também dizem respeito à aprendizagem histórica, tais como manipulação genética no processo reprodutivo, usos das redes sociais, novos arranjos familiares, aborto, dentre outros.

Caimi; Mistura (2020) nos alerta que é preciso construir um estranhamento por parte dos professores de história à exclusão de temas que falam sobre as mulheres nos livros didáticos, pois ao não permitir que tais discussões se adentrem nas escolas de educação básica de forma legítima, nega a função social da escola em promover múltiplos debates acerca das diversidades de sujeitos históricos.

bell Hooks (2013) aponta que a busca pelo conhecimento não pode estar somente atrelada aos livros, mas também deve estar associada a pensar o mundo no intuito de transformá-lo, de articular os conhecimentos e dar sentido a eles, com o propósito de constituir um mundo com menos injustiças e desigualdades. Seguidamente a autora menciona que é preciso que façamos do espaço escolar um lugar onde o desejo de saber poderia ser alimentado e crescer e, ao mesmo tempo, servir para a luta contra as desigualdades, seja ela racial, étnica e de gênero.

Abordar o tema sobre os padrões de beleza da mulher, requer confrontar o modelo de educação adotado nas últimas décadas, o qual restringe a consciência crítica ao naturalizar os fenômenos sociais, limitando as formas de aprender e ensinar. No entanto, é de nosso conhecimento que o devir do professor de história vai além de transmitir informações; ele tem a função social em formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Portanto, em nossa prática pedagógica, é preciso elaborar os conhecimentos históricos em saberes efetivamente ensináveis. Isso permite que os alunos não apenas compreendam, mas também

assimilem e incorporem esses ensinamentos de diversas formas em seu cotidiano.

Como bem observa Selva Guimarães Fonseca:

No espaço de sala de aula, é possível o professor fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não tem direito à história, unindo o os fios do presente do passado, num processo ativo de desalienação (Fonseca, 2003, p.34).

Sendo o ensino de história, um meio que propicia o debate, a reflexão e o empoderamento intelectual, em que diversas vozes e experiências históricas são valorizadas e reconhecidas, é cabível que os professores de história possibilitem as/os estudantes diálogos para compreenderem as origens históricas dos padrões de beleza e questionem sobre as normas socialmente estabelecidas para as mulheres.

Wolf (1992) nos conduz à reflexão que enquanto as mulheres colocarem a busca pelo ideal de beleza, para a apreciação masculina, estaremos sendo conveniente a estrutura patriarcal de nossa sociedade. Para a autora, o patriarcado ao perceber as conquistas feminina no âmbito profissional e intelectual, nos impôs um padrão de beleza inatingível para que se gaste mais dinheiro e tempo com a beleza, que investir seu tempo e dinheiro no campo intelectual. Nesse sentido, a abordagem crítica proporcionada pelo ensino de história, desde a educação básica conduzirá os estudantes a repensar que, a balança da beleza tem diferença no peso para homens e mulheres.

Problematizar sobre padrão de beleza determinado para as mulheres não é apenas uma forma de ensinar as alunas a resistirem às expectativas patriarcais, mas também de instruir os alunos do gênero masculino, na desconstrução de papéis produzidos pelo machismo. Dessa forma é possível no ensino de história na educação básica, contribuir para a construção de futuras gerações menos misóginas, conduzindo as alunas e alunos, para uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Shmidt (2004), cabe ao professor de história ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas. Assim, procuramos oferecer às alunas e alunos que a problematização sobre padrões de beleza está imbricada na problemáticas que os padrões de beleza são uma construção social que classifica o outro como bonito ou feio, como gordo ou magro. Implica também auxiliar as alunas e alunos a refletir sobre as diferenças de ser homem e mulher numa sociedade que cobra somente às mulheres estarem sempre jovens e belas, e também possibilitar debates sobre as diferenças socioeconômicas das mulheres, tendo em vista algumas mulheres não terem as mesmas condições

econômicas para se manter jovial e bela conforme preconizado pela sociedade. Logo, problematizar os padrões de beleza estipulados para as mulheres, é uma das potencialidades pedagógicas para o ensino de história na educação básica, pois promove a construção do saber.

Uma das propostas para contribuir e levar os alunos a pensar sobre a construção social e cultural de padrões de beleza, é iniciar a aula expondo as seguintes problematizações: Por que a cobrança por um ideal de beleza recai mais sobre as mulheres? Por que tendemos a pensar que a prática de se embelezar ou de sempre estar buscando encaixar-se ao padrão de beleza do presente é algo considerado da própria “natureza” da mulher? Em quais circunstâncias e tempos históricos a beleza se tornou lucrativa para a indústria cosmética, para a medicina e para outras áreas como a educação física? Assim, por meio dos estudos sobre os padrões de beleza no ensino de história, dar-se-á oportunidade para os estudantes pensarem sobre como as mulheres foram inseridas nesse processo, refletindo sobre a permanência e as rupturas nas práticas de embelezamento ao longo do tempo histórico e como a prática de se embelezar está relacionada a uma educação que impõe às mulheres formas de disciplinas e condutas do corpo, tais como modos de sentar, falar, andar e agir. Embora as mulheres, ao longo de muitos anos, com muita luta e persistência, tenham conquistado direitos e se afirmado em vários espaços da sociedade, lamentavelmente ainda é “normal” continuarmos sendo vistas e consideradas pelos atributos físicos

Considerando que todas as sociedades estabelecem elos de continuidade ou de ruptura cultural em relação ao passado, o próximo subtítulo, explora a história do corpo feminino e suas transformações ao longo do tempo, analisando as práticas discursivas em torno dos padrões de beleza e a metamorfose da forma corporal da mulher como alvo para se ajustar a um ideal de beleza padronizado. Exploramos as mudanças na padronização da beleza do corpo da mulher, destacando rupturas nas instituições que definem o que é considerado belo.

1.4 – A Fôrma e a forma: problematizando a construção dos padrões de beleza no ensino de história

O ensino de história parte do pressuposto em levar as alunas e alunos a se reconhecerem como sujeitos históricos, essa premissa ganha vida nas aulas de

história por meio da prática constante de problematizações e questionamentos sobre as maneiras de pensar, ser e existir no mundo. Ao explorar os conceitos de beleza ao longo de diversos períodos históricos no ensino de história na educação básica, busca-se estimular os alunos a refletir sobre como os padrões de beleza impostos às mulheres estão ligados a questões históricas. Observa-se que as cobranças por um ideal de beleza tendem a recair principalmente sobre as mulheres, o que nos leva a pensar sobre a opressão e as diferenças de gênero subjacentes à padronização desses ideais estéticos. Essa análise histórica proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que moldaram e continuam a influenciar as percepções de beleza na sociedade.

Diante essa reflexão, essa subseção, pretende demonstrar que em determinado tempo histórico é cobrada da mulher uma beleza recatada associada à beleza pura e divina, e em outros tempos históricos exige-se da mulher uma beleza construída, seja moldando os corpos usando os espartilhos para afinar a cintura, ou modificando o corpo usando as tecnologias da indústria da beleza, tais como implantes de silicones, retiradas de costelas, lipoaspiração, dentre tantos outros procedimentos oferecidos pelas indústrias da beleza. O ponto central é que, os padrões de beleza têm sua história e variam ao longo do tempo e não são sempre os mesmos em diferentes sociedades. Ao estabelecer questionamentos acerca dos padrões de beleza estabelecidos para as mulheres, é possível contribuir para as alunas e alunos se posicionem, de forma a respeitar o outro e as múltiplas formas corporais femininas. Assim, ao trabalhar esse tema dentro do ensino de história na educação é possível lançar inicialmente a seguinte problematização: será possível encaixar -se numa fôrma padrão diante das diversas formas de corpos femininos? Como podemos pensar e agir diante desse questionamento anterior? Como agir diante da exigência a atender um dado padrão de beleza?

Para iniciar os debates em sala de aula, após as indagações apresentadas acima, é importante esclarecer às alunas e alunos que o corpo é mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, mas, que é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, ou seja, não é meramente definido por sua forma biológica, mas que ele também é atravessado pelos significados culturais e sociais que lhe são atribuídos. Estes significados são estabelecidos por meio de práticas discursivas que exercem

sobre os sujeitos a pressão para se alinharem aos significados culturais atribuídos ao corpo, no caso, o corpo da mulher é constantemente alvo de uma produção cultural, em que dependendo do tempo histórico ele é chamado a se modificar e a se moldar conforme os ditames de beleza do momento. Sobre a construção cultural, social e histórica do corpo, Sant'Anna (2000), argumenta que:

Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história. Esse corpo não escapa à história. Além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos (Sant'Anna, 2000, p. 50).

Ao considerar a afirmação de Sant'Anna, entende-se, que o corpo é um território onde se expressa a vida em sua materialidade, funcionando como um arquivo de experiências vividas, sentimentos experimentados e memórias. Por meio das interações sociais e dos valores culturais, o corpo transcende sua dimensão física e nele reverbera o contexto cultural em que está inserido. Sendo assim, o corpo é um fenômeno polissêmico, com múltiplos significados enraizados no contexto construído historicamente.

Para melhor compreender os padrões de beleza atuais, é preciso analisar os padrões estéticos do passado, especialmente no que diz respeito à incorporação e comercialização do corpo feminino na indústria da beleza. Assim é possível que as alunas e alunos compreendam que a padronização da beleza faz parte de um processo histórico, em que ao longo de cada tempo histórico a ideia sobre o que é belo vai sendo construído por diversos campos de conhecimento como filosofia, religião, artes plásticas, antropologia e ciências, que influenciaram na construção da padronização estética para o corpo da mulher, e que embora essas áreas sejam distintas, todas convergem na construção discursiva em torno da beleza padronizada para as mulheres.

A partir desse ponto, adentramos na exploração dos conceitos de beleza desde a Grécia Antiga até os dias contemporâneos. É preciso salientar que não se tem a intenção de traçar uma história linear, mas sim de compreender como o corpo das mulheres se tornou uma superfície em que são inscritos os padrões de beleza. Para isso, é necessário compreender as diferentes ordens subjetivas presentes em cada temporalidade e campo de conhecimento, e como esses conhecimentos produziram "verdades" sobre o corpo feminino em nome da razão, da moral ou da religião.

Conforme Eco (2004), na Grécia Antiga, a noção de beleza estava intrinsecamente ligada ao conhecimento e aos discursos filosóficos, em que a beleza exterior era associada ao que era considerado bom e este, por sua vez, estava ligado às virtudes como sabedoria e justiça. É relevante destacar que essas virtudes eram direcionadas aos homens, resultando em uma história da beleza centrada nos atributos masculinos. Dessa forma, entende-se que a beleza feminina na Grécia, foi moldada pelo imaginário masculino, conforme evidenciado nas estátuas gregas esculpidas em mármore, como a Vênus de Milo, que retrata o corpo feminino próximo ao ideal masculino, com poucas curvas, braços e pernas fortes. Os gregos aprimoraram a sua compreensão do conceito de beleza estética através das artes, em particular, da pintura e da escultura, que desempenharam um papel significativo na representação do ideal de beleza. O corpo considerado belo deveria apresentar uma harmonia e proporção entre suas partes, percepção que levou ao desenvolvimento de uma matemática das proporções do corpo humano.

De acordo com Eco (2004), na Idade Média, o Ocidente foi dominado pela moral cristã, e o corpo humano passou a ser associado à carne e ao pecado. Influenciados pelo cristianismo, as vestimentas substituíram a nudez, cobrindo completamente o corpo, principalmente das mulheres. Os cuidados com o corpo, como higiene e saúde, eram vistos como pecaminosos, e a concepção de beleza estava ligada ao aspecto espiritual, resultando no uso de roupas longas para ocultar o corpo, pois a exposição da pele e da carne era considerada uma tentação para o pecado da alma. Qualquer forma de manifestação corporal, preocupação ou atenção aos desejos e prazeres do corpo eram proibidos.

Segundo Vigarello (2006), no período medieval, a Igreja exercia o poder repressivo sobre o comportamento das mulheres em nome da moral cristã. O corpo e a alma eram vistos como dualismo em que a alma prevalecia por ser destinada à salvação, enquanto o corpo era considerado pecaminoso e apenas um instrumento para o pecado. O bem da alma estava acima de tudo, inclusive dos desejos, prazeres do corpo e bens materiais. Portanto, sendo o corpo a moradia da alma, ele seria constantemente vigiado e disciplinado para não pecar. Desse modo, os discursos sobre a beleza feminina na Idade Média estavam associados à religiosidade, e sua estética era moralizada.

Ainda, de acordo com Vigarello (2006), na idade média, os atributos considerados belos se concentravam na parte superior do corpo, uma vez que todo o

corpo era coberto. O foco de atenção recaía no rosto, que deveria apresentar um formato oval, expressão serena, testa lisa e alta, boca pequena e raramente entreaberta para ocultar qualquer sugestão de impudor. Assim, o discurso pregado pelo poder religioso, associava a beleza da mulher a um comportamento contido de excessos, em que a voz deveria ser suave e de baixo tom, os gestos discretos, o olhar meigo que expressava timidez e pudor, “o riso, sobretudo, deve ser limitado e moderado para melhor testemunhar o esplendor e a serenidade da alma, cada movimento deve sugerir pudor e fragilidade” (Vigarello, 2006, p. 29). Para garantir a beleza dentro dos padrões daquela época, era fundamental que a mulher estivesse constantemente vigilante e controlasse seus gestos e posturas corporais, pois era por meio deles que ela expressava sua moralidade.

Entre os séculos XV e XVI, com o renascimento cultural, artístico e científico, houve questionamentos às certezas religiosas do período medieval, o que propiciou renovações na área da cultura, artes e ciências, surgindo novos conceitos acerca do corpo humano. No intuito de criar obras de artes realistas e que capturassem a beleza do corpo humano de forma mais precisa, artistas da época buscaram compreender as proporções matemáticas que regem a forma do corpo humano. Conforme menciona Ferreira (2006), o corpo passou a servir à ciência das formas, dos cálculos e da simetria, a beleza saiu do universo ascético cristão e entrou no universo científico. O corpo, tomado como objeto de conhecimento da ciência, passou a ser objeto de estudo da medicina, da arte e da matemática.

Nos padrões de beleza corporal feminina durante o período renascentista, a preferência recaiu sobre as formas arredondadas, conforme destacado por Vigarello (2006), o corpo feminino deveria ter contornos e a aparência mais polpuda. Contudo, esses volumes corporais deveriam estar localizados nos lugares específicos, como quadris, seios, coxas e glúteos, e não na região abdominal e na cintura.

Na busca por encaixar-se ao padrão de beleza da época, as mulheres, apertavam seus corpos com espartilhos a fim de moldar suas cinturas, mesmo que esse ato de vaidade lhe custasse a saúde, pois o uso dessa vestimenta impunha um aperto excessivo sobre o tronco das mulheres, restringindo a respiração e prejudicando a postura. Fernandes (2010), explicita que a mulher vestida com elegância, corava e desmaiava facilmente, quando tirava o espartilho suas costas doíam, e às vezes continuavam sem poder respirar adequadamente, pois suas costelas haviam sido comprimidas permanentemente.

Podemos dizer que o espartilho foi uma vestimenta usada para disciplinarização dos corpos, pois com o seu uso, o busto, as costas e o ventre adquiriram uma rigidez impondo um andar ereto e com passos lentos, o corpo da mulher assume uma forma de cone. A partir desse momento, a vestimenta não apenas acompanha os contornos naturais do corpo, mas também impõem uma forma às aparências, afinando a cintura e a moldando conforme os ideais de beleza corporal em voga.

Como exposto até aqui, o corpo feminino, historicamente, foi submetido a diversas formas de disciplina que regulam suas aparências, comportamentos e vestimenta. No passado a disciplina corporal em prol da beleza feminina foi estabelecida por meio do uso de espartilhos, na atualidade a disciplinarização do corpo a fim de alcançar o tão almejado padrão de beleza encontra ressonância nas narrativas propagadas na rede social Instagram em perfis de médicos, educadores físicos e digitais *influencers*.

Padronizar a beleza por meio do corpo feminino exige, portanto, uma disciplinarização dos corpos, conforme apontado por Foucault (1999). Nos discursos propagados por profissionais da estética na rede social Instagram, essa abordagem de disciplina se manifesta em recomendações que vão desde dietas rigorosas e exercícios intensos até a manutenção de rotinas de cuidados corporais com o uso de cosméticos e de cirurgias plásticas. O corpo feminino, assim, se submete a uma disciplina pela busca de um ideal de perfeição, tornando o corpo útil ao mercado da beleza.

No século XIX, uma mudança significativa ocorreu na concepção de beleza, em que a parte inferior do corpo da mulher passou a adquirir uma importância que antes não tinha. A partir desse momento, os cuidados com a beleza não se limitavam mais apenas da cintura ao rosto, mas os quadris, as pernas e os pés também passaram a ser foco de embelezamento, como observado por Vigarello (2006):

O baixo, etapa por etapa, dos artifícios do alto, o que modifica os critérios do belo físico no fim do século XIX, acentuando a presença dos quadris, o corte mais agudo dos movimentos. Não que a transformação seja apenas a dos enfeites ou das modas, e sim também, e mais ainda, a da estética corporal (Vigarello, 2006, p.117).

Abranger todo o corpo feminino, em uma ordem discursiva de padrões estéticos, não pode ser considerado um mero ato ingênuo, pois enquanto o espartilho cai em desuso, as academias de ginástica vão se expandindo e ganhando

centralidade na ordem discursiva, a ginástica passa a ser prescrita por médicos. Wolf (1996), menciona que ideias acerca da beleza, evoluíram a partir da revolução industrial ao lado de ideias relacionadas ao dinheiro, de tal forma que as duas atitudes são praticamente paralelas em nossa economia de consumo.

Proponho ao professor de história, que nesse ponto das discussões sobre os padrões de beleza, se faça as seguintes indagações às/aos estudantes: considerando o século XIX como um período de intensas transformações sociais, econômicas e culturais, como a Revolução Industrial e a urbanização qual a relação desses, na construção e imposição dos ideais estéticos do corpo feminino.? Como se deu a transição do foco predominante na beleza facial para a crescente valorização do corpo como elemento central nos ideais estéticos e padrões de beleza? Por meio desses questionamentos, os estudantes podem formular algumas hipóteses, realizar pesquisas aprofundadas e trazer suas conclusões para debates em sala de aula. Assim os alunos assumem um papel ativo como protagonistas na construção do conhecimento histórico.

Em seguida se faz necessário que o professor, esclareça que ao findar do século XIX, juntamente com os aparelhos de ginástica, a modernidade inseriu no mercado inovações tecnológicas como as máquinas fotográficas, a fabricação de espelhos e a ampliação da divulgação de impressos como folhetins e revistas voltadas para o público feminino, e dessa maneira, impactaram em como as mulheres percebiam seus corpos. Conforme destacado por Sant'Anna (2014):

A difusão das fotografias acentuou a importância da aparência física, enquanto a paulatina banalização dos espelhos fez da contemplação de si mesmo uma necessidade diária, apurando o apreço e também o desgosto pela própria silhueta. A imprensa divulgava alguns artigos sobre “a beleza”, contribuindo para que os leitores pensassem a respeito de seus dotes físicos e aprendessem a valorizá-los (Sant'Anna, 2014, p.11).

A popularização da fotografia, a fabricação de espelhos maiores e a eletrificação nas residências, contribuíram para que as mulheres se observassem mais, tornando-as críticas de seu próprio corpo.

Além disso, como apontado por Sant'Anna (2000), o ideal de beleza passou a ser incorporado como parte de um projeto econômico lucrativo, especialmente no que diz respeito à valorização da aparência física das mulheres. A crescente demanda por produtos e serviços relacionados à beleza impulsionou essa indústria em expansão,

que se beneficiou do desejo das mulheres de alcançar os padrões estéticos estabelecidos.

Ao final do século XIX, as mulheres tiveram à sua disposição uma gama diversificada de cremes e aparelhos que prometiam melhorar a aparência não apenas do rosto, mas também do abdome, das pernas e dos pés. Essa transformação estabeleceu novas bases para a indústria da beleza e redefiniu os padrões estéticos, como observado por Sant'Anna (2014, p.10), “das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo tornou-se objeto de embelezamento diário”, ou seja, toda parte do corpo da mulher necessitava de cremes e outros tipos de artefatos para que seja embelezado.

Com o avanço do capitalismo, o início do século XX se revelou como um marco de produção da beleza em que, os discursos sobre a beleza passaram a ser exercidos como algo que o outro desejava e que poderia ser consumido. Envolvidas pelo discurso de que a beleza poderia ser comprada, as mulheres se tornaram consumidoras vorazes. Wolf (1999) destaca que a busca para se ajustar aos padrões de beleza se tornou um poderoso aliado do sistema capitalista que usa a vaidade feminina para alavancar o mercado da beleza, transformando as mulheres em consumidoras ávidas dos mais diferentes produtos e serviços na busca de alcançar a beleza considerada ideal. As mulheres confrontadas com os padrões estéticos estabelecidos investem não apenas tempo, mas também dinheiro na busca por tais ideais.

De maneira similar, Perrot (2007), aponta que estar bonita e vestir-se bem se tornou um capital de troca e uma forma das mulheres serem notadas na vida pública, e que tal cultura estética, aliada ao incentivo do capitalismo para que elas se tornem bonitas, segue infelizmente sendo determinante na busca da aceitação social. Somando-se às cobranças sociais para que as mulheres se encaixem a um padrão de beleza, no século XX, a indústria da beleza juntamente com as revistas femininas constroem um discurso que leva a crer que a beleza é um dever da mulher.

Ao analisar sobre a influência dos discursos editoriais produzidos pelas revistas voltadas para o público feminino, Perrot (2007), especifica que estas revistas propagaram a ideia de que:

[...] todas as mulheres podem ser belas. É uma questão de maquiagem e de cosméticos, dizem as revistas femininas. De vestuário também, daí a importância da moda, que, num misto de prazer e tirania, transforma modelando as aparências. Questão de vontade, segundo Marcelle Auclair da revista Marie Claire. Em suma,

ninguém tem o direito de ser feia. A estética é uma ética (Perrot, 2007, p. 50).

Assim, a partir dos meados do século XX, tanto as revistas femininas quanto o cinema, serviam como bússola para guiar qual o padrão de beleza deveria ser buscado e alcançado pelas mulheres. Esses meios de comunicação, divulgavam um padrão de beleza representado pelas *top models* e atrizes de cinema, e ao mesmo tempo ofereciam às suas leitoras e telespectadoras formas de embelezamento, e apresentavam as últimas novidades do mercado para se alcançar o ideal de beleza, como cremes clareadores, fórmulas contra a celulite, oferecendo a interpretação de que ter a pele clara, sem nenhum sinal de melanina, e o corpo livre dos relevos que a celulite provoca, foi e ainda é, o desejo de uma grande parcela de mulheres.

As leitoras das revistas, em contato com as fotografias das modelos, retocadas por meio de *photoshop*¹⁹, almejavam alcançar esses corpos idealizados e tecnologicamente construídos, mesmo que para isso fosse preciso recorrer às cirurgias plásticas, dietas radicais, remédios para emagrecer e fórmulas criadas em laboratórios para desenvolver músculos.

Segundo Sant'Anna (2014), a indústria alimentícia, juntamente com a indústria de cosméticos, surgiu lançando no mercado os alimentos *fitness* e cremes termogênicos, que prometem deixar o corpo livre de gorduras. Enfim, é lançado no mercado todo tipo de produtos indispensáveis para alcançar a aparência desejada, estimulando ainda mais o consumo entre o público feminino.

Diante dos debates sobre os padrões de beleza do corpo feminino, torna-se evidente a maneira como o capitalismo se apropria das inseguranças das mulheres em relação à sua aparência, transformando a busca incessante pela conformidade com esses padrões em um projeto econômico. Nesse contexto, é importante que o professor de história, provoque os estudantes a compreenderem os mecanismos de controle social presentes na sociedade, uma vez que o interesse econômico na comercialização da beleza tem impactos significativos na percepção e na disseminação desses padrões. Essa influência do mercado ressalta como a estética corporal se tornou um negócio lucrativo, alimentando uma indústria que capitaliza sobre as inseguranças das mulheres e reforçando a ideia de que a busca pela perfeição física é uma obrigação. No entanto, além de colocar em xeque a beleza

¹⁹ software digital, usado para edição de imagem, frequentemente usado para editar fotos das modelos em publicidades nas revistas.

feminina, essa pressão estética também exclui mulheres que não têm os recursos financeiros necessários para se adequar a esses ideais de beleza.

Os padrões de beleza, influenciados pelo mercado de cosméticos, não se limitam mais apenas aos cuidados faciais, mas se estendem a todas as áreas do corpo, impulsionados pela ampla oferta de produtos e serviços disponíveis. Redes sociais, como o Instagram, desempenham um papel fundamental na disseminação desses ideais, em que profissionais como dermatologistas promovem tratamentos a *laser* e fórmulas de clareamento para áreas íntimas, reforçando a pressão sobre as mulheres para alcançarem um padrão de beleza inatingível.

Ao debater sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade é provocar reflexões das implicações sociais, econômicas e psicológicas dessas expectativas irreais de beleza feminina. Para tanto, é importante incentivar as/os estudantes, a questionarem que as normatizações de beleza impostas aos corpos das mulheres, é uma forma de subordinação da mulher a sociedade capitalista e patriarcal

Debater sobre o tema da beleza no ensino de história na educação básica é contribuir para que alunas e alunos enfrentem as sutilezas do sexismo velado, a misoginia disfarçada, o silêncio, a ausência e a invisibilidade das mulheres na história. Por todas as razões apresentadas, espera-se que o conhecimento histórico acerca de como os corpos femininos vêm sendo alvo de disciplinamento em todas as esferas possíveis, como no jeito de andar, de vestir, falar e até mesmo em sua composição corporal, seja ela magra ou gorda, os corpos femininos estão sempre sendo alvo de práticas discursivas que as levem a se aprisionar em um padrão de beleza estipulada pela sociedade. Assim, é possível explorar o conhecimento histórico como uma forma de indagar sobre as coisas do passado e do presente, construir explicações, desvendar significados e compor interpretações, em que possamos “transformar a história em uma ferramenta a serviço de um discernimento maior sobre as experiências humanas e as sociedades em que se vive” (Brasil, 2018 p. 401).

Este capítulo teve como objetivo apresentar possíveis abordagens pedagógicas para o ensino da história das mulheres, com um enfoque especial nos padrões de beleza. No próximo capítulo, iremos explorar os discursos sobre a beleza feminina veiculados na rede social Instagram e discutir como essa plataforma pode ser utilizada como fonte de pesquisa, como espaço para a coleta de fontes de pesquisa e como artefato cultural da contemporaneidade.

CAPÍTULO 02 – TECENDO REDES DE CONEXÕES ENTRE O INSTAGRAM E O ENSINO DE HISTÓRIA.

Na mídia irradiada, há um alto teor de invasividade, estamos sempre sendo coagidos pelos formadores de opinião a aderir à opinião ofertada como a opinião de todos. Na comunicação distribuída, pelo contrário, possuo um sem número de instrumentos e estratégias para impedir a invasão e a coação. A irritação explode toda vez que me sinto invadido. Insultos, bloqueios e vitupérios se sucedem nesta decepção do uso dos filtros que deveriam impedir o indesejado invasor. Na internet, eu quero estar no controle do território narrativo que habito.
Henrique Antoun²⁰.

A epígrafe nos traz uma reflexão importante sobre o papel da mídia digital e sua relação com a formação de opinião pública, ao mesmo tempo, aponta para a emergência de novas formas de comunicação também conduz o indivíduo a consumir e produzir conteúdo nas redes sociais. O autor, também destaca as dificuldades dessa nova forma de interação social, como a necessidade de lidar com insultos e bloqueios, conhecidos como cyberbullying²¹. Em suma, a citação nos convida a refletir sobre a importância de garantir o acesso a uma comunicação diversa e democrática, ao mesmo tempo em que nos alerta sobre os desafios de lidar com a multiplicidade de vozes e opiniões presentes na internet.

Dentre as redes sociais ancoradas no espaço virtual, temos a rede social Instagram criada em 2010, pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike

²⁰ Henrique Antoun é graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, possui mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com doutorado Sanduíche em Sociologia da Comunicação pela Université de Paris V e pós-doutorado no McLuhan Program in Culture and Technology da Universidade de Toronto. Atualmente é professor da UFRJ. Atualmente coordena o Cibercult - laboratório de comunicação distribuída e transformação política na Escola de Comunicação da UFRJ. Juntamente com Fábio Malini, é autor de *A internet e a Rua* (Porto Alegre: Sulina, 2013). Informações disponíveis em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/566370-redes-sociais-querem-se-transformar-em-currais-do-trabalho-imaterial-entrevista-especial-com-henrique-antoun> Acesso em: 28 abril, 2024.

²¹ O termo "cyberbullying" foi popularizado por Bill Belsey (1990), a ele é creditado esse termo para descrever o uso da tecnologia digital para assediar, intimidar, ameaçar ou humilhar outras pessoas. Nessa modalidade de bullying as tecnologias como celulares e as câmeras fotográficas, e ambientes como as redes sociais, servem para produzir, veicular e disseminar conteúdos de insulto, humilhação e violência psicológica que provocam intimidação e constrangimento aos envolvidos. Belsey também fundou o site Cyberbullying.org para fornecer recursos e apoio a vítimas de cyberbullying. Para saber sobre cyberbullying consultar Jahnke (2012) *O Avanço Tecnológico e os Conflitos Comportamentais nas Redes Sociais: o Cyberbullying*.

Krieger, estudantes de ciência da computação na universidade de Stanford. Inicialmente nomeado de *Burn*, o Instagram, foi desenvolvido com o propósito de compartilhar fotos entre amigos. As redes sociais anteriores focavam principalmente em conteúdo textual, ao passo que o Instagram tinha como objetivo suprir essa falta visual, oferecendo aos usuários uma plataforma simples e rápida para capturar, editar e compartilhar imagens. Assim, a principal motivação por trás de sua criação era fornecer uma alternativa centrada em imagens. O Instagram foi lançado no Brasil em 2012, conquistando rapidamente a atenção do público brasileiro. Conforme pesquisa realizada pela Opinion Box, o Brasil ocupa o segundo lugar em número de usuários do Instagram, atingindo um número de 99 milhões de usuários, ficando atrás apenas dos Estados Unidos²².

Ao observar os alunos durante os intervalos, percebi, numa dada ocasião, uma cena que tem se tornado cada vez mais frequente nos corredores das escolas: eles habilmente equilibram livros escolares e telefones celulares em suas mãos. Para muitos jovens, o celular vai além de uma simples ferramenta de comunicação; é uma porta de entrada para um mundo de conexões virtuais, em que as redes sociais servem como palco para compartilhar momentos, ideias e opiniões, moldando suas formas de viver no presente. Juntei-me aos alunos para compreender melhor sobre o fascínio que a tela do celular exercia sobre eles. Enquanto alguns se divertiam com dancinhas engraçadas, outros posavam para selfies cuidadosamente planejadas. Cada gesto, cada movimento, era calculado para alimentar o *feed* de seus perfis no Instagram. Com dedos ágeis deslizando pela tela, eles compartilhavam ansiosamente seus momentos com o mundo virtual, tornando as postagens do Instagram o centro das atenções nos corredores movimentados da escola.

Notei que, além de escolherem poses específicas, também dedicavam atenção à seleção de filtros de imagem fornecidos pelo aplicativo, para melhorar a aparência. Em sua maioria, esses filtros simulavam um rosto maquiado, modificando aspectos como o afinamento do nariz, lábios mais volumosos, sobrancelhas arqueadas e olhos com tons mais claros. As/os estudantes também passavam boa parte do tempo do recreio escolar, olhando as postagens de outros usuários do Instagram. Era uma

²²Os dados apresentados nessa dissertação foram coletados no site da empresa Opinion Box. Link: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%202%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em 05 de janeiro de 2024.

troca constante de *likes*, comentários e mensagens, uma busca incessante por validação e reconhecimento, como apontado por Campos, Faria, Sartori (2019):

Com as diversas possibilidades de interação, o Instagram é espaço propício para que os sujeitos divulguem suas imagens buscando a aprovação de si a partir do olhar do outro. Assim, a quantidade de *likes*, obtidos em uma foto ou vídeo, é capaz de quantificar essa aprovação (Campos, Faria, Sartori, 2019, p. 324).

O Instagram se tornou mais que uma simples plataforma de interação social; ele passou a ser um espelho da vida dos jovens, moldando as interações sociais e as percepções que os adolescentes tem de si e dos outros, ou seja, essa plataforma de rede social, tornou-se um artefato cultural de nosso tempo, que influencia no processo de constituição dos sujeitos contemporâneos. A rede social Instagram, atua como modificador e construtor de comportamentos, por isso a importância em promover diálogos no ensino de história que explorem a relação dos jovens estudantes como o mundo digital que ele mesmo vem construindo e que os constitui ao mesmo tempo.

Diante as observações feitas sobre a interação das alunas e alunos com a rede social Instagram e a importância que eles dão à validação de suas postagens feitas por outros, fica nítido o quanto essa rede social tem importante influência no processo de subjetivação dos sujeitos. Sobre o processo de subjetivação, na perspectiva do filósofo Michel Foucault, Judith Revel (1998), observou que:

Para Foucault, a subjetivação é um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. Os 'modos de subjetivação' ou 'processos de subjetivação' do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (Revel, 1998, p.82).

O desenvolvimento da subjetividade de um indivíduo é moldado por meio de sua interação com o mundo e com outros seres humanos, todos inseridos em um contexto social e histórico específico. Durante esse processo de formação da subjetividade, são apropriados, sob a influência da cultura, diversos elementos, como formas de comunicação, rotinas, tradições e normas de conduta e valores. Isso inclui, também, modelos de apreciação estética, ou seja, concepções sobre o que é considerado bonito ou feio, especialmente em relação ao corpo.

Na rede social Instagram, os adolescentes estão constantemente envolvidos em processos de objetivação e subjetivação. Aos modos de objetivação, o Instagram pode ser considerado um espaço em que os adolescentes são observados e categorizados por meio de seus perfis, postagens e interações. Eles são transformados em sujeitos digitais, cujas identidades são construídas e percebidas com base em fotos, vídeos, curtidas e comentários. Nesse sentido, as redes sociais exercem uma pressão constante para que os adolescentes se encaixem em determinados padrões estéticos, comportamentais e sociais, contribuindo para sua objetivação dentro desse ambiente virtual.

Quanto aos modos de subjetivação, observa-se que na rede social Instagram, os adolescentes constroem uma relação consigo, por meio de suas interações online. Eles escolhem meticulosamente as fotos, aplicando filtros de embelezamento e editando legendas para projetar uma imagem desejada de si. Além disso, interagem com outros usuários, recebem *feedbacks* e constroem narrativas sobre suas próprias vidas, o que contribui para a formação de suas identidades. No entanto, é importante destacar que esse processo de subjetivação na rede social pode ser influenciado por fatores externos, como a pressão por aceitação social, a busca por validação e o impacto das normas culturais e de grupo a que os jovens pertencem.

Sibília (2012) observou que as redes sociais e as interações digitais estão profundamente integradas ao ambiente escolar. O hábito em permanecer conectados e interagindo nas redes sociais acontece em qualquer momento e lugar, os adolescentes tem tido contato com pessoas de diferentes nacionalidades e culturas, incidindo na formação de suas identidades.

Torna-se relevante explorar as redes sociais como fonte de pesquisa nas aulas de história do ensino básico. Ao considerarmos o conceito de fonte histórica e a necessidade de historicizar plataformas digitais como o Instagram, abre-se a oportunidade de discutir sobre os padrões de beleza propagados nessa rede social. Nesse contexto, é viável desenvolver atividades que permitam aos alunos investigar não apenas os aspectos históricos, mas também os novos modos de vigilância digital presentes na sociedade contemporânea, contribuindo, assim, para uma educação mais crítica e contextualizada.

Para Barros (2020), fontes podem ser definidas como tudo o que é produzido pelos seres humanos, seus vestígios, ações e interferência, que nos proporciona um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos

no presente. Essas fontes não se limitam apenas a documentos textuais tradicionais, como crônicas, memórias, registros legais, jornais e correspondências, mas abrangem qualquer registro ou material relevante para o historiador. O autor destaca que as fontes históricas, necessariamente, não precisam ser material, e que atualmente, nos espaços virtuais abre-se oportunidade para coletar fontes que nos favorece a entender sobre a sociedade contemporânea. O autor, afirma que:

Os tempos recentes, anunciadores e portadores de uma autêntica revolução digital e informática que terminou por se espalhar por todo o planeta, levam-nos a admitir como fontes para a história contemporânea também um universo digital que simplificaremos com a designação 'fontes virtuais' as fontes seriam, sim, um lugar movente no qual o historiador interage com as ressonâncias deixadas pelas sociedades e processos que decidiu examinar (Barros, 2020, p.11).

Na contemporaneidade, as fronteiras para definir o que pode ser considerado fonte histórica praticamente não existem para os historiadores. Qualquer objeto, documento, linguagem ou ritual pode ser transformado em uma fonte histórica, inclusive uma rede social como o Instagram. No entanto, é importante ressaltar que a constituição de uma fonte histórica depende das perguntas que fazemos a ela, ou seja, do problema histórico que estamos investigando e da abordagem historiográfica que empregamos. Portanto, a análise detalhada de cada documento histórico é moldada pelo problema que estamos estudando. As fontes não representam apenas uma resposta para os problemas de pesquisa, mas também se tornam parte integrante desses problemas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 enfatiza a relevância da "atitude historiadora" no ensino de História, e que para alcançar esse objetivo, é preciso que os professores de história incorporem fontes históricas ao processo de ensino e aprendizagem. As fontes promovem uma abordagem investigativa da realidade, estimulando a criatividade, a curiosidade e a construção do conhecimento por parte dos alunos. Conforme expresso na terceira competência da BNCC de história, é preciso que os professores no ensino de história estimulem os alunos a:

Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito (Brasil, 2018, p. 402).

A operação de leitura de fontes históricas passa por cinco etapas essenciais: identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise. Essas etapas

são fundamentais para a compreensão do conteúdo presente nas fontes e contribuem para a construção de leituras de mundo por parte dos estudantes. Essa atitude não apenas estimula a capacidade criativa e a curiosidade dos alunos, mas também promove a construção ativa de conhecimento ao longo do processo educacional.

Segundo Schmidt e Cainelle (2010), o uso de fontes em sala de aula é um ponto de partida produtivo para o ensino de história, pois o professor como mediador poderá auxiliar alunas e alunos, indagar e problematizar as fontes, a fim de estabelecer diálogos entre o passado e o presente. Apresentar e trabalhar com fontes no ensino de história da educação básica, torna-se uma estratégia de ensino e aprendizagem para que as crianças e adolescentes, possam, por meio delas, compreender conceitos e assimilar os conhecimentos históricos.

O uso de fontes no ensino de história, é pertinente desde que, sejam usadas não somente como complemento ilustrativo, mas como suporte para que as/os estudantes, possam levantar problematizações que os ajudem a compreender sobre o tema estudado. Como nos ensina Schmidt; Cainelle (2010):

O trabalho com o documento histórico em sala de aula exige do professor que ele próprio amplie sua concepção e o uso do próprio documento. Não basta o professor ampliar o uso de documentos; também deve rever seu tratamento, buscando superar a compreensão de que ele serve apenas como ilustração da narrativa histórica (Schmidt; Cainelle, 2010, p. 95).

Ao propor as aulas de história com documentos históricos, o professor necessita adotar uma postura ativa e reflexiva, implicando não apenas apresentar os documentos aos alunos, mas também guiar sua análise de forma a permitir que estabeleçam hipóteses, levantem questionamentos e realizem análises que atribuam significado ao conhecimento histórico.

Partindo da ideia de que o uso de fontes no ensino de história pode ser uma estratégia produtiva, propomos uma atividade de reflexão para os alunos do ensino básico, conduzindo-os a analisar os recursos oferecidos pelo Instagram como fonte de pesquisa. Nessa atividade, os alunos podem explorar a arquitetura dessa rede social, incluindo elementos como os *Reels*, os *feeds* e os algoritmos, tomando por referência o conceito de panóptico. Esses recursos do Instagram são projetados para capturar informações dos usuários, utilizadas para moldar seus comportamentos na plataforma. Essa análise crítica não apenas promove uma compreensão mais profunda da sociedade contemporânea, mas também desenvolve habilidades de

análise e reflexão crítica nos estudantes em relação à privacidade, manipulação de informações e construção de narrativas na rede social Instagram.

Como apontado por Silva (2022), todas as ferramentas do Instagram servem, cada uma à sua maneira, como forma de sugerir conteúdos e anúncios aos usuários, muitos dos quais são pagos pelos veiculadores para alcançar o máximo de usuários possível. Assim, a maneira que usamos o Instagram influencia o conteúdo que aparece ou não no perfil de cada usuário.

Ao propor a análise dos recursos do Instagram, a intenção é oferecer as/os estudantes possibilidades em olhar a referida rede social com mais criticidade, percebendo que o Instagram não é apenas uma simples rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* e *Flickr*, dentre outros. Mas sim, que essa plataforma funciona também como um dispositivo de poder que incide na construção de subjetividades, instituindo modos de ser e de viver. Sob esta perspectiva, as aulas de história apresentam uma proposta de ensino que permita uma formação crítica aos jovens estudantes, que aprenderão a problematizar os conteúdos fabricados e, principalmente, a discernir por caminhos e tomadas de decisão ante à exposição nas redes sociais virtuais.

2.1 Entre clicks e conexões: o Instagram e a sociedade em rede

Na contemporaneidade, somos testemunhas de uma era social profundamente marcada pela tecnologia, na qual jovens e crianças crescem imersos em um ambiente cada vez mais digitalizado. Desde tenra idade, eles aprendem a acessar e utilizar tecnologias e recursos *online*, sendo as redes sociais digitais um elemento central nesse cenário, servindo a uma variedade de interesses, como entretenimento, busca por informações sobre beleza e estética, curiosidades em geral, jogos, atualizações tecnológicas e interação com outras culturas. De acordo com Lévy (1999), as tecnologias digitais fizeram surgir um novo espaço para interação social, conceituado pelo autor como ciberespaço:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informações que ela

abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 1999, p.15).

Diante a conceitualização de ciberespaço, é preciso entender que esse espaço é constituído pela interação entre pessoas, em que fazem circular diversas culturas com maior velocidade e atingindo um vaso público. Os sites e aplicativos de redes sociais são um dos principais destaques da internet, possibilitando aos seus usuários se conectar, compartilhar informações, interagir e criar conteúdos digitais, contribuindo para ditar estilos de vidas. Castell (1999), destaca que:

A internet desencadeou uma profunda transformação das relações interpessoais, estendendo a capacidade de comunicação e de conexão global para além dos limites da proximidade física. Isso permite a criação de comunidades virtuais, nas quais os indivíduos se comunicam e se relacionam em uma escala nunca vista, independentemente de barreiras geográficas, culturais e de tempo. A internet é, portanto, um novo meio de comunicação que, juntamente com outros meios de comunicação, transformou as relações interpessoais e a organização da sociedade (Castells, 1999, p. 80).

Entende-se que, a internet supera limites geográficos, culturais e temporais, permitindo a formação de comunidades virtuais, resultando na forma como as pessoas se comunicam e se relacionam. Assim, as redes sociais *online*, são consideradas um espaço de troca entre os indivíduos que se unem segundo interesses comuns, tecendo redes de informações e interação social no ambiente virtual.

A sociedade contemporânea, conceitualizada por Manuel Castells (1999) como a “sociedade em rede”, está profundamente ligada às novas formas de comunicação, como a internet, que permitiram a emergência de uma organização social baseada na rede digital. Castells argumenta que não são as tecnologias que determinam a forma da sociedade, mas que é a sociedade que molda as tecnologias de acordo com suas necessidades, valores e interesses sociais. O autor definiu a sociedade em rede como uma:

Estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. [...]. É um sistema de nós interligados (Castells, 1999, p. 20).

Considera-se que os espaços virtuais são uma extensão do mundo social e não uma realidade separada do que vivemos fora do ambiente digital. Dessa forma, as redes sociais, como o Instagram, não são apenas construídas por meio de

ferramentas tecnológicas, mas também pelos atores sociais que lhes atribuem significado e as adaptam para suas práticas sociais.

Michel de Certeau (2002), em outra perspectiva que não a internet, aborda a relação entre lugares e espaços, argumentando que o lugar é uma delimitação definida e estabelecida, enquanto o espaço é o resultado das operações que o circundam, temporalizam e o tornam funcional em diferentes contextos. Desse modo, o espaço é resultado das ações que o organizam, o circundam, o temporalizam e o tornam funcional, sendo influenciado pelo conjunto de movimentos que ocorrem dentro dele. Ele é caracterizado pela interação de diversos elementos e pela realização de diferentes atividades, podendo ser moldado por uma variedade de programas e relações sociais.

Em uma aproximação entre os dois autores, considera-se que a conceituação de espaço de Certeau (2002), em sintonia com os conceitos de sociedade em rede de Castell (1999) e ciberespaço mencionada por Levi (1999) encontra consonância com à nossa perspectiva em historicizar arquitetura da rede social, pensando-a como um espaço de interação e trocas de experiências humanas. É aconselhável que o professor de história problematize, juntamente com as/os estudante, que as redes sociais se constituem para além de um veículo de comunicação e interação, ela pode ser vista como um espaço virtual que consolida e naturaliza as relações de poder sobre os corpos das mulheres. Assim, espera-se que alunas e alunos cultivem uma postura reflexiva e crítica, pensando o Instagram como território de vigilância que constrói narrativas sobre o corpo feminino que servem à indústria de beleza.

Ao acessar o próprio site do Instagram na busca de elementos que contribuísse para melhor compreensão dessa plataforma digital, deparei-me com as seguintes frases: “abuse da criatividade com o Reels”. “Crie vídeos divertidos com facilidade”. “Compartilhe com amigos ou qualquer outra pessoa no Instagram”. “Expresse sua essência com vídeos curtos e divertidos”. “Publique momentos do seu cotidiano nos stories”. “Compartilhe seus momentos do dia a dia”. “Mesmo longe, não deixe de se expressar”. “Nossos recursos ajudam você a se expressar e a se conectar com as pessoas que você mais ama”. “Todos os recursos deste aplicativo foram feitos pensando em você”²³.

Por meio desses enunciados, a empresa Meta, proprietária da plataforma

²³ As expressões citadas foram retiradas do site oficial do Instagram, e fielmente transcrita nesse parágrafo, link <https://about.instagram.com/pt-br/features>, acessado em 20/04/2023.

digital Instagram, atrai pessoas a criarem uma conta na rede social, enfatizando as vantagens de possuir um perfil nessa plataforma. Segundo pesquisa da Opinion Box, realizada em 2022, somente no Brasil, o Instagram consta com 99 milhões de usuários. Esses dados evidenciam que essa rede social, mobiliza inúmeras pessoas que por conseguinte alimenta as engrenagens das empresas de tecnologia, da indústria de consumo e do capitalismo da vigilância, apontado por Zuboff (2021).

De acordo com Silva (2022) o Instagram não apenas incentiva a imersão na plataforma, mas também planeja e guia diferentes ações, moldando a experiência dos usuários. Essa experiência é concebida, projetada e interpretada pela interação dos usuários e da plataforma em um ambiente digital de extração algorítmica de dados.

Outro fator que chamou a atenção ao navegar no site do Instagram durante o período de realização da pesquisa, foi o termo de uso de adesão a plataforma, em que descreve:

Nossa responsabilidade por qualquer ocorrência no Serviço será limitada tanto quanto permitido por lei. Não temos como prever todos os impactos possíveis que um problema com nosso Serviço possa causar. Você concorda que nós não seremos responsáveis por qualquer perda de lucro, receitas, informação ou dados, ou, ainda, por danos eventuais, especiais, indiretos, exemplares, punitivos ou acidentais decorrentes de ou relativos a estes termos, ainda que saibamos que eles são possíveis. Isso se aplica inclusive se nós excluirmos seu conteúdo, informações ou conta (Termo de uso do Instagram, 2023, s. p.).²⁴

Portanto, a empresa Meta, proprietária da rede social Instagram, se isenta de qualquer responsabilidade quanto aos efeitos negativos que essa plataforma possa gerar. Observe como o termo de uso se exime de qualquer responsabilidade ao afirmar que a empresa não pode prever todos os impactos possíveis que um problema com o serviço possa causar. Isso cria um ambiente de incerteza para os usuários, que podem se sentir vulneráveis diante de eventuais problemas ao utilizar a plataforma.

Embora a empresa não assuma responsabilidade por eventuais danos que a plataforma Instagram possa causar aos seus usuários, é importante destacar que essa rede social online registra o maior engajamento entre os jovens. Conforme apontado pela pesquisa realizada pela empresa Tic Kids, 62% dos usuários do

²⁴ O termo de uso e responsabilidade para aderir a plataforma do Instagram, é disponibilizado no site <https://about.instagram.com/pt-br/features>, acesso em 20/04/2023.

Instagram estão na faixa etária dos 15 aos 17 anos²⁵. O sucesso do Instagram entre os jovens, pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo a facilidade de uso, a possibilidade de criar e compartilhar conteúdo visualmente atraente e a capacidade de se conectar com amigos e seguidores de forma rápida e simples.

Além disso, essa rede social oferece variedades de recursos, como filtros, ferramenta de edição de fotos e vídeos, transmissões de *lives* ao vivo, o que o torna uma plataforma completa e atraente para os jovens. Essa gama de recursos do Instagram atraiu o engajamento tanto de pessoas nessa rede social com intenção de promover a si, quanto de empresas interessadas em divulgar seus produtos e serviços. Ademais, o Instagram funciona como uma vitrine, permitindo que os usuários criem e compartilhem conteúdos promocionais para vender produtos e serviços.

O Instagram, originalmente criado como uma plataforma para compartilhamento de fotos do dia a dia, passou por resignificação se tornando um ambiente propício para o surgimento de influenciadores digitais e também uma plataforma de vendas. Essa mudança de propósito resultou na formação de uma comunidade global de criadores e consumidores de conteúdo, o que contribuiu consideravelmente para o sucesso da plataforma. Como o Instagram se tornou uma parte integrante do cotidiano de milhares de pessoas, exercendo influência sobre seus estilos de vida e comportamentos aos que navegam nesse ciberespaço, podemos considerá-lo como um artefato cultural da sociedade contemporânea, que merece ser analisado como parte do tecido cultural de nossa época. No próximo subtítulo demonstraremos como o Instagram pode ser usado no ensino de história da educação básica, como ferramenta didático-pedagógica.

2.2 Ensino de história e o instagram como artefato cultural da contemporaneidade

O Instagram, como um artefato cultural contemporâneo, desempenha um papel

²⁵ A TIC Kids Online Brasil realiza todos os anos, pesquisas que analisam dados sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. A pesquisa produz indicadores sobre oportunidades e riscos relacionados à participação *on-line* da população de 9 a 17 anos no país. A pesquisa conta com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e de pesquisadores vinculados a universidades brasileiras e estrangeiras. Para saber mais sobre os dados da pesquisa acesse o site: <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2023-criancas-estao-se-conectando-a-internet-mais-cedo-no-pais/>. Acesso em 02 fev. 2024

fundamental na disseminação dos padrões de beleza feminina. Através de seus produtores de conteúdo, especialmente os influenciadores, a plataforma exhibe continuamente imagens e vídeos que promovem certos ideais estéticos, criando uma cultura da visibilidade ou cultura da mídia²⁶, em torno desses padrões. Essa constante exposição a representações de beleza pode influenciar significativamente a percepção que as mulheres têm de si mesmas, moldando sua autoimagem e suas aspirações estéticas.

Ao pensar a rede social Instagram como um artefato da cultura contemporânea, podemos recorrer às ideias de Hall (2006), que define artefatos culturais como objetos criados pelo homem e incorporados no cotidiano das pessoas, incluindo a mídia, que desempenha um papel significativo nas identidades individuais e coletivas na era pós-moderna. Conforme a análise do autor, as identidades culturais são fluidas, fragmentadas e continuamente redefinidas por meio de interações culturais, com os artefatos culturais desempenhando um papel central nesse processo.

A escola é um espaço de práticas coletivas, que enfrenta o desafio de se ajustar às transformações provocadas pelas tecnologias e redes sociais virtuais na sociedade e na cultura contemporânea. E considerando o Instagram como um artefato cultural que influencia na constituição de modos de ser sujeito, proponho algumas contribuições metodológicas para a investigação dessa rede social no ensino de história na educação básica.

Uma proposta de atividade para o ensino de história na educação básica, é pensar o Instagram como um panóptico virtual, onde os usuários ao mesmo tempo que observam também são observados. Nesse sentido, os professores de história, podem apropriar-se do Instagram como um recurso pedagógico, permitindo a discussão e a reflexão em como o conceito de panóptico permeia no Instagram, coletando dados, informações e direcionando conteúdos conforme nossas interações nessa rede social.

Andrade (2017, apud Ellsworth, 2005), aborda sobre a importância da tecnologia e das mídias na produção de conhecimento e na educação, e como esses elementos podem ser integrados aos espaços de aprendizagem. Para a autora, a mídia, assim como os museus, possui uma pedagogia que afeta como as pessoas

²⁶ Kellner (2001, p. 107) emprega o conceito de "Cultura da mídia" para caracterizar a invasão generalizada de imagens, mensagens e espetáculos midiáticos que permeiam nossa cultura.

aprendem e constroem suas identidades. Ela argumenta que esses espaços culturais moldam a percepção que as pessoas têm de si e dos outros, e que essas pedagogias podem ser usadas para promover a aprendizagem ativa e crítica.

A importância de integrar os usos das mídias digitais são abordadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997). Este documento enfatiza que os alunos devem ser capazes de "utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos" (Brasil, 1997, p. 5). A partir das propostas do PCN de história, identifica-se a possibilidade de dominar o processo do conhecimento histórico pelo uso de fontes de diversas naturezas.

Piza (2012), por sua vez, descreve o Instagram não apenas como um mero aplicativo, mas fundamentalmente como uma plataforma de interação social. A autora explica que a propagação de conteúdo nessa rede segue a dinâmica de ver e ser visto, e que qualquer conteúdo adicionado se torna imediatamente acessível para todos os usuários autorizados a visualizá-lo e que possuam uma conta nesta rede social.

Diante das informações apresentadas sobre o Instagram, nos parece prudente considerar que a escola não pode se eximir dessa discussão. O que ocorre é que o cotidiano escolar já está profundamente inserido nesse contexto, considerando que os alunos e alunas, na fase escolar tanto do ensino médio quanto do fundamental, são os nascidos no final da primeira década do século XXI, conhecidos como nativos digitais ou geração Z²⁷.

As redes sociais são o veículo de comunicação com maior relevância para os jovens na atualidade, exigindo que os professores incluam debates sobre cultura digital na escola. Assim, essas plataformas possuem um grande potencial como ferramentas pedagógicas, ao serem utilizadas com intencionalidade e propósito educativo, para conduzir as alunas e alunos a refletir sobre os conteúdos postados nas redes sociais. De acordo com a nova BNCC (2018):

A cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da

²⁷ Para Lévy (1999), a Geração Z engloba indivíduos nascidos aproximadamente entre meados da década de 1990 até o início dos anos 2010, embora os limites exatos possam variar de acordo com as fontes e critérios utilizados. Os membros dessa geração cresceram imersos em um ambiente em que a tecnologia digital, como *smartphones* e redes sociais, estava amplamente acessível desde cedo, exercendo uma influência significativa em suas experiências, comportamentos e perspectivas. São reconhecidos como nativos digitais, altamente conectados e adeptos do uso da tecnologia em seu cotidiano.

multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets*, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil (Brasil, 2018, p. 61).

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular contempla o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais. Essa habilidade deve ser desenvolvida de maneira transversal, ou seja, todas as áreas de conhecimento devem trabalhar em conjunto com os estudantes sobre o uso consciente e crítico das tecnologias digitais.

Dessa forma, o papel do professor não é deter o conhecimento técnico sobre o uso das ferramentas digitais, mas atuar como mediador, auxiliando os estudantes ao uso das redes sociais de maneira responsável, evitando compartilhar conteúdos ofensivos, e também analisar com criticidade os conteúdos que consomem nas redes sociais. Por exemplo, alguns perfis de influenciadores digitais podem impor padrões de beleza, consumo e estilo de vida inacessível para a maioria das pessoas, reforçando a exclusão social. O professor de história, ao propor uma reflexão sobre a temática, contribui para que os estudantes se protejam das influências negativas dessas publicações.

Castro (2016), afirma que é preciso debater sobre os usos das tecnologias digitais, considerando o uso da Internet e de suas plataformas de redes sociais sob um olhar crítico sobre elas, considerando que:

[...] o uso das tecnologias digitais já está inexoravelmente associado ao nosso dia a dia, inclusive como fator de inclusão social, não temos outra opção a não ser debater publicamente, nas redes sociais, nas ruas ou nos espaços formais da atuação política, o papel dos algoritmos. Uma massa crítica sobre essa questão pode nos colocar na condição de cidadãos ativos no processo de definição do que deve ser a internet e as tecnologias que fazem uso dela (Castro, 2016, p. 25).

Portanto, considero cada vez mais a necessidade em alinhar os conteúdos educacionais, principalmente no ensino de história, uma vez que é no espaço escolar do ensino básico que se encontram os jovens que são o público que mais usam as redes sociais. Por essa razão considero importante, as discussões sobre o uso consciente das redes sociais, capacitando as alunas e alunos a pensarem que o

Instagram não é uma simples rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos, mas que essa plataforma digital também funciona como um dispositivo de vigilância e de controle em favor do capitalismo, da indústria e das instituições que astutamente atraem os olhares dos adolescentes, principalmente das mulheres, a fim de captar consumidores para o mercado da beleza.

Assim, no próximo subtítulo, explanamos em como o conceito de panóptico pode ser apropriado para explicar às alunas e alunos sobre a vigilância que essa rede social exerce sobre seus usuários e que serve às indústrias que disseminam padrões beleza sobre o corpo da mulher.

2.3 Instagram, panóptico e padrão de beleza no ensino de história

Aqui o que se pretende é deslocar o Instagram de sua função original, que seria a de um dispositivo para interação social entre amigos, e colocá-lo em função de uma fonte histórica, pois como nos ensina Barros (2020, p. 10), “constituir uma fonte é deslocá-la de seus locais e funções originais, ou trazê-la de seu oceano silencioso, e iluminá-la com novos problemas”. Assim pretende-se, explorar debates relevantes no ensino de História da educação básica, demonstrando que o Instagram atua como um dispositivo de vigilância e também como uma vitrine para disseminar um ideal de beleza ao corpo das mulheres, produzido pela indústria cosmética, médica e de educação física.

Para iniciar os debates com as alunas e alunos no ensino de história da educação básica, é preciso recorrer ao conceito de panóptico que nos permitirá a compreensão de muitas situações enfrentadas pelos adolescentes em nossas sociedades. Considerando o Instagram como um dispositivo de controle e de vigilância, é fundamental abordar o conceito de panóptico²⁸ proposto por Bentham, originalmente utilizado como uma estrutura arquitetônica para otimizar a vigilância em prisões. Seu objetivo principal era centralizar a visibilidade dos corpos, criando uma dissociação entre aqueles que observam e aqueles que são observados. No entanto, Foucault (1999) reinterpretou esse conceito como uma metáfora para analisar a vigilância e os mecanismos de poder presentes em diversas instituições, como

²⁸ Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault (1999), descreve o panóptico como um modelo arquitetônico criado por Jeremy Bentham, como um anel periférico, em que os indivíduos são completamente observados, sem terem a oportunidade de observar, enquanto na torre central, é possível ver tudo sem ser visto

escolas, exército, empresas, famílias e relações sociais.

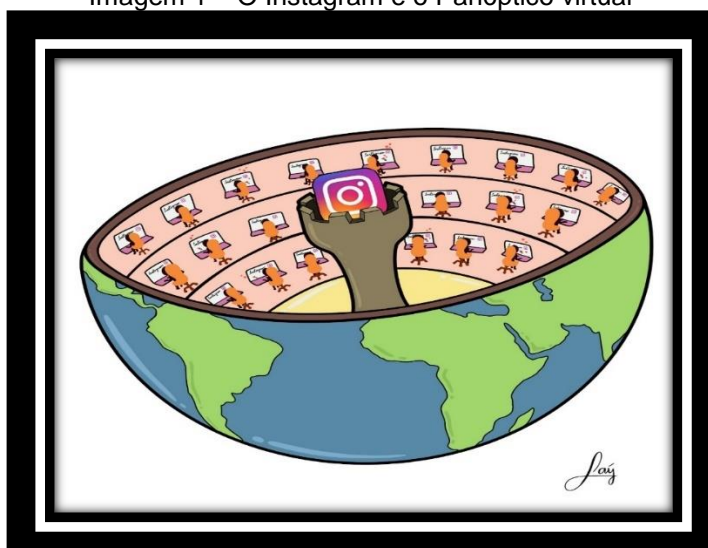
Nesta dissertação, exploramos a aplicação do conceito do panóptico no contexto da rede social Instagram. Bittencourt (2008) destaca, que os historiadores não são os únicos a enfrentar desafios ao lidar com conceitos e categorias de análise escolhidos; mas que os professores de história também enfrentam dificuldades semelhantes em sua prática educacional. No entanto, os desafios enfrentados pelos professores do ensino de história são distintos, uma vez que, além de dominarem os conceitos históricos, precisam saber como introduzi-los a alunos de diferentes idades e contextos culturais.

Para que se tenha um ensino de história de qualidade, é preciso que o professor além de saber o conteúdo a ser apresentado aos estudantes, também precisa saber quais estratégias de ensino e aprendizado são adequadas para se utilizar em cada etapa do ensino, pois apenas o domínio dos conteúdos por parte dos professores não é suficiente. Fonseca (2003), esclarece que:

O inventário 'ou reservatório' de saberes docentes investigados na atualidade deixa cada vez mais explícito que saber alguma coisa já não é mais suficiente no ensino, é preciso saber ensinar e construir condições concretas para seu exercício (Fonseca, 2003, p. 64).

Para auxiliar os alunos a compreender o conceito de panóptico, muitas vezes percebido como abstrato, elaboramos uma ilustração para ser utilizada nas aulas de história na educação básica. Acreditamos que por meio dessa imagem, os estudantes poderão ter uma compreensão mais clara de como o Instagram se tornou um eficiente dispositivo de vigilância:

Imagem 1 – O Instagram e o Panóptico virtual



Fonte: acervo da pesquisa/2024

Ilustração: Laís Ribeiro – inspirada em outras imagens encontradas na internet (adaptação)

Inicialmente o professor deverá explicar que a palavra panóptico vem do grego em que pan., significa todos, e ópticos, visão, ou seja, ter a visão sobre tudo e todos. Comece a leitura da imagem acima, perguntando as/os estudantes: Qual o ponto mais alto dessa imagem? Quem está nesse ponto? Provoque indagações que facilite a compreensão de que o conceito de panóptico pode ser aplicado na análise do Instagram, que está no topo da torre de vigilância, enquanto seus usuários imersos na conexão virtual, expõem seus dados e sua vida nessa plataforma. Nessa rede social, ocorrem vigilância e controle de maneira sutil, porém eficaz. Os usuários compartilham uma variedade de detalhes íntimos de suas vidas diárias, como fotos de lugares visitados, refeições consumidas, treinos físicos e procedimentos estéticos realizados. Isso resulta em uma exposição voluntária que gera um ciclo de vigilância, em que os usuários monitoram e são monitorados pelos outros.

Mesmo na ausência de um observador físico, os usuários do Instagram estão constantemente sob a presença de um olhar observador virtual. Embora não possamos ver esses observadores, é preciso demonstrar aos estudantes, que estão sempre presentes, vigilantes e atentos. Nesse sentido, os usuários da rede social se tornam atores de um palco virtual, onde são constantemente avaliados com base em suas aparências físicas, comportamentos e escolhas de vida, em que os algoritmos são elementos centrais nesse sistema de vigilância de pessoas. Seguindo essa linha de pensamento, conforme mencionado por Castro (2016, p.26): “os algoritmos definem valores e gostos, redesenham muitos de nossos valores e vínculos sociais. E como eles são invisíveis, há pouco entendimento e crítica sobre eles”. Diante dessa afirmação, é preciso ensinar às alunas e alunos que, à medida que navegamos nas redes sociais, os algoritmos trabalham nos bastidores, filtrando informações, sugerindo conteúdos que moldam nossas condutas.

A vigilância no Instagram é alimentada pelos algoritmos de recomendação e personalização da plataforma. Esses algoritmos analisam meticulosamente o comportamento dos usuários, personalizando o conteúdo exibido com base em suas preferências e interações anteriores. Isso aumenta a sensação de vigilância e controle, já que os usuários têm pouco controle sobre o que é mostrado em seus feeds e são constantemente expostos a conteúdos que os algoritmos julgam relevantes para eles. Na rede social Instagram, o panóptico, atua de forma eficaz em

que o olhar *online* está sempre vigilante, e pronto para conduzir os indivíduos a adotarem comportamentos direcionados por eles. Dessa maneira, torna-se importante adotar a reflexão crítica em relação ao panoptismo virtual que permeia nossas vidas.

Apresentar o conceito do panóptico no ensino de história na educação básica, resulta com que estudantes, desenvolvam o conhecimento histórico e entendam a constituição de normas da sociedade, pois a rede social opera como um dispositivo de monitoramento e controle das atividades, comportamentos e movimentos das pessoas que o utilizam. Portanto, nesse espaço midiático, a arquitetura do panóptico se constitui como:

[...] um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados (Foucault, 1999, p. 221).

Deslocamos o conceito de panóptico para analisar a arquitetura dessa plataforma social Instagram, pois consideramos que os recursos presentes nessa mídia social, atuam como dispositivo de vigilância que coleta dados sobre as preferências de seus usuários, para direcionar conteúdo específico e influenciar o comportamento das pessoas que usam essa rede social a fim de torná-las consumidores ávidos aos produtos e serviços oferecidos nessa rede.

A escolha de oferecer às alunas e alunos a apreender o conceito de panóptico para debater sobre padrões de beleza no Instagram, se dá pelo motivo de entendermos que a arquitetura dessa rede social, vai além de simplesmente criar interação social. A arquitetura dessa rede foi projetada para influenciar o comportamento das pessoas, mas também para moldar suas identidades e subjetividades. Assim, essa arquitetura de vigilância, é uma ferramenta de poder que visa não apenas modificar os indivíduos, mas manipulá-los, direcioná-los e até mesmo “aperfeiçoá-los” conforme os objetivos do poder dominante.

Sobre o panóptico como arquitetura de poder, Foucault (1999) o define da seguinte maneira:

Uma manifestação geral da função política da arquitetura, sendo uma espécie de laboratório de poder onde experiências são conduzidas sobre a humanidade, tendo como objetivo não somente modificar ou corrigir os indivíduos, mas sim manipulá-los, orientá-los e aperfeiçoá-los (Foucault, 1999, p.144).

Por meio do esclarecimento sobre o panóptico, propõe-se uma atividade de história que desperte questionamentos nos alunos sobre como naturalizamos a

vigilância digital. O objetivo dessas reflexões é construir com os estudantes uma compreensão que considera que todos os recursos do Instagram foram projetados para coletar informações dos usuários, sendo a extração e análise de dados seus pilares fundamentais, em que um sistema complexo e sofisticado de inteligência artificial é utilizado para inferir e prever o potencial de consumo, direcionando produtos personalizados aos usuários, de acordo com as consultas por eles realizadas. Logo, o Instagram como panóptico digital, é parte do sistema capitalista e como tal, organiza e gerência de forma muito produtiva os modos de ser e de viver, em que as pessoas além de usar o Instagram como uma rede social para se aproximar e interagir com os outros, passam a ser consumidores em potencial dos produtos anunciados nessa rede.

Zuboff (2021) discute as transformações do capitalismo na atualidade, que estão moldando novos rumos para o capital em um mundo cada vez mais orientado para um futuro definido por interações sociais em ambientes digitais. Essas mudanças afetam as relações dentro e fora das plataformas digital. A autora define o termo "capitalismo de vigilância" como a prática de coletar e analisar dados dos usuários das redes sociais com fins comerciais. Esses dados são então comercializados em mercados de comportamentos futuros, nos quais empresas podem apostar no comportamento futuro dos consumidores. Em vez do trabalho, o capitalismo de vigilância se alimenta de todo aspecto de toda a experiência humana.

Uma indagação se faz pertinente: quem lucra com essa vigilância? Muitas empresas estão interessadas em usar essas previsões para direcionar suas estratégias de marketing e vendas. Zuboff (2021) alerta que, é necessário compreender as novas formas de existência do capital, no que diz respeito à apropriação indevida do humano na inteireza. Segundo a autora, o capitalismo de vigilância utiliza a coleta e análise de dados para antecipar e influenciar o comportamento humano, resultando em lucros para as empresas envolvidas nesse sistema.

Para a compreensão sobre o capitalismo da vigilância e a manipulação dos indivíduos pelas redes sociais, poderá ser indicado as/os estudantes o documentário "O Dilema das Redes", dirigido por Jeff Orlowski em 2020²⁹, que aborda em como as

²⁹ O documentário "O Dilema das Redes", tendo como título original "The Social Dilemma", foi produzido por Jeff Orlowski lançado no ano de 2020, encontra-se disponível na plataforma de streaming Netflix. Também disponível no Youtube.

redes sociais moldam nossos consumos e comportamentos. Dentro do que é chamado de “capitalismo da vigilância”, somos constantemente rastreados pelas redes sociais. O documentário demonstra com clareza, como os algoritmos das redes sociais usam nossos dados para influenciar nossos pensamentos, instigar desejos e capturar nossa atenção.

Tendo esclarecido até aqui o papel do Instagram como panóptico e sua relação com o capitalismo da vigilância, volto ao objetivo inicial deste capítulo: demonstrar aos alunos como podemos utilizar o Instagram como fonte de pesquisa no ensino de história, desde que questionemos essa fonte. O objetivo é fazer com que os alunos percebam sua capacidade de dialogar com fontes históricas, construindo hipóteses, relacionando causas e efeitos e contextualizando o assunto em questão.

É fundamental refletir sobre como o poder passou a operar dentro do Instagram segundo a lógica da vigilância, produzindo saberes sobre os usuários e direcionando conteúdos que disseminem padrões de beleza e comportamento às mulheres. Os alunos devem perceber que essas relações de poder atuam por meio de diversos mecanismos, como a imposição de padrões de beleza para diferentes tipos de corpos femininos. De acordo com Foucault (2017), o poder se manifesta de maneira dispersa e pulverizada, o que o autor chama de micro poderes, presentes no cotidiano das pessoas e em todas as relações sociais.

Logo, não se trata de condenar a rede social Instagram, o que se pretende é dialogar no ensino de história sobre a vigilância digital e os conteúdos que consumimos nessa rede, principalmente aqueles que apontam para a padronização da beleza da mulher. A disseminação de imagens de corpos magros e sarados nos perfis de influenciadores fitness, somado aos algoritmos, contribuíram para que aumentasse a insatisfação das mulheres com suas aparências e procurassem realizar procedimentos estéticos a fim de conseguir a beleza corporal inatingível para a maioria das mulheres brasileiras.

Nossa intenção é desenvolver reflexões junto as/os estudantes, de que, todos os artefatos midiáticos e culturais, confluem para a constituição dos sujeitos. Dessa forma ao questionar e investigar como os objetos comuns do cotidiano são formados e utilizados, no caso como Instagram, sendo criado para ser uma rede de compartilhamento de fotos pessoais, passou a ser uma rede em que constantemente somos bombardeados por produtos incentivando o consumo principalmente no ramo

da beleza e da estética. A interação entre a mídia, a indústria da beleza e a ciência estética configura um sistema que opera como um tipo de mecanismo panóptico.

Após discutir essas questões, é possível lançar novas perguntas aos alunos, como: de que maneiras o panóptico se manifesta nas redes sociais? Quais são suas implicações na construção discursiva dos padrões de beleza feminina?

Nesse sentido, podemos exemplificar para os alunos que o Instagram oferece uma variedade de recursos, como *likes*, algoritmos, *selfies*, *reels* e *stories*, que têm o propósito de monitorar e coletar informações dos usuários. Essas ferramentas são direcionadas para atrair consumidores para o mercado da beleza e contribuem para a disseminação dos ideais de beleza feminina na sociedade contemporânea. O botão de *like*, representado pelo símbolo de coração, é um dos recursos do Instagram que à primeira vista pode parecer inofensivo, pois demonstrar que gostou de uma publicação é considerado um ato de interação social. No entanto, por trás desse símbolo, estão os algoritmos, responsáveis por determinar quais conteúdos e quais páginas aparecem primeiro na linha do tempo do usuário.

Ao clicar no botão de "amei", o Instagram imediatamente apresenta uma série de perfis com conteúdos relacionados ao que foi curtido, mostrando publicações e anúncios do interesse do usuário. Dessa forma, por meio dos registros de dados realizados pelas pessoas em seus perfis, como *check-ins*, interações com conteúdo específico e fornecimento de informações podem ser utilizados pelos aplicativos e pelas empresas para monitorar o comportamento da sociedade em tempo real, possibilitando-os manipular os sujeitos e exercer um controle de forma eficaz, ou seja, produzir sujeitos consumidores dos produtos e serviços publicizados no Instagram. O que se espera é que após essas exemplificações, as alunas e alunos percebam que todos esses recursos do Instagram, servem, cada um à sua maneira, para sugerir conteúdos e anúncios aos usuários dessa rede.

Behnke (2022) em sua pesquisa sobre as publicidades no Instagram, explorou a eficácia dos algoritmos da plataforma em sugerir publicações, anúncios e conteúdos patrocinados personalizados, adaptados às preferências individuais de cada usuário. A autora menciona que:

Em relação aos algoritmos usados na plataforma, eles começaram a ser cada vez mais falados e conhecidos com uma mudança de 2016 que fez com que as publicações deixassem de ser apresentadas ao usuário em ordem cronológica no *Feed*. Com a medida, a plataforma passou a exibir as publicações mais relevantes, de acordo com os critérios determinados pelo algoritmo (Behnke, 2022, p. 24).

Pensando sobre a influência que a rede social Instagram exerce especialmente entre as adolescentes que buscam incessantemente se enquadrar em padrões de beleza para se sentirem aceitas em seu grupo social. Surge, portanto, no meu ofício de professora a necessidade em levar ao ensino de história na educação básica, as reflexões de que o Instagram, sendo considerado um "dispositivo que tudo vê," não se restringe à simples vigilância dos usuários. Ele está intrinsecamente relacionado à idealização e propagação de um ideal de beleza para mulher.

Esta possibilidade de debates e reflexões, se constitui como meio didático, para que as alunas se apropriar mais de sua história na condição de mulher e na ponderação da escolha dos perfis do Instagram que irão seguir, pois principalmente as estudantes, enfrentam uma pressão constante para se adequar aos padrões de beleza irreais e idealizados por meio de projeção de filtros de embelezando, perpetuados pelo Instagram e outras redes sociais, alimentando inseguranças e ansiedades em relação à sua aparência.

O julgamento estético faz com que as adolescentes, procurem por procedimentos estéticos. São tantos de perfis de influenciadores digitais, famosos e celebridades que celebram abertamente a perda de gordura, que por vezes se torna quase impossível evitar que influenciem aqueles que estão vulneráveis à pressão por um corpo considerado perfeito, conforme os padrões estéticos idealizados pela sociedade. Nesse cenário, o Brasil se destaca como líder no ranking de cirurgias plásticas entre os jovens. De acordo com uma pesquisa divulgada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), nos últimos dez anos, de 2009 a 2019, houve um aumento de 141% no número de cirurgias plásticas realizadas em jovens com idades entre 13 e 18 anos.³⁰

Em entrevista para o site da Sociedade Brasileira de Cirurgia plástica (SBCP)³¹, o cirurgião plástico Farina Junior, menciona que, uma das influências na procura por cirurgias plásticas é a mídia. Segundo ele, há uma “ditadura da beleza” presente na sociedade contemporânea, o que gera nos jovens o desejo de alcançar um corpo considerado mais bonito e perfeito, levando-os a considerar a cirurgia

³⁰ Estes dados podem ser acessado no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia plástica por meio do link <https://cirurgiaplastica.org.br/2018/06/07/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-jovens/>. Acesso em 06 de março de 2024.

³¹A entrevista completa pode ser acessada pelo link <https://www.cirurgiaplastica.org.br/2018/06/07/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-jovens/>. Acesso em 06 de março de 2024.

plástica como uma opção para atingir esse ideal.

A idealização do corpo conforme os padrões de beleza do Instagram resultou na criação de um mercado altamente lucrativo, em que a beleza é tratada como uma mercadoria valiosa, conforme argumentado por Wolf (1992). O capitalismo se aproveita da imagem de mulheres consideradas bonitas para impulsionar a venda de produtos, lucrar com a insegurança daquelas que não se encaixam nesses padrões.

Em uma sociedade fortemente influenciada por uma indústria de massa, em que a publicidade está cada vez mais presente através das redes sociais, e cada vez mais ritos de beleza são criados e incentivados, o mercado da beleza exerce uma influência avassaladora sobre as mulheres, estendendo seus tentáculos até mesmo à rede social Instagram. Nessa rede social, as mulheres são constantemente incentivadas a manter um padrão estético rigoroso, que abrange desde a aparência física até os cuidados com cabelos e unhas. A pressão para estar sempre bem vestida, maquiada e com o corpo perfeitamente esculpido é incessante, levando muitas a recorrerem a procedimentos cirúrgicos ou a uma rotina exaustiva de exercícios físicos.

Neste capítulo, propomos aos professores a utilização do Instagram como uma fonte no ensino de história, visando permitir que os alunos reflitam sobre o exercício de vigilância presente nessa rede social e as influências desta nos padrões de beleza das mulheres. O objetivo deste capítulo foi o de demonstrar aos professores de história que é possível dialogar com os estudantes que nossas interações nessa plataforma contribuem para a intensificação da vigilância, que molda os tipos de anúncios e recomendações de perfis que recebemos, muitas vezes direcionando-nos para o consumo de produtos que reforçam os padrões de beleza feminina, e que diariamente, somos bombardeados por estímulos relacionados aos padrões de beleza veiculados pelas mídias digitais, que nos oferecem uma variedade de produtos e avanços tecnológicos destinados a aprimorar a estética e a forma física.

Assim, concluimos esse capítulo, acreditando ter demonstrado o potencial pedagógico do Instagram quando o professor os leva para dentro do ensino de história como uma fonte possível de várias problematizações. Ao trazer para a sala de aula os elementos da cultura digital contemporânea e estimular a análise crítica dos padrões de beleza veiculados nessa plataforma, os estudantes são desafiados a compreender não apenas o passado, mas também as dinâmicas sociais, políticas e

culturais do presente. E que por meio da problematização é possível conduzir as alunas e alunos a reconhecer o panoptismo nas redes sociais e sua influência na construção dos padrões de beleza, assim, abrimos espaço para uma reflexão crítica e uma desmistificação desses ideais.

Ao reconhecer o poder das redes sociais como agentes de vigilância e controle que ajuda na propagação de um único padrão estético, podemos ensinar aos jovens estudantes, a empoderar-se, questionando e resistindo às narrativas unilaterais de beleza. Ao confrontar o panóptico nas redes sociais e os padrões de beleza associados, abrimos caminho para uma educação mais crítica e emancipatória, que capacita os indivíduos a navegarem conscientemente no mundo digital.

Frequentemente, procuramos nos espelhar na imagem corporal das celebridades e influenciadores digitais que seguimos nas redes sociais. No entanto, é importante reconhecer que essas figuras são tratadas como produtos a serem consumidos pelos seus seguidores, contribuindo para a mercantilização do corpo feminino. Esses corpos são moldados de acordo com padrões estéticos muitas vezes inalcançáveis para a maioria das pessoas, criando assim um ciclo contínuo de definição e redefinição dos ideais de beleza, que determinam o que é considerado bonito ou feio em determinado momento.

Portanto, buscou-se evidenciar a viabilidade em explorar o Instagram como um artefato cultural contemporâneo no ensino de história, problematizando sua função de dispositivo de vigilância sobre os usuários. Também destacamos como essa rede social serve aos interesses das indústrias que se beneficiam do capitalismo de vigilância. Em particular, observamos como o Instagram e a indústria da beleza tem lucrado propagando padrões de beleza corporal para as mulheres. A pressão para alcançar esses padrões impulsiona um ciclo de consumo, em que os usuários são levados a comprar produtos como cosméticos, suplementos alimentares e serviços estéticos, dermatológicos e cirurgias estéticas, sendo amplamente divulgadas dentro dessa rede social.

No próximo capítulo utilizamos o Instagram como um espaço de coleta de fontes, incluindo imagens, legendas e comentários, o que nos possibilitou analisar as práticas discursivas dos profissionais da área da beleza em relação aos corpos femininos. As reflexões decorrentes do estudo desses artefatos nos permitiram interpretar os recursos de linguagem empregados pelos produtores de conteúdo. Assim, nas próximas páginas, analisamos as práticas discursivas e as imagens que

disseminam um padrão de beleza para o corpo da mulher propagado na rede social Instagram.

CAPÍTULO 3 – CORPOS FEMININOS ENTRE DISCURSOS E IMAGENS: A PRODUÇÃO DA BELEZA NO INSTAGRAM

No capítulo anterior, discutimos o papel do Instagram como artefato cultural, sendo essa rede social utilizada para compartilhar imagens que promovem modelos de corpos considerados ideais, influencia o imaginário individual e coletivo sobre o que é belo ou desejável.

Não é preciso muito esforço para constataremos que estamos cercados por imagens embutidas de discursos que determinam em como deve ser o corpo feminino. Elas estão presentes nas redes sociais, nas revistas, nas campanhas publicitárias expostas nas ruas, nos jornais e isto, quando não são feitas por nós mesmos, nas chamadas *selfies*. Diariamente, somos inundados por estímulos provenientes dos padrões de beleza promovidos pelas mídias digitais, que oferecem uma variedade de produtos e serviços com avanços tecnológicos destinados a aprimorar a estética e a forma física.

Nesse cenário virtual, o Instagram se destaca como uma plataforma influente na definição e disseminação dos padrões de beleza contemporâneos, no qual a interação de discursos e imagens se perpetua na criação desses ideais estéticos, pois ao navegarmos pelos *feeds* repletos de fotos retocadas por filtros digitais e poses cuidadosamente elaboradas, somos imersos em uma narrativa visual que constrói uma determinada concepção de beleza.

Ao trazer as imagens que constam neste capítulo para as discussões em sala de aula, buscamos não apenas ilustrar o tema trabalhado, mas também estimular questionamentos e novos conhecimentos, conforme aponta Fonseca:

[...] as imagens constituem fontes importantíssimas para o processo de ensino e aprendizagem, pois ampliam o olhar, possibilitam o desenvolvimento da observação crítica, atraem o aluno, seduzem [...] Por meio das imagens, o professor pode estabelecer um diálogo no sentido de ampliar a compreensão e a criticidade da realidade em que estão inseridos (Fonseca, 2009, p. 189).

Nosso objetivo é utilizar essas imagens no ensino de história na educação básica para desenvolver a capacidade dos estudantes de refletir sobre os discursos e imagens que propagam um ideal de beleza inatingível. Não pretendemos usar as imagens como prova irrefutável de uma verdade, mas sim compreender como elas exercem influência ao conduzir os indivíduos a se inserir em uma ordem discursiva

que contribui para a produção de sujeitos. Neste caso, focamos na produção do sujeito mulher por meio de discursos e imagens, que normatizam o que é considerado um corpo belo para as mulheres e o que representa a feminilidade. Um exemplo disso é a análise de uma imagem em que uma médica sugere que a retirada de costelas pode trazer feminilidade ao contorno corporal da mulher.

Por meio da proposta pedagógica que envolve a análise das imagens apresentadas nesta dissertação, espera-se que os estudantes possam compreender como os discursos sobre o corpo feminino considerado belo, veiculados na rede social Instagram, tendem a influenciar nossa construção como sujeito mulher, aprisionando-nos a um único ideal de beleza. A partir dessas discussões, no ensino de história, pretendemos orientar os alunos a promover mudanças em sua percepção em relação ao outro tendo em vista a compreensão de que a história como disciplina não se limita a estudar as ações humanas no tempo e no espaço, somente, mas também lida com a formação dos sujeitos ao longo do tempo e do espaço. O objetivo é incentivar os alunos a refletir sobre sua maneira de enxergar o outro, reconhecendo que a história é uma ciência que trata não apenas do passado, mas também dos sujeitos que a constroem e de seus modos de ser e de viver em diferentes períodos históricos.

É válido salientar que, quando falamos de práticas discursivas, fundamentamos em Foucault (1996), que denominou, que tais práticas não se limitam ao ato de fala, ou de uma ação concreta e individual de pronunciar discursos, mas que o discurso é todo o conjunto de enunciados que moldam nossa maneira de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele.

A proposta que segue neste capítulo, é conduzir alunas e alunos, por meio das leituras e das análises orientadas das fontes coletadas no Instagram, compreenderem que os discursos produzidos pelo sistema capitalista impõem às mulheres um sentimento de liberdade de escolhas, gostos e desejos, assim como a sensação de independência financeira em que podemos comprar até mesmo a beleza que este mesmo sistema nos impõe. Queremos demonstrar as/os estudantes que, esse sistema nos molda para nos tornarmos o que ele precisa que sejamos: produtores e consumidores, e consideramos que dessa maneira, é possível construir uma educação problematizadora, e conseqüentemente, libertadora (Freire, 1986).

Apresentamos nas leituras das fontes, a análise de que o corpo da mulher sempre está sujeitado ao que Foucault (1999), denominou como "docilização dos

corpos" para caber num sistema de consumo e produção capitalista, outro é o controle estético, os padrões de beleza. Não é nossa intenção condenar as transformações estéticas que as mulheres tanto almejam, pois entendemos o quanto a beleza tem benefícios para a autoaceitação. No entanto, queremos demonstrar que não existe um padrão para a beleza, mas sim uma beleza criada e padronizada pelas indústrias da beleza, e exposta pelo Instagram como a beleza ideal.

A intenção é demonstrar aos estudantes de história da educação básica que a padronização de uma única beleza para o corpo da mulher faz parte de uma prática discursiva construída historicamente carregada de ideologias permeadas pelo capitalismo. Os discursos são produzidos ou reproduzidos isentos de neutralidade. Dessa forma, as análises foram conduzidas utilizando os conceitos de “discurso”, “saber” e “poder” de Foucault, visando demonstrar aos estudantes como no Instagram se perpetuam as práticas discursivas sobre a beleza do corpo da mulher pautadas no discurso da saúde do corpo e da mente.

No subtítulo a seguir, abordaremos a influência dos filtros digitais de embelezamento na autoestima das mulheres e as implicações econômicas que permeiam a relação entre esses filtros e o aumento de adolescentes e mulheres na procura por cirurgias estéticas faciais.

3.1 – Beleza instagramável e filtros digitais

De acordo com Sant’Anna (2014), as modificações corporais e faciais por meio do *Photoshop* começaram a ganhar visibilidade nos anos 1990, especialmente entre os produtores de revistas. Nessas revistas, as fotos das modelos que posavam para editoriais eram frequentemente editadas utilizando essa ferramenta digital. No entanto, naquele período, apenas especialistas que dominavam softwares de edição de imagem, como o *Photoshop*, conseguiam fazer essas alterações nas fotos das modelos. Dessa forma, a noção de beleza modificada por meio dessa ferramenta de edição de imagens, ficava restrita ao mundo das modelos, tornando-as referências de beleza para o público consumidor das revistas.

Durante a segunda década do século XXI, a manipulação de imagens tornou-se acessível aos usuários da rede social Instagram. O Instagram, já conhecido por sua capacidade de oferecer uma edição rápida e prática de imagens postadas nos perfis, decidiu incorporar a ferramenta, lançando seu próprio catálogo de filtros

voltados para alterar a fisionomia nos *stories*, que rapidamente se tornou viral entre os usuários. Na plataforma, eles podem até mesmo salvar os filtros de sua preferência, construindo assim sua própria lista personalizada. Com uma ampla variedade de filtros digitais disponíveis, o Instagram permite que os usuários modifiquem facilmente a aparência de seus rostos e corpos.

Embora os filtros digitais tenham sido lançados em 2017, foi durante a pandemia de Covid-19, principalmente no ano de 2020, que eles se popularizaram, quando sob confinamento, a vida social se voltou para as telas dos celulares. Inicialmente usados recreativamente, com adereços virtuais como orelhas de animais e bigodes de gatinhos, logo surgiram os filtros de embelezamento facial, que gerou maior engajamento no Instagram, principalmente entre as mulheres. Os filtros de embelezamento digital são capazes de transformar completamente a aparência das pessoas. As possibilidades oferecidas por esses filtros são vastas, permitindo alterações desde a cor da pele até o formato do nariz, criando uma nova realidade estética no Instagram. Concomitantemente ao surgimento dos filtros de embelezamento, um novo termo emergiu entre os adolescentes: "beleza instagramável"³². Esse termo refere-se a algo ou alguém visualmente atraente, com características consideradas ideais para serem compartilhadas no Instagram.

A beleza instagramável consiste em ter uma aparência impecável, poses cuidadosamente elaboradas, cenários bem escolhidos e iluminação favorável, frequentemente complementada pelo uso de filtros digitais para realçar ou modificar a aparência nas fotos. Essa noção de beleza é entendida como padronizada, caracterizada por uma pele lisa e sem manchas, maquiagem preferencialmente aplicada, nariz fino e lábios volumosos.

Em uma sociedade altamente globalizada, as imagens exercem uma influência cada vez mais acessível e significativa na definição e disseminação do que é considerado o padrão de beleza atual e culturalmente aceito. Como resultado, mulheres cada vez mais se tornam reféns de seus próprios corpos na tentativa de atingir padrões irreais de beleza, perpetuados pela manipulação digital. Como observado por Sant'Anna (2014), a pressão para se conformar a uma determinada aparência física é imposta pelo ambiente ao nosso redor. Aqueles que se encaixam

³² Instagramável: que é passível de ser publicado na rede social Instagram, que (por ser fotogênico, engraçado, etc.) é próprio para ser publicado nessa rede social. Fonte <https://www.meudicionario.org>

nesse padrão de beleza são socialmente aceitos, enquanto os que não se adequam são frequentemente marginalizados e culpados por não atingirem ou se aproximarem desse ideal.

A nova tecnologia de manipulação de imagens despertou o desejo das pessoas de se adequarem aos padrões fabricados pelos filtros das redes sociais. Segundo a pesquisa realizada como parte do Projeto Dove pela Autoestima, o uso de redes sociais e filtros tem um impacto significativo na autoestima de crianças e adolescentes. Dos adolescentes brasileiros com 13 anos ou mais, aproximadamente 84% já utilizaram algum tipo de filtro ou aplicativo de edição de fotos para modificar sua própria imagem. Além disso, a pesquisa revela que 78% desses adolescentes já tentaram alterar ou ocultar alguma parte do corpo que considerava indesejada antes de postar uma foto nas redes sociais.³³

Diante os dados acima expostos, entendemos ser preciso que, nós professores proporcione momentos de debates no ensino de história, a fim de conduzir alunas e alunos a compreenderem que não existe apenas um ideal de beleza. É igualmente importante problematizar, em como os filtros digitais promovem um padrão de beleza europeu, o qual não condiz com a diversidade étnica e racial da população brasileira. Por meio dessas discussões, o professor de história estará “promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais”. (Brasil, 2018, p.10)

Brito (2020) destaca que a sociedade contemporânea tem suas raízes no colonialismo europeu do século XVI, adotando o padrão de beleza europeu como universal, que desconsidera a diversidade e subjetividade do Brasil como um país latino, miscigenado e multicultural. Portanto, é preciso incentivar as/os estudantes a pensar em como esses filtros reforçam e reproduzem padrões de beleza racistas. A partir dessas reflexões, pode-se demonstrar que esses filtros do Instagram são idealizados em um contexto social específico, e por indivíduos também influenciados por determinadas perspectivas estéticas. Na minha interpretação esses filtros podem ser pensados como indício de que a beleza válida é aquela que corresponde à harmonia do filtro, que por sua vez, foi criado por um grupo que dita as regras, de como ser e como viver de acordo com essa ou aquela expectativa. É preciso considerar que há uma gama de filtros digitais de embelezamento facial, voltados

³³ Link para acesso a pesquisa completa: <https://www.unilever.com.br/news/2023/campanha-de-dove-alerta-sobre-filtros-nas-redes-sociais/>. Acesso em 25 mar. 2024

para as mulheres, criados por homens europeus ou norte-americanos. Por isso, a chance de uma mulher brasileira se encaixar aos padrões de beleza dos filtros digitais de embelezamento é mínima devido às multiplicidades e as diferenças dos indivíduos.

Também é preciso conduzir os estudantes a perceberem a relação entre a cultura digital, a indústria cultural de massa e o capitalismo do século XXI, em que essa confluência, nos direciona a seguir um único percurso: o consumo desenfreado de produtos e serviços estéticos destinados a alcançar o padrão de beleza ditado pela sociedade contemporânea.

Considerando o exposto até este ponto, surge a oportunidade em desenvolver a habilidade (EM13CHS303) proposta pela BNCCEM (2018) que consiste em:

[...] debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis (Brasil, 2018, p. 562).

Para alcançar esse ideal estético digitalmente construído, são necessários investimentos financeiros em produtos de beleza, tratamentos estéticos e até mesmo cirurgias plásticas. Portanto, a opção em se enquadrar no padrão de beleza propagado no Instagram, são inúmeras, seja ela aplicando os filtros de embelezamento digital, produtos e intervenções cirúrgicas oferecidos pela indústria da beleza, estes últimos desde que o indivíduo possua recursos financeiros para arcar e consumir todas as incontáveis opções oferecidas pelo mercado através da publicidade ou também, como pretendemos demonstrar nesse estudo, através do Instagram. Desta forma, essa rede social possui a capacidade de ditar os padrões de beleza a serem adotados como também apontar as próximas novidades cosméticas e cirúrgicas a serem consumidos para se alcançar o corpo considerado “perfeito”.

Como vimos até aqui, o Instagram é uma rede social dedicada à divulgação de imagens, tanto estáticas quanto em movimento, e que essas imagens propagam certos padrões de beleza. É pertinente, portanto, no ensino de história instruir os estudantes sobre a interpretação das imagens presentes nessa plataforma, uma vez que, estes estão imersos nessa cultura visual, que serve como ferramenta para manutenção de relações de poder e de reprodução de estereótipos femininos.

Promover a leitura crítica das imagens do corpo feminino propagadas no Instagram permite que os estudantes questionem quem está sob a produção dessas imagens e quais são os interesses envolvidos. Ao propor aos alunos o

desenvolvimento de análises críticas das imagens veiculadas nessa rede social, temos como objetivo em conduzi-los a:

[...] utilizar os diversos meios de comunicação de forma crítica, não aceitando como verdade o “fato” veiculado nas diferentes mídias. Desvendar e reconhecer os sujeitos, os sentidos obscuros e silenciados, as razões da construção de uma determinada informação e os meios utilizados para a sua difusão é tarefa básica das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e exercício necessário para a formação dos jovens (Brasil, 2018, p. 547).

Portanto, por meio da análise das imagens e práticas discursivas veiculadas no Instagram, espera-se que os jovens estudantes possam perceber que a divulgação de imagens e práticas discursivas sobre padrões de beleza que permeiam o corpo da mulher nessa rede social tem apelos consumistas capazes de alterar as formas como as mulheres se colocam e se veem no mundo. A seguir, analisarei as fontes coletadas e categorizadas como projeções faciais feitas por filtros digitais. Seleccionamos duas imagens com alterações faciais feitas pelos filtros do Instagram: uma proveniente do perfil @amandanmassari e outra do perfil @drvictorbechara.

No perfil @amandanmassari, a escolha se deu pela (imagem 2), alinhar - se à proposta desta dissertação em analisar as modificações faciais a fim de demonstrar como os filtros de embelezamento projetam a beleza facial a partir do padrão de beleza europeu. Também nos chamou a atenção a legenda do vídeo³⁴, em que a influenciadora escreveu: “Como vocês costumam aparecer em suas redes?”, chama a atenção, pois nos leva a refletir sobre como nos apresentamos nas redes sociais e se a beleza que vemos é real ou resultado da edição digital.

Iniciamos nossa análise de imagem demonstrando a partir da fonte (imagem 2) que, na imagem da esquerda, a influenciadora aparece sem o uso do filtro, revelando algumas manchas na pele, olheiras proeminentes, o rosto em formato oval e olhos castanhos claros. Do lado direito aparece a imagem, após a aplicação do filtro digital, em que as alterações do rosto são visíveis: as olheiras desaparecem, a cor dos olhos muda de castanho claro para verde, o formato do rosto se transforma e a pele fica livre de marcas e sinais de envelhecimento e cansaço. Essa análise nos permite compreender as transformações notáveis que os filtros digitais podem causar na aparência das pessoas nas redes sociais.

³⁴ A postagem da influenciadora digital foi feita por vídeo, para a coleta dessa fonte foi preciso fazer *prints* sequenciais do vídeo para tornar a imagem estática. Após esse procedimento, foram selecionadas as melhores imagens para demonstrar nesta dissertação as alterações faciais feitas pelo filtro digital.

Imagem 2 - Rosto antes e depois de usar o filtro digital de embelezamento



Fonte: Instagram @amandanmassari

Diferentemente do passado onde a imagem revelava nossa aparência tal como somos, na atualidade podemos modificar nossa aparência conforme queremos ser vistos. Na rede social Instagram, por meio de filtros digitais somos convidados a retirar algumas características faciais como: cor da pele, afilar o nariz, mudar a cor dos olhos e do formato da boca. Até mesmo rostos arredondados desaparecem, criando imagens irreais.

Essa obsessão por uma aparência digital e irreal pode resultar em riscos físicos e psicológicos, caracterizando o que é conhecido como dismorfia corporal, ou síndrome da feiura imaginária, Conrado (2009), explica que a dismorfia corporal é a percepção distorcida da imagem corporal, caracterizada pela preocupação exagerada com uma anomalia imaginária na aparência ou com um mínimo defeito corporal presente. A síndrome da distorção da imagem afeta profundamente a relação que as pessoas têm com sua própria aparência, as levando buscar constantemente procedimentos de embelezamento para corrigir imperfeições, muitas vezes inexistentes.

A preocupação com a aparência e a busca por procedimentos estéticos entre os jovens é uma realidade cada vez mais evidente. De acordo com pesquisa realizada pelo Projeto Dove pela Autoestima, 84% das jovens brasileiras com 13 anos já utilizaram algum recurso tecnológico para modificar sua imagem em fotos, enquanto 78% delas tentam alterar ou ocultar alguma parte do corpo que não gostam, antes de postar fotos nas redes sociais.³⁵

Esses dados são corroborados pela dermatologista Gisele Saraiva (2022), que declara que houve um aumento significativo na procura por procedimentos como a harmonização facial, especialmente por pessoas muito jovens, algumas com menos de 20 anos. A dermatologista destaca que muitos pacientes se inspiram nas imagens editadas com filtros nas redes sociais ao buscar tais procedimentos.³⁶

Da mesma forma, o cirurgião plástico Wendell Uguetto (2020) confirma que procedimentos cirúrgicos como: a rinoplastia, bichectomia, lipoaspiração de papada e harmonização facial estão sendo os procedimentos faciais mais procurados nos últimos cinco anos. O profissional na área de cirurgia estética ressalta que, atualmente, é habitual as pacientes levarem imagens de si mesmas em que usaram os filtros do Instagram como referência de como desejam ficar após o procedimento estético.³⁷

Os dados acima apresentados, evidenciam que os filtros digitais desempenham um papel significativo na maneira como a indústria da beleza monetiza a insatisfação das mulheres em relação à sua própria aparência, independentemente da faixa etária. Enquanto as jovens buscam modificar sua aparência facial por meio dos filtros de embelezamento, as mulheres mais maduras muitas vezes recorrem a procedimentos cirúrgicos faciais na esperança de preservar a juventude, resultando em rostos que tendem a se assemelhar cada vez mais. Tais práticas dão a ver a existência de um novo padrão de beleza, influenciado pelo Instagram e pelo uso de filtros.

Esse padrão de beleza é parte da disseminação de uma imagem ideal que tem se infiltrado cada dia mais na vida das mulheres, cumprindo seu papel em difundir a

³⁵ Pesquisa disponível no link <https://www.dove.com/pt/dove-self-esteem-project.html>. Acesso em 04 abr. 2024

³⁶ Declarações feitas pela dermatologista em matéria escrita por Fabiana Moraes (2022). Matéria completa no link <https://www.intercept.com.br/2022/04/19/filtros-selfie-cirurgias-plasticas-jovens/>. Acesso em 18 de set. de 2023.

³⁷ Revista online ELLE, matéria publicada escrita por Natália Eiras, em 25 de maio de 2020. A matéria completa pode ser acessada pelo link <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais->. Acesso em 18 de set. de 2023.

noção do que é considerado aceitável e desejável em uma cultura dominada essencialmente pelo ponto de vista masculino. Desde cedo, as mulheres são submetidas à pressão e vigilância para se enquadrarem nessa noção de beleza idealizada. Como afirma Wolf (1991, p. 76), "por terem poucos modelos a imitar no mundo real, as mulheres as procuram nas telas e nas revistas femininas". Hoje em dia, essa projeção de beleza é ainda mais exacerbada pelos filtros digitais disponíveis no Instagram.

Ao ler o artigo de Guedes (2021) intitulado *Embelezar ou embranquecer?* Que aborda como os filtros das redes sociais reforçam e reproduzem padrões de beleza racistas, deparei-me com a (imagem 3) produzida pela própria autora, para demonstrar aos leitores de seu artigo, como os filtros das redes sociais reforçam e reproduzem padrões de beleza racistas. Busquei no perfil do Instagram de Guedes tal imagem, porém, encontrei apenas a versão do "antes" sem o respectivo "depois" com a projeção do filtro digital. A ausência dessa imagem no perfil da autora levanta a possibilidade de que ela tenha simulado o antes e depois do filtro de embelezamento exclusivamente para uso em seu artigo. Não obstante, pela relevância para a dissertação em questão, incluí a imagem produzida por Guedes (2021) neste trabalho.

Imagem 3: Filtros de embelezamento e racismo estético³⁸



Fonte: Guedes (2021)

³⁸ Retirado do artigo escrito por Guedes (2021). Disponível em: <https://medium.com/codingrights/embelezar-ou-embranquecer>. Acesso em 22 de abril, 2024.

De acordo com Guedes (2021), o emprego de ferramentas de edição de imagens nas plataformas de mídia social pode encobrir um problema sério: a perpetuação de um padrão de beleza racialmente tendencioso. Para a autora, certos filtros são concebidos sem considerar as características fenotípicas das pessoas negras e acabam por modificar drasticamente tais traços, sempre com o intuito de aproximá-los das características das pessoas brancas: estreitando o nariz, reduzindo os lábios, ajustando a tonalidade da pele para tons alaranjados ou acinzentados, e até mesmo alterando a cor dos olhos para verde ou azul. Guedes, ressalta que sob o processo de elaboração dos filtros estão, em sua grande maioria, pessoas brancas com chefias brancas que desconsideram as especificidades de pessoas negras. No universo dos filtros do Instagram há uma espécie de racismo estético que domina a indústria da beleza e maquiagem, que deixa de fora uma multidão de mulheres de pele retinta ao não desenvolver e comercializar produtos adequados para esses tons de pele negra.

A sociedade contemporânea é fortemente influenciada por uma lógica enraizada no colonialismo europeu do século XVI, que promove a cultura europeia como um padrão universal, desconsiderando a diversidade e a subjetividade de países como o Brasil, latino, miscigenado e multicultural. Essa influência é notável, especialmente nas redes sociais, como o Instagram, em que a representação da mulher brasileira enfrenta um paradoxo: embora possa ter cabelos crespos, enrolados ou ondulados, é esperado que exiba cabelos lisos, pele bronzeada, mas clara, corpo magro com cintura fina, seios fartos e quadris largos. No entanto, essa idealização contrasta com a diversidade e multiplicidades de características das mulheres brasileira: somos indígenas, negras, amarelas, gordas, velhas, e tantas outras coisas além do estereótipo ocidentalizado de brancura, magreza e juventude.

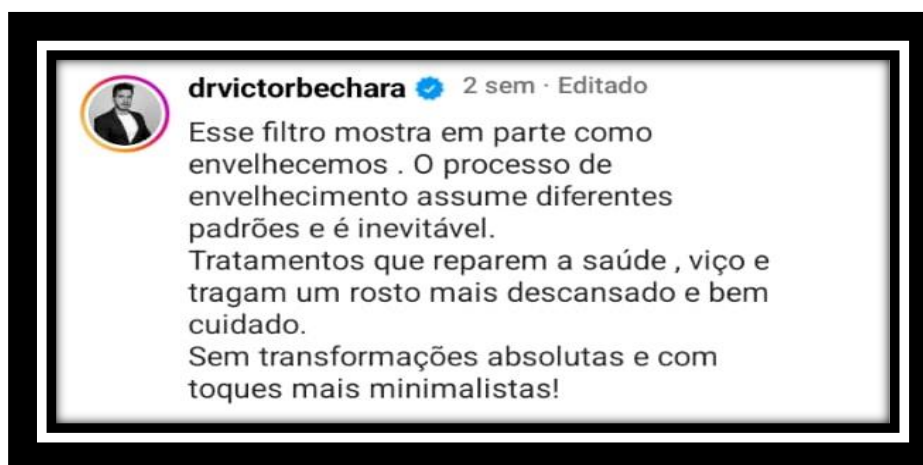
Os Parâmetros Curriculares Nacionais de história (Brasil, 1997) orienta que, o ensino de história pode ser um instrumento de desconstrução das representações sociais do racismo para que se tenha uma sociedade mais igualitária. Assim ao instituir uma educação dialética com os estudantes sobre os padrões de beleza irreais projetados pelos filtros digitais, contribuimos para que, os estudantes construam conhecimentos sobre a sua beleza conforme sua identidade racial, étnica e de gênero, e assim aceitem-se a si e aos outros em suas diversidades estéticas.

A imagem subsequente foi retirada do perfil de um dermatologista, onde foi

postado um vídeo no qual a cantora Anitta demonstra seu rosto envelhecido por meio de um filtro digital. Optamos por essa fonte por considerá-la adequada para discutir com os alunos como o medo de parecer velho supera o medo de envelhecer. Além disso, essa imagem ilustra como os discursos promovidos pelos profissionais da área da beleza incentivam as mulheres a investir recursos financeiros em procedimentos estéticos na busca pela eterna juventude.

Antes de prosseguirmos, é relevante esclarecer que as (imagens 4 e 5), foram obtidas no perfil do Instagram do médico dermatologista Victor Bechara, que conta com uma base de 19,3 mil seguidores. Conhecido como "dermatologista das celebridades", seu perfil apresenta imagens dele ao lado de algumas de suas clientes famosas. O profissional utiliza vídeos informativos para orientar seus pacientes sobre o processo de envelhecimento da pele e as opções de procedimentos estéticos disponíveis em seu consultório para atenuar os efeitos do tempo na pele.

Imagem 4 – Filtro digital de envelhecimento e venda de tratamento estéticos.



Fonte: Instagram @drvictorbechara

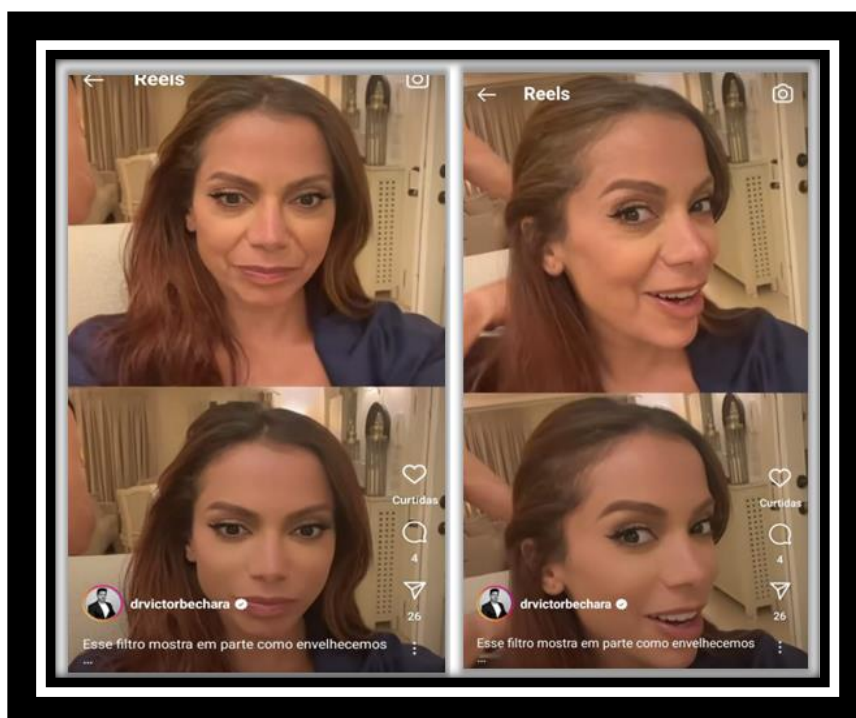
Na legenda acima, o dermatologista utiliza a estratégia discursiva associando o envelhecimento a uma questão de saúde. Ele aborda o envelhecimento como um processo natural, porém, ao mesmo tempo, sugere que tratamentos dermatológicos são a solução para manter a "saúde" e o "viço" da pele, além de alcançar um "rosto mais descansado e bem cuidado". Ao comparar o envelhecimento da pele a uma questão de saúde, ele reforça sua autoridade como profissional de saúde e promove a ideia de que a juventude está ligada ao estado de saúde, incentivando a busca por tratamentos para minimizar os efeitos do envelhecimento na pele. Nota-se que na

legenda escrita pelo médico dermatologista existe uma estratégia discursiva de medicalizar³⁹ o envelhecimento e normatizar a juventude como um ideal de beleza.

De acordo com Sant'Anna (2014), historicamente a beleza da mulher sempre foi justaposta a uma beleza jovial, o que fez com as mulheres tentassem a todo custo lutar contra o envelhecimento. A corrida pela perfeição, visa satisfazer os desejos humanos mais antigos, descritos nos mitos, elixir e fonte da eterna juventude, sempre enfatizando a beleza externa que está cada vez mais ligada as mulheres.

Na fonte que segue (imagem 5), a cantora em duas perspectivas: à esquerda, seu rosto em uma visão frontal; à direita, em uma perspectiva diagonal. Na parte superior, são apresentadas as projeções de envelhecimento geradas pelo filtro da rede social Instagram, enquanto na parte inferior, vemos as imagens reais do rosto da cantora.

Imagem 5 - Projeção de envelhecimento usando o filtro digital



Fonte: Instagram @drvictorbechara

Para compreender sobre a negação ou repulsa ao envelhecimento, trouxemos como fonte de análise *prints* feito de um vídeo⁴⁰ (imagem 5), protagonizado pela

³⁹ Usamos o termo medicalizar o envelhecimento e a beleza, pois a indústria cosmética juntamente com a indústria farmacêutica, oferece uma gama de medicações que prometem combater o envelhecimento da pele, tais como: colágenos tanto injetáveis quanto via oral, vitamina C que combate os radicais livres, dentre tantas outras medicações chamadas de dermocosméticos.

⁴⁰ A postagem da cantora Anitta foi feita por vídeo, na coleta dessa fonte foi preciso fazer *prints* sequenciais do vídeo para tornar a imagem estática. Logo após, os *prints* foram dispostos em séries

cantora Anitta, em que ela demonstra uma reação indignada ao ser submetida a um filtro digital que a envelhece. No vídeo, a cantora expressa sua recusa em envelhecer ao dizer: “eu não quero envelhecer assim não”, ou seja, vou envelhecer, mas não quero me aparentar velha.

Sabemos que historicamente as imagens femininas estiveram associadas à beleza e à juventude, mas na contemporaneidade, essa tendência parece ter se intensificado. Observamos uma profusão de imagens que retratam corpos sensuais e esculpidos, atendendo às expectativas alheias enquanto simultaneamente enfrentam a inevitabilidade do envelhecimento. O medo de envelhecer, é um constructo sociocultural e histórico, que coloca a mulher como o sujeito que deve ter a aparência sempre bela e jovial, seja para se casar, e/ou até mesmo para se manter no mercado de trabalho.

De acordo com Sibila (2007), atualmente, cada corpo é visto como um "capital", cujo valor é determinado por diversas variáveis, sujeitas às flutuações do mercado que o indivíduo está inserido. Assim, um corpo mais jovem é considerado mais valioso do que um corpo envelhecido.

Determinados padrões de beleza, por norma, são atravessados pelo discurso do patriarcado que tende a classificar e normatizar o que é ideal para os homens e mulheres. Entender como se estrutura o discurso antienvelhecimento, corrobora para a compreensão de como as práticas discursivas atravessam os indivíduos e a beleza é sempre associada à juventude.

Na cultura brasileira, a perda da beleza, recai de maneira mais intensa sobre as mulheres, ou seja, homens e mulheres experimentam o envelhecimento de maneiras distintas. A idealização da beleza feminina atrelada à juventude é amplamente propagada na rede social Instagram em que a imagem de juventude é vendida como sinônimo da beleza.

Del Priore (2000), menciona que atualmente a mídia é o maior algoz das mulheres, ao propagar padrões de beleza inalcançáveis e irreais para as mulheres. A autora com suas reflexões nos ajuda a compreender que os filtros digitais, hoje tão presentes nas redes sociais, são usados como os novos ditadores de padrões de beleza, incentivando algumas mulheres a buscar freneticamente produtos de alta

tecnologia, como cremes antienvelhecimento, e submeter-se a procedimentos estéticos, incluindo cirurgias faciais, na tentativa de retardar o processo de envelhecimento.

Ao utilizarmos a (imagem 5) no ensino de história, podemos analisar, que os discursos anti-idade, atualmente não se estruturam somente na idade da mulher, mas sim com os efeitos que o tempo pode causar em seus corpos. Ou seja, não importa a idade que tenham, o que importa é não aparentar ser velhas. Goldenberg (2011), sustenta que, as mulheres, principalmente as brasileiras, tem medo de envelhecer, pois o envelhecimento é associado a perda do capital físico, e ao mesmo tempo, associado ao medo da invisibilidade social. De acordo com a autora, mulheres a partir dos 40 anos na cultura brasileira, são consideradas velhas. O medo de envelhecer nas brasileiras, é resquício de uma cultura que valoriza extremamente o corpo jovem. No Brasil o corpo jovem é considerado um capital em que a mulher deve investir nesse corpo para mantê-lo jovem.

Na cultura brasileira, é comum encontrar a ideia arraigada de que a mulher envelhecida perde seu valor e seu espaço na sociedade. Desde pequenas, lhes é inculcado a ideia de que o corpo desejado pelos homens, é um corpo magro, sem rugas, sem flacidez. É colocado diante de nós, que para termos um bom emprego e um bom marido, devemos nos manter sempre belas e joviais. A beleza, espelhada na eterna juventude, é associada “a ascensão social, e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual” (Goldenberg, 2011, p. 78).

Em sua pesquisa comparativa sobre a preocupação com o envelhecimento entre alemãs e brasileiras, Goldenberg (2011) destaca que, enquanto as alemãs demonstram segurança em relação ao envelhecimento, se sentindo mais confortáveis com essa fase da vida e enfatizando suas realizações profissionais, intelectuais e afetivas, enquanto as brasileiras tendem a associar o envelhecimento com a decadência do corpo, a falta de parceiro e a invisibilidade social. Essas preocupações levam muitas mulheres brasileiras a sacrificar diversos aspectos de suas vidas para parecerem mais jovens, destacando assim a pressão cultural e social sobre a aparência e a juventude feminina.

Dessa forma, a “juventude eterna” encontra a sua ressonância no mercado da beleza que se compromete a atenuar os sinais trazidos pelo envelhecimento cronológico por meio de diversos tratamentos estéticos, como aplicação de botox,

bioestimuladores de colágeno, *peeling* facial, plástica facial e laser, todos em consonância com a busca incessante por eliminar as marcas da passagem do tempo em nosso corpo.

Segundo a médica esteticista Mariana Ribeiro, desde a liberação da aplicação da toxina botulínica em 2001 no Brasil ao ano de 2022, o botox, popularmente conhecido, teve gradualmente sua faixa etária de aplicação reduzida. A médica explica que, embora inicialmente a técnica fosse mais frequente entre pessoas em torno dos 40 anos, essa prática tornou-se cada vez mais popular, a ponto de pacientes com menos de 25 anos buscarem o tratamento como um método preventivo contra o envelhecimento⁴¹.

O desejo em alcançar um ideal de beleza não se limita apenas à vontade de modificar a aparência facial, mas inclui o desejo de transformar o corpo, levando algumas mulheres a investir alto em procedimentos de embelezamento, que vão desde a harmonização facial, a construção do corpo nas academias de ginásticas e às cirurgias plásticas invasivas a fim de retirar as costelas para se ter a cintura fina. Tudo isso movidas pelo desejo, em alcançar a beleza idealizada pela sociedade de consumo. Sob o olhar dos outros, as mulheres são obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar.

No subtítulo a seguir analisamos as fontes coletadas nos perfis do Instagram, focando nas produções de discursos sobre o corpo da mulher, em que as análises permitiram compreender que no século XXI, os discursos sobre a beleza passaram a se ancorar nas narrativas dos profissionais da área da medicina como: cirurgiões plásticos, nutricionistas, dermatologistas, profissionais da área de educação física, da indústria farmacêutica e de cosméticos. Também foi possível constatar que os ditames sobre os padrões de beleza, se entrecruzam na teia discursiva do capitalismo voltada para captar consumidores.

3.2 – Moldadas a ferro e lapidadas por bisturis

A sociedade contemporânea está imersa na exposição de "corpos perfeitos", especialmente no ciberespaço, como no Instagram, onde imagens e discursos

⁴¹ Dados extraídos do jornal Estado de Minas: Saúde e Bem Viver. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2022/12/19/interna_bem_viver,1435352/existe-idade-minima-para-aplicar-toxina-botulinica-entenda.shtml. Acesso em 03 de fevereiro de 2024.

moldam as percepções e expectativas em relação à aparência feminina. Essas representações influenciam não apenas como as mulheres se enxergam, mas também como são percebidas pelos outros.

O modelo de sociedade, em que os indivíduos são muitas vezes reduzidos a meros agentes econômicos em um sistema capitalista, o padrão de beleza feminina é redefinido em prol de interesses econômicos, para que possamos entender as imbricações do capitalismo com a constituição de um padrão de beleza para o corpo da mulher, nesse subtítulo analisaremos as práticas discursivas dos profissionais da área da educação física e da medicina que estabelecem o padrão de beleza para o corpo feminino, em que esses profissionais adotam o discurso que toda mulher poderá alcançar esse padrão seja moldando o corpo por meio de exercícios físicos intensivos ou lapidando-o por meio de bisturi.

Para melhor compreender sobre os padrões de beleza do século XXI, adotamos o conceito de discurso de Foucault (1996) na análise das fontes. Isso se deve ao reconhecimento de que a construção desses padrões não é separável do discurso e da ação da palavra. Segundo Foucault (1996, p.37), "a palavra não é um objeto, mas uma prática discursiva; ela é o lugar em que se cruzam e se diferenciam as formas e as forças do discurso". Portanto, compreendemos que as palavras e as práticas discursivas empregadas nas redes sociais não são neutras. Elas exercem poder ao construir significados que moldam e validam pensamentos e comportamentos dos usuários, especialmente na plataforma digital do Instagram.

O padrão de beleza para o corpo da mulher na atualidade, é o de corpo magro, mas com músculos, com seios e bumbum grandes, mas a cintura deve ser fina. É dessa forma que a rede social Instagram propaga o ideal de corpo para as mulheres e as convidam a não comerem em demasia e se submeterem a exercícios físicos diariamente, para conquistar o corpo perfeito idealizado pela própria mídia.

Sant'Anna (2014), em seus estudos sobre "A História da Beleza no Brasil", menciona que em meados ao século XX, as mulheres passaram a frequentar as academias de ginásticas, contudo a elas eram permitidos somente atividades físicas consideradas na época própria para o sexo feminino, pois às mulheres cabia fazer aulas de danças como jazz, balé e aeróbicos. A prática de exercício de musculação não cabia às mulheres, pois seus corpos eram considerados frágeis para esse tipo de atividade física. O padrão ideal de corpo para a mulher era aquele que simbolizava a delicadeza feminina. O corpo deveria ser tonificado, porém, sem músculos aparentes.

A partir dos anos 1970, as mulheres passaram a frequentar as mesmas academias de ginásticas que os homens, o que despertou nelas o interesse por exercícios físicos tradicionalmente associados ao público masculino, como a musculação, por exemplo. Assim, as mulheres começaram a almejar corpos com músculos definidos.

Para atender a idealização de um novo corpo, surgiram tabelas antropométricas, destinadas a classificar a composição corporal. Nelas são registrados dados como peso, idade, percentual de gordura, massa magra corporal e metabolismo basal, que representa a queima calórica diária do corpo. Todas essas categorizações para padronizar o corpo foram fundamentadas em estudos científicos realizados por profissionais da medicina, educadores físicos, pela indústria de suplementos alimentares e cosméticos. Passa-se, então, à construção de uma verdade científica em torno do corpo e suas funções, o que não apenas o torna produtivo para o trabalho, mas também o transforma em consumidor de uma ampla gama de produtos voltados para estética corporal.

Sant'Anna (2014), destaca que a industrialização e o aumento das máquinas nas fábricas favoreceram a compreensão dos mecanismos internos do corpo, antes desconhecidos, o corpo humano passou a ser compreendido como uma máquina, em que precisa queimar calorias para que possa funcionar. Médicos e educadores físicos contribuíram para ampliar o conhecimento sobre o funcionamento do corpo humano e as possibilidades de transformá-lo cotidianamente.

Por conseguinte, o conceito de beleza atribuído ao corpo feminino, foi ressignificada e alinhadas aos interesses da sociedade capitalista. A beleza corporal passou a ser construída por discursos científicos, por meio de conhecimentos sobre funcionamento e movimentos do corpo. O ideal de corpo feminino desejável atualmente, é o meticulosamente esculpido, músculo por músculo, através do esforço e da determinação das mulheres. Esse padrão de beleza, encontra-se em constante disseminação na plataforma da rede social Instagram.

Foucault (1999) aborda o conceito de um corpo que é maleável, suscetível à disciplina e útil para a sociedade. Ele descreve esse processo de disciplinamento como algo gradual e sutil, ocorrendo nos detalhes do cotidiano. Essa dominação se manifesta de maneira microscópica, mas sistemática. Foucault percebe que as relações de poder são produtivas ao transformarem os corpos em instrumentos úteis. Assim, o ideal de corpo feminino desejável, é aquele que é meticulosamente esculpido, músculo por músculo, através do esforço e da determinação das mulheres.

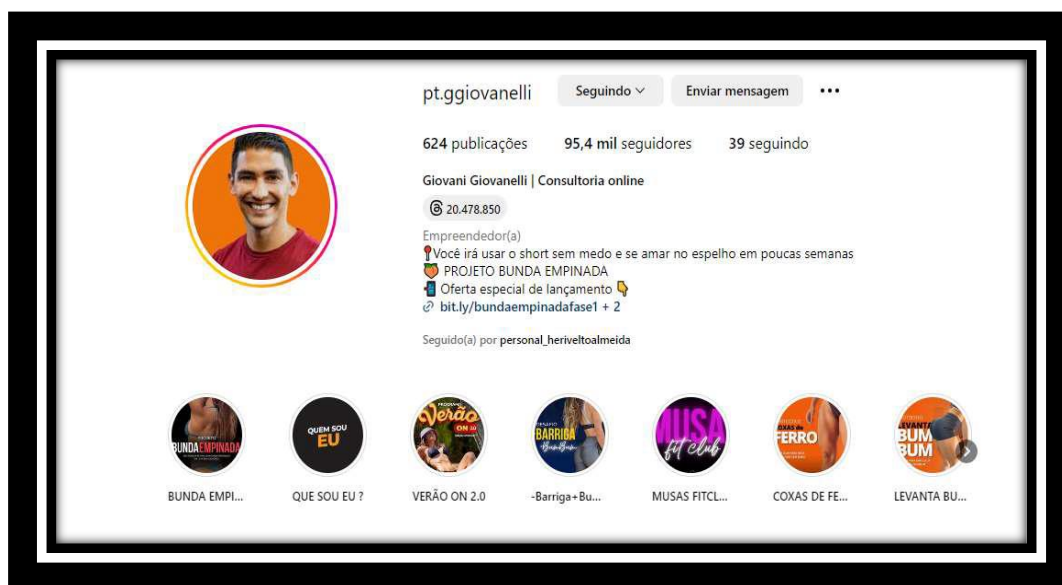
Esse padrão de beleza, encontra-se em constante disseminação na plataforma da rede social Instagram. O corpo que aceita as regras de disciplinamento, o corpo que sofre, seja fazendo os exercícios físicos com cargas intensas, seja fazendo dietas. Desse modo, sob o discurso da beleza ideal, para se manterem magras e com músculos definidos, as mulheres passam a instaurar para si, um sistema permanente de vigilância e controle sobre o seu corpo.

O padrão contemporâneo de beleza feminina exibido pelas mídias sociais valoriza um corpo magro e com músculos, e é este ideal que vem sendo frequentemente promovido pela rede social Instagram, incentivando as mulheres a restringir sua alimentação e a se exercitar regularmente para alcançar tal padrão. Nesse contexto, é interessante conduzir os alunos a pensar sobre as pressões que os jovens enfrentam para se adequar a esse padrão de beleza. Muitos jovens se sentem compelidos a buscar essa forma corporal idealizada, muitas vezes recorrendo a suplementos alimentares, até mesmo remédios para emagrecimento e cosméticos que prometem “derreter” a gordura corporal.

Uma das sugestões de atividade para o ensino de história na sala de aula é conduzir os estudantes a relacionar os hábitos de consumo deles com o propagado no Instagram. Por exemplo, ao buscar o corpo com alto percentual de músculo e baixa gordura, os jovens frequentemente consomem suplementos produzidos por empresas de fármacos. Com isso, é possível analisar como essas empresas lucraram ao vender uma ideia de saúde, sucesso e bem-estar associadas ao padrão de beleza predominante. Essa reflexão possibilita aos alunos compreender as influências históricas e econômicas sob essas práticas de consumo, estimulando uma visão crítica e contextualizada das pressões sociais e culturais enfrentadas pela juventude.

As análises feitas das fontes coletadas no perfil do Instagram @pt. ggiovanelli, que se apresenta como *personal trainer*, possui mais de 94 mil seguidores. O perfil consiste em 624 publicações, todas focadas em treinos direcionados ao público feminino. Essas postagens incluem imagens estáticas e vídeos de mulheres que mostram suas transformações corporais praticando os treinos elaborados por ele, evidenciando que o profissional de educação física tem as mulheres como público-alvo.

Imagem 6 - Treinos feminino e consultoria online



Fonte: Instagram @ptggiovannelli

O que despertou a atenção nesse perfil, foram os treinos oferecidos a cada parte do corpo, em que é preciso separá-lo, classificando os músculos de cada parte corporal para atingir os melhores resultados e conquistar o tão almejado “corpo perfeito”. É por meio da fragmentação do corpo que o treinador físico convoca as mulheres a fazerem parte da fábrica de musas, como veremos na fonte (imagem 7) a seguir:

Imagem 7 – Construindo músculos na fábrica de musas



Fonte: Instagram @ptggiovannelli

Na imagem acima, constata-se que o educador físico usa a metáfora fábrica de musas fazendo alusão de que, os treinos elaborados por ele são feitos para moldar o corpo e tornar a mulher uma musa. E que ao aplicar as diversas técnicas, métodos e estratégias desenvolvidas pelo *personal trainer*, é possível fabricar o ideal corporal, conforme os padrões de beleza propagados pela rede social Instagram.

Na fonte a seguir (imagem 8), pode-se constatar que o *personal trainer* elabora os treinos específicos para cada parte do corpo como: abdômen, pernas, glúteos, costas e outros grupos musculares, assim, o corpo passa a ser dividido para melhor ser moldado, talhado e fabricado. Na análise dessa fonte foi possível encontrar indícios de que o corpo das mulheres propagado na rede social do Instagram passa a ser um produto de comercialização, consumo e controle, como demonstrado na imagem abaixo:

Imagem 8 - Fragmentar o corpo para melhores resultados na construção do corpo ideal ao padrão de beleza do século XXI



Fonte: Instagram @ptggiovannelli

Ao propor treinos específicos para cada parte isoladas do corpo, demonstra que o *personal trainer* conferiu um caráter científico as atividades físicas, em prática seus conhecimentos sobre o funcionamento do corpo. Foucault (2017, p. 149), menciona que “a partir de um poder sobre o corpo, que foi possível um saber

fisiológico, orgânico”. O corpo feminino fragmentado e esmiuçado parte por parte, coloca o educador físico como detentor do saber sobre o corpo e suas dinâmicas de funcionamento.

A disciplina visa estabelecer uma relação que torna o corpo mais obediente à medida que se torna mais útil, e vice-versa. Por meio desse controle meticuloso, o corpo é moldado cuidadosamente; o propósito dos exercícios de treinamento é produzir corpos dóceis. Conforme descrito por Foucault (1999, p.117), “um corpo dócil é aquele que pode ser subjugado, utilizado e aprimorado”. O que implica ter o controle sistemático, repetitivo e minucioso dos comportamentos cotidianos de cada indivíduo. Esse poder de controle sobre os indivíduos se manifesta nas atividades comuns do dia a dia, como frequentar uma academia, que contribuem para a transformação do corpo em um ativo social. O corpo que para ser fabricado, moldado e esculpido, deve ser o corpo que consome. Desse modo, os treinos personalizados e comercializados pelo *personal trainer* alimentam a narrativa de que a beleza corporal é algo que pode ser fabricada e comprada. A busca pela beleza muitas vezes se torna uma questão de adquirir os produtos e serviços certos, na esperança de alcançar um ideal de perfeição disseminado neste perfil do Instagram, que é o corpo esculpido, e para isso, as mulheres podem contar com os treinos para cada parte do corpo, oferecidos pelo educador físico.

Prosseguindo a análises das imagens subsequentes (9, 10, 11), obtidas no perfil do Instagram denominado @treinodeferro. Este perfil se identifica como "perfil oficial de moldadas a ferro" e possui uma base de seguidores que ultrapassa 43 mil pessoas, como demonstrado abaixo (imagem 9):

Imagem 9 - Consultoria online do treino de ferro



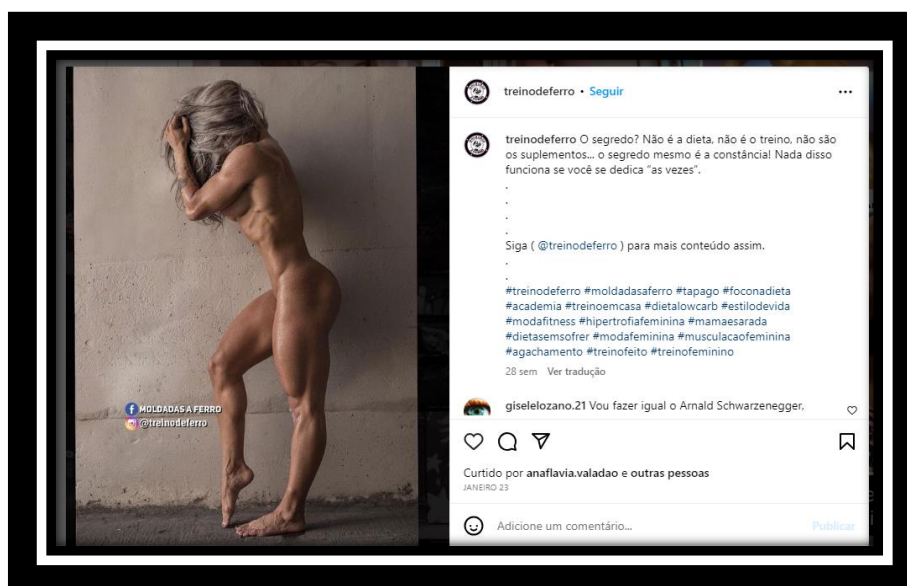
Fonte: Instagram @treinodeferro

Iniciamos a leitura da imagem acima, atentando-nos para o slogan “Moldadas a ferro” (imagem 9), o que nos instiga a refletir que o corpo feminino é visto como algo que pode ser moldável, como se a mulher fosse uma figura de argila pronta para ser esculpida, algo que está em constante construção, ou seja, algo inacabado. Essa metáfora sugere que o corpo feminino é frequentemente considerado um objeto a ser esculpido, ajustado e transformado para se adequar aos padrões de beleza predefinidos.

A fonte a seguir (imagem 10), retrata um corpo feminino com músculos bem definidos, ausência de gordura visível, cintura fina com os contornos das costelas aparentes. A modelo está em pose de lado, ocultando seu rosto atrás de longos cabelos loiros com luzes, criando um elemento de mistério, o que também nos faz analisar que o foco da imagem é apresentar a forma física corporal da modelo. Essa imagem, propaga o ideal de beleza de corpo feminino, desejado por muitas mulheres no século XXI, pois elas não apenas buscam corpos levemente tonificados, mas também almejam músculos definidos e notáveis.

A narrativa predominante atualmente é a de que, é necessário investir muito em atividades de musculação, aumentando constantemente a carga de peso, para que o corpo possa ser moldado de acordo com o ideal de beleza vigente. Apesar do corpo feminino ser categorizado como frágil, as mulheres que representam o modelo de corpo considerado belo têm corpos definidos, com músculos evidentes e fortes.

Imagem 10 - Atividades físicas e auto disciplina



Fonte: Instagram @treinodeferro

A beleza contemporânea é moldada por uma estética ativa, em constante movimento e ávida por exercícios, como apontado por Vigarello (2006, p.112). Nas plataformas digitais, como o Instagram, o corpo feminino com músculos definidos é amplamente promovido e visto como esteticamente atraente e ideal.

Neste cenário, o discurso em torno de um corpo belo e produtivo emerge em meio à agitação da vida moderna, impulsionada pelo ritmo frenético das máquinas nas fábricas e pela incessante busca por eficiência e produtividade. Essa dinâmica exige que o corpo acompanhe tais avanços. Assim, a noção de beleza, historicamente associada à fragilidade e passividade feminina, cede espaço a um conceito mais dinâmico, enérgico e forte.

Para alcançar esse ideal corporal, as mulheres, imersas em suas múltiplas responsabilidades diárias, precisam incorporar a atividade física à sua rotina, a fim de manter o corpo belo e produtivo. Como ressalta Wolf (1992), a beleza feminina é validada e prescrita socialmente, resultando numa produção de corpos mediada pela cultura, que define as qualidades consideradas belas e seus significados.

No perfil do Instagram treino de ferro, (imagem 10), encontra-se a seguinte legenda: "O segredo? Não é a dieta, não é o treino, não são os suplementos. O segredo é a constância, nada disso funciona se você se dedicar às vezes". O enunciado⁴² descrito na legenda pode ser analisado em sua inteireza, pois como nos aponta (Foucault, 1996, p.136) "os discursos se apresentam em sua própria superfície. Cada enunciado ocupa aí um lugar que só a ele pertence". Sendo assim, não é preciso ler as entrelinhas dos discursos, pois o que importa é o que está na superfície discursiva, é o que se pode ver, ler e ouvir.

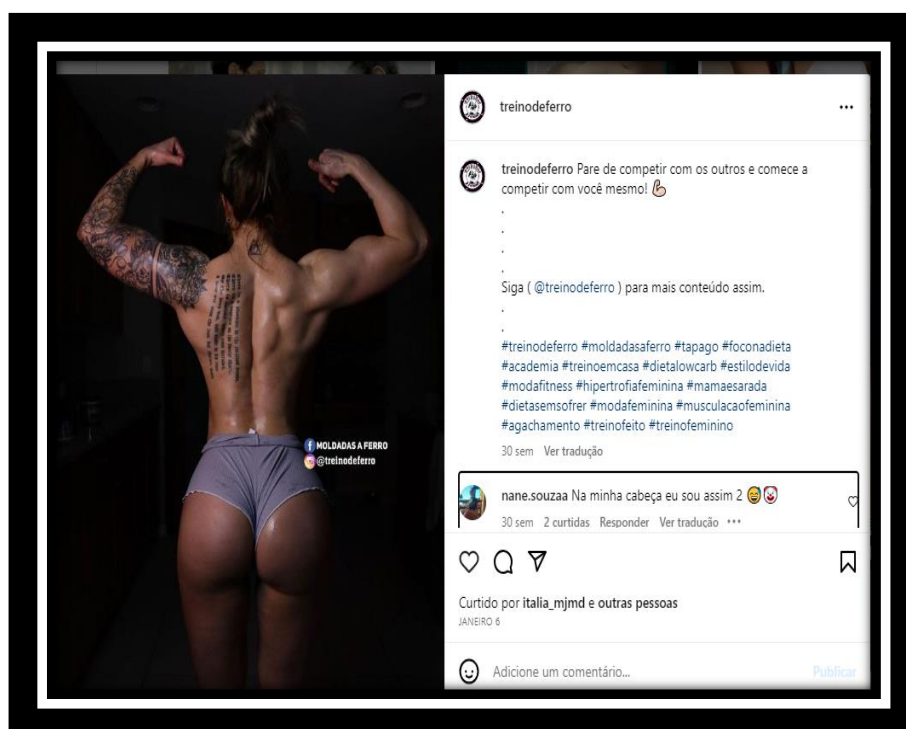
Realizar a análise discursiva, partindo do enunciado da legenda (imagem 10), está alinhado com o objetivo central desta dissertação, incluir no ensino de história da educação básica, aulas que ajudem os estudantes a olhar com criticidade as postagens das redes sociais, em especial aquelas que promovem um ideal de beleza feminina. Esse olhar crítico envolve a análise do contexto de criação de publicações, lançando indagações sobre quem as produziu e com que interesses foram produzidas? por que foram criadas e para quem se destina o discurso nelas contido?

⁴² Enunciado neste contexto refere-se diretamente ao conceito de discurso conforme definido por Foucault (2008, p. 135). Em outras palavras, o discurso é compreendido como um conjunto de enunciados que compartilham a mesma formação discursiva. Essa formação discursiva é caracterizada por um número finito de enunciados, para os quais podemos estabelecer um conjunto específico de condições que determinam sua existência e validade.

Considerando as discussões elencadas nesta dissertação, é possível demonstrar aos estudantes, que o discurso sobre constância, persistência e disciplina, anunciado na legenda da (imagem 10), não apenas molda o corpo, mas também o torna economicamente produtivo. A prática em frequentar uma academia de ginástica, produz não só a beleza de um corpo esculpido, mas também um corpo que consome diversos produtos, como suplementos alimentares, impulsionando os lucros da indústria alimentícia e da moda.

É relevante destacar que o padrão de beleza para o corpo feminino, disseminado no perfil treino de ferro, é aquele que apresenta definição muscular tanto nas pernas, glúteos, costas e principalmente nos braços, como pode ser observada na fonte a seguir (imagem 11). A visível definição dos músculos indica a promoção de um corpo com baixo percentual de gordura corporal, enfatizando a magreza e a tonificação muscular. A posição dos braços levantados acima dos ombros, como fisiculturista, destaca especialmente os músculos das costas e dos membros superiores, enfatizando a importância de um corpo forte e definido.

Imagem 11 - Comece a competir com você mesma!



Fonte: Instagram @treinodeferro

Para aprofundar melhor em relação às pressões sobre as mulheres para se adequarem aos padrões beleza, é pertinente trazer para essa análise a legenda que acompanha a fonte acima demonstrada (imagem 11), o *personal trainer* escreveu a

seguinte frase: "Pare de competir com os outros e comece a competir consigo mesma", demonstrando que existe uma dinâmica do esforço pessoal e da disciplina, voltados para a construção de uma imagem corporal desejada.

A beleza é vista pelo *personal trainer* como algo que pode ser alcançada por meio de exercícios físicos. O alcance da beleza corporal em voga, depende exclusivamente da vontade individual e do disciplinamento. É preciso superar a si mesma para conquistar o corpo tido como ideal ao padrão de beleza estabelecidos no século XXI.

Wolf (1992), menciona que as mídias empregam uma abordagem prescritiva quando o assunto é sobre os padrões de beleza, e que em seu discurso a beleza é uma conquista meritocrática, ou seja, é possível tê-la por meio de seu esforço e disciplina. Continuamente a autora destaca, que esse discurso atua como meio para persuadir as mulheres, as responsabilizando por não atingir o padrão de beleza corporal que a própria mídia cria e dissemina.

A prática discursiva que responsabiliza as mulheres pela construção de um corpo alinhado aos padrões de beleza vigentes muitas vezes negligencia as subjetividades das mulheres, não considerando os múltiplos papéis que as mulheres desempenham na contemporaneidade, como: ser mãe, profissional, dona de casa e esposa. "A super mulher teve de acrescentar a seus compromissos profissionais o trabalho sério no campo da beleza" (Wolf, 1992, p.34).

Nas fontes selecionadas nos perfis dos *personal trainers*, conclui-se que, as mulheres do século XXI são retratadas como alguém ativa e comprometida com seu bem-estar físico. É cobrado das mulheres que seus corpos acompanhem a frenética vida contemporânea. Dessa maneira, o ideal de beleza estipulado para o corpo das mulheres, se desvincula do padrão estético de fragilidade e passividade e cede lugar a um conceito de beleza construído por meio de movimentos, dinamismo, em que o corpo ideal e desejado é aquele que arduamente foi moldado a ferro, com músculos visivelmente definidos.

Mas caso as mulheres não consigam moldar seus corpos por meio de atividades físicas, o mercado oferece uma gama de cirurgiões plásticos dispostos a fornecer o corpo desejado, como demonstrado nas próximas fontes. É interessante observar como a noção de beleza foi apropriada pelos médicos, que, até meados do século XX, estavam focados na saúde, mas no século XXI se autodenominam escultores e lapidadores de corpos.

Outro aspecto importante, revelado durante a pesquisa desta dissertação, diz respeito a mudança na percepção do sujeito mulher: antes consideradas pacientes na área da medicina, começam a ser tratadas como clientes no século XXI. Os profissionais da medicina estética fazem da beleza um item que pode ser comercializado, estabelecendo uma relação mercadológica com o conceito de beleza.

Para compreendermos sobre a crescente procura por cirurgia estética, é pertinente indagarmos em como a cirurgia plástica, que começou como um meio de restaurar partes dos corpos dos soldados em combates, amputados por bombas, se transformou em um campo que lida com padrões de beleza e perfeição estética.

De acordo com Piccinini et al (2017), historicamente, as guerras impulsionaram o avanço da medicina, incluindo as cirurgias estéticas. Após a Primeira Guerra Mundial, a prática da cirurgia plástica, se deu devido às demandas urgentes de soldados gravemente feridos e amputados. Essas circunstâncias exigiram a aplicação de técnicas altamente especializadas para reimplantar partes do corpo e oferecer uma nova oportunidade de vida funcional a esses indivíduos. Durante o período entre e pós-guerra (1914-1945), com o desenvolvimento da anestesia e a descoberta dos antibióticos, a cirurgia tornou-se uma especialidade médica e alcançou uma maior popularidade, o que levou ao refinamento das técnicas cirúrgicas.

Os cirurgiões, ao perceberem a eficácia das técnicas cirúrgicas pós-guerra, inicialmente voltadas exclusivamente para fins reparadores, viram a oportunidade de ajudar outras pessoas que desejavam melhorar sua aparência, independentemente de terem sofrido traumas. Dessa forma, a cirurgia plástica reconstrutiva passou a ser vista pela medicina como uma possibilidade de lucros, e que servindo ao nicho da beleza, deixou de ser conceitualizada de cirurgia plástica para cirurgia estética como conhecemos atualmente.

Em sua pesquisa, Leal et al. (2010), concluem que o deslocamento da cirurgia reparadora para a cirurgia estética, se deu por meio da cultura midiática, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. O corpo e suas formas estéticas passam a fazer parte das mídias por meio das imagens divulgadas em revistas, televisão e redes sociais. Somando a isso, os autores destacam que o imaginário coletivo do ocidente pós-moderno é permeado pela cultura narcísica, na qual o desejo de onipotência conduz a investir na busca do sucesso individual que atualmente tem a sua materialização no corpo, ou seja, na construção do corpo considerado belo.

Fontanive (2023) demonstra dados significativos para compreendermos o quanto as redes sociais têm servido como propulsoras para disseminar um ideal de beleza para o corpo feminino. Segundo a autora, atualmente, 60,2% dos médicos associados à Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica utilizam o Instagram como plataforma para promover seu trabalho. Nessa mídia social, eles exibem imagens de transformações realizadas em seus pacientes após procedimentos cirúrgicos estéticos.⁴³

A partir das conclusões de Leal et al. (2010) e dos dados apresentados por Fontanive (2023), torna-se evidente que a transformação da cirurgia plástica de uma prática reparadora para uma busca estética está intrinsecamente ligada à influência da cultura midiática. Assim, podemos concluir que a cirurgia reparadora evoluiu para uma prática estética em resposta a essas influências culturais e midiáticas, desempenhando um papel significativo na construção e promoção dos ideais de beleza contemporâneos. Na busca frenética pela perfeição, as intervenções estéticas têm se tornado um mercado lucrativo.

Para abordar a questão central desta dissertação, que investiga as práticas discursivas em torno dos padrões de beleza do corpo feminino disseminados na rede social Instagram, consideramos fundamental incorporar fontes provenientes de perfis de profissionais da área médica especializados em cirurgia estética. A razão para essa escolha consiste no fato de que, na contemporaneidade, esses profissionais exercem influências por meio de suas práticas discursivas, que frequentemente sugerem que todas as mulheres podem alcançar o corpo que desejam mediante cirurgias estéticas. Ao exibirem publicações de pacientes que passaram por procedimentos cirúrgicos e transformaram seus corpos, esses médicos têm impacto direto na percepção das mulheres que seguem seus perfis no Instagram, influenciando assim suas decisões em relação a intervenções cirúrgicas e suas concepções de beleza corporal.

Como já mencionado nesta dissertação, nosso objetivo é que os estudantes compreendam a importância de considerar a relação entre discurso, poder, saber e padrão de beleza em torno do corpo feminino. Sob essa perspectiva, é importante expor aos alunos que para Foucault (1996), o discurso abrange todas as formas de

⁴³ Matéria publicada no jornal online da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS, 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/> Acesso em 03 de setembro, 2023.

comunicação que moldam o conhecimento e influenciam o comportamento humano. O autor argumenta que o discurso não algo é fixo, mas depende de uma série de variáveis, incluindo quem fala e de qual posição fala. Portanto, esses profissionais mencionados estão em um lugar de fala que os autorizam a falar como autoridades quando o tema é o corpo feminino.

Por meio dessas imagens, o professor no ensino de história, poderá propor aos alunos atividades de análise do discurso, tendo como referência conceitos foucaultianos como a relação entre poder, saber e discurso. Assim, pode-se conduzir os estudantes, a iniciar a análise dos discursos das fontes apresentadas com as seguintes indagações: Quem fala? Por que fala? De onde fala? Para quem fala? Ou seja, quem fala são os profissionais da área da medicina, credenciados na SBCP, autorizados para falar sobre a estética do corpo da mulher, por ter uma especialidade médica na área da estética, e fala para as mulheres que são seus pacientes/clientes em potencial, por essas serem as mais pressionadas para se encaixarem num padrão de beleza idealizado pela sociedade.

As fontes (imagens 12,13,14), foram coletadas em três perfis de diferentes cirurgiões plásticos, a escolha dessas imagens se baseou na observação e na repetição da palavra autoestima, o que despertou o interesse em analisar como a medicina estética apropriou-se dos discursos filosóficos e psicológicos, deslocando o sentido da frase mente sã - corpo saudável, para a ideia de que um corpo esculpido leva a uma mente saudável, ou seja: faça uma cirurgia plástica e recupere sua autoconfiança, seja belo e conquiste o bem - estar mental.

A seguir, apresentaremos a análise da fonte (imagem 12), coletada no perfil Instagram do médico especializado em cirurgia estética Dr. Gabriel Cavalcanti. O cirurgião plástico tem um número de 23,7 mil seguidores, das 455 postagens, 05 exibem conteúdos que associam a cirurgia plástica à autoestima e bem-estar. Na imagem que selecionamos nesse perfil, para compor esta dissertação, nota-se a presença da mulher magra na imagem que reflete um ideal de beleza amplamente disseminado na cultura contemporânea, em que a magreza é frequentemente associada à atratividade e autoestima.

A postagem feita no perfil do cirurgião plástico consta a seguinte legenda: “A cirurgia plástica é uma especialidade da medicina responsável por reparos estéticos que contribuem para melhora da autoestima do paciente, trazendo diversos benefícios como: maior satisfação com o corpo, maior confiança e segurança em si, melhora de

aspectos psicológicos e emocionais.” Diante essa declaração do cirurgião plástico Gabriel Cavalcanti, o que se pode observar é a reapropriação discursiva dos discursos filosóficos e psicológicos, em que o corpo submetido as modificações para se adequar ao ideal de beleza, é um remédio para a mente, auxiliando na cura de possível problemas psicoemocionais. Conforme a prática discursiva dos cirurgiões plásticos, a beleza e a felicidade podem ser compradas e adquiridas por meio das cirurgias estéticas.

Imagem 12 - Cirurgia plástica autoestima e bem estar



Fonte: Instagram @drgabrielcavalcanti

A declaração do cirurgião plástico Gabriel Cavalcanti em suas redes sociais ressalta a importância da cirurgia plástica como uma especialidade médica que não apenas realiza reparos estéticos, mas também contribui significativamente para a melhora da autoestima dos pacientes. Ao promover maior satisfação com o corpo, aumento da confiança e segurança pessoal, bem como a melhora de aspectos psicológicos e emocionais, a cirurgia plástica é apresentada como um meio de alcançar benefícios que vão além do aspecto físico.

Nesse contexto, é possível observar a reapropriação discursiva dos discursos filosóficos e psicológicos, nos quais o corpo é submetido as modificações para se adequar ao ideal de beleza. Essa visão sugere que tais intervenções podem ser interpretadas como um "remédio para a mente", capaz de auxiliar na cura de possíveis problemas psicoemocionais. Portanto, a busca pela felicidade por meio da

submissão a modificações corporais consoante ao padrão de beleza é enfatizada como um dos resultados desse processo.

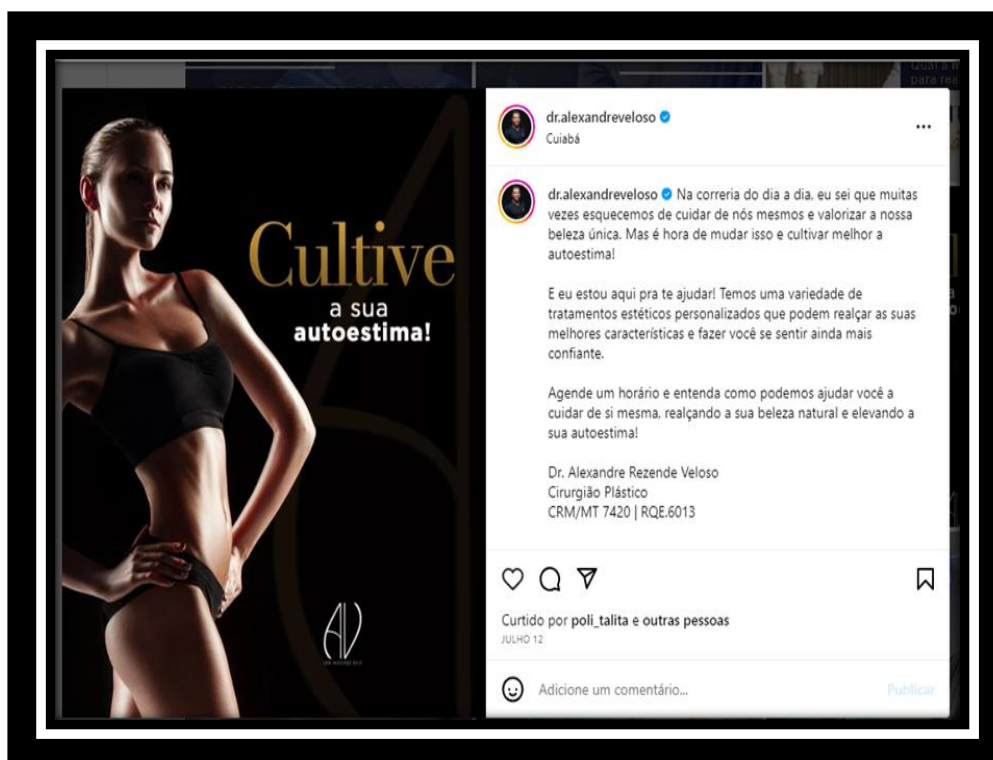
Ao utilizar a fonte acima apresentada (imagem 12), no ensino de história, é importante que o professor destaque para os alunos o jogo discursivo presente nessa legenda, que procura envolvê-los na narrativa de felicidade promovida pela sociedade de consumo na ordem capitalista. Na análise essa imagem, é possível perceber esse discurso na frase "melhora seu aspecto psicológico e seu bem-estar". Essa escolha cuidadosa de palavras visa criar enunciados meticulosamente elaborados, para persuadir as mulheres que, para se sentirem bem, elas devem estar alinhadas com os padrões de beleza estabelecidos. A busca por transformações corporais pode ser interpretada como uma tentativa de preencher a lacuna entre a imagem que construímos ao longo de nossas vidas, repleta de subjetividade, e a imagem idealizada que aspiramos alcançar.

De acordo com Angelin (2012)⁴⁴, os padrões de beleza feminina condicionam uma identidade que imposta somente às mulheres e aprovada por toda sociedade. Nesse sentido, as mulheres que se “enquadram” nesses padrões, são reconhecidas e aceitas no convívio social. Enquanto as demais, encontram dificuldades em se sentir bem, até mesmo no âmbito familiar, em que mães induzem as filhas a fazer dieta para ficarem “bonitas”. Também é possível perceber esse preconceito na escola, mais tarde no mercado de trabalho e, inclusive, nas relações afetivas. Os padrões de “beleza física” impulsionam a inversão de valores nos quais a busca por um corpo perfeito é considerada um sinônimo de aceitação social, geralmente confundida com a felicidade.

O discurso médico que estabelece conexões entre beleza, cirurgia plástica e autoestima também se faz presente na fonte subsequente (imagem 13), coletada no perfil do Instagram @dralexandreveloso. O referido perfil consta com uma base de 25 mil seguidores. O acervo de 557 publicações, dentre as quais 10 abordam a temática da autoestima em relação a procedimentos cirúrgicos estéticos. Um aspecto notável é que o cirurgião plástico se apresenta também como empreendedor, o que evidencia que a beleza é um nicho de mercado de empreendedorismo.

⁴⁴ Entrevista concedida a Thamiris Magalhães, publicado na Revista Instituto Humanitas Unisinos online. Disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4322-rosangela-angelin>. Acesso 04 de fevereiro, 2024.

Imagem 13 - Cirurgia plástica e autoestima



Fonte: Instagram @dralexandreveloso

Ao analisarmos a fonte acima (imagem 13), em que a frase: “Cultive a sua autoestima! Nos permite compreender que as normas ao sujeito não são feitas por meio de uma imposição direta, mas sim como um processo de convencimento fundamentado em argumentação científica, em que as intervenções estéticas feitas nos corpos são os caminhos que nos levam a estarmos bem com nosso eu interior, corpo modelado, recauchutado implicaria, portanto, em uma mente sã.

De acordo Ferreira (2006), para algumas mulheres que se dispõem a "metamorfosar" seus corpos, a cirurgia plástica representa não apenas uma maneira de transformar sua aparência física, mas também de impactar positivamente seu psicológico:

[...] as metamorfoses às quais o corpo está exposto por meio de cirurgias, a relação entre estrutura corporal, estrutura psíquica e a relação do sujeito com a estrutura social se confundem e se transformam mutuamente, fazendo da transformação do corpo uma possibilidade de transformação da saúde mental, e, consequentemente, das relações sociais (Ferreira, 2006, p. 53).

A transformação do corpo, antes vista como um fator puramente físico, passa a desempenhar um papel significativo no aspecto psicológico das pessoas. As modificações corporais realizadas em busca de um padrão de beleza idealizado são agora consideradas benéficas para o bem-estar psicológico. É por meio desse

discurso que muitos cirurgiões convencem as mulheres de que, um corpo esteticamente melhorado, interage na psique do indivíduo, podendo ajudá-lo a se relacionar melhor consigo e com meio social em que convive.

Para entendermos como a tríade de beleza, corpo e mente estão imbricados aos discursos do mercado voltados para a estética, ligados ao capitalismo, é relevante considerar as observações feitas por Sant'Anna (2014), a qual destaca que, desde a primeira década do século XX, as propagandas de cosméticos no intuito de aumentar as vendas, começaram a disseminar discursos associando a beleza ao aumento do bem-estar e ao fortalecimento da autoestima. Assim, a forma corporal passou a ser um passaporte para a felicidade, desde que esteja conforme o padrão de beleza vigente.

Na sociedade de consumo da contemporaneidade, a beleza tornou-se um símbolo de sucesso, amor e felicidade. Eco (2004) sugere que, ao contrário da idade média, em que a beleza era considerada uma condição natural, ou uma obra divina, ela agora é percebida como resultado de práticas de consumo e disciplinamento do corpo.

Enquanto na Idade Média, as práticas de cirurgias voltadas para a saúde foram vistas pela igreja como um pecado, pois qualquer interferência na vida ou na morte, foi considerado como algo que era contra a vontade divina. Na contemporaneidade, o corpo é aquele que pode ser modificado, usando técnicas invasivas tanto para implantar órgãos vitais, como também para implantar silicones a fim de aumentar seios, nádegas, bíceps e panturrilhas. A vaidade antes condenada, hoje se tornou algo venerado. Fazer uma cirurgia plástica para modificar o que tanto incomoda no corpo tende a ser considerada uma prova de autoestima, de cuidados de si.

Os discursos médicos que enaltecem a cirurgia plástica, associando-a como um meio de se alcançar a felicidade, institui uma nova pedagogia para o corpo e a mente, convocando as mulheres a cuidar de seu psicológico por meio de intervenções cirúrgicas em seu corpo. Assim, os discursos desses cirurgiões estéticos, soam como um convite para as mulheres investirem tempo e dinheiro em seu próprio corpo, pois a busca pela beleza virou comércio, gerando grande movimento na economia.

O aumento de cirurgias plásticas no Brasil⁴⁵ e o crescimento da indústria da beleza⁴⁶, nos demonstram a dimensão de como os discursos médicos incidem sobre

⁴⁵ Segundo o site da Sociedade Brasileira de Cirurgião Plástico, em 2023 os procedimentos cirúrgicos estéticos somam-se a dois milhões, tendo um crescimento de 33,3% comparado ao ano de 2022.

a construção dos padrões de beleza. A popularização das cirurgias plásticas, conduziu as mulheres a normalizarem a reconstrução dos seus corpos, transformou o corpo em um objeto a ser moldado para atender as demandas dos padrões de beleza do momento.

Mesmo com os dados apresentados sobre o aumento das cirurgias estéticas no Brasil, considera-se que, essa popularização não é tão democrática, pois não se pode negar que há diferentes formas de investimento e de consumo na busca pela beleza, como, por exemplo: o aumento dos seios com próteses de silicone representa uma prática com um certo *status* econômico, enquanto o uso de injeções de silicone líquido é associado a outros níveis econômicos e riscos diferentes.

Conforme Eco (2004), as mulheres continuam sendo o grupo mais vulnerável e focado por essas engrenagens do mercado da beleza, e isso advém de um emaranhado de relações de gênero que fazem do corpo e da beleza um mecanismo de controle das mulheres. Similarmente, Ferreira (2006), menciona que, a procura da beleza por meio da cirurgia plástica é entendida como um investimento narcísico que nos demonstra a relação estabelecida entre o indivíduo e a sociedade, e que, a partir do momento que o sujeito se submete a uma cirurgia plástica, esse sujeito passa a ser aquele que ele deseja ser e aquele que a sociedade deseja ver.

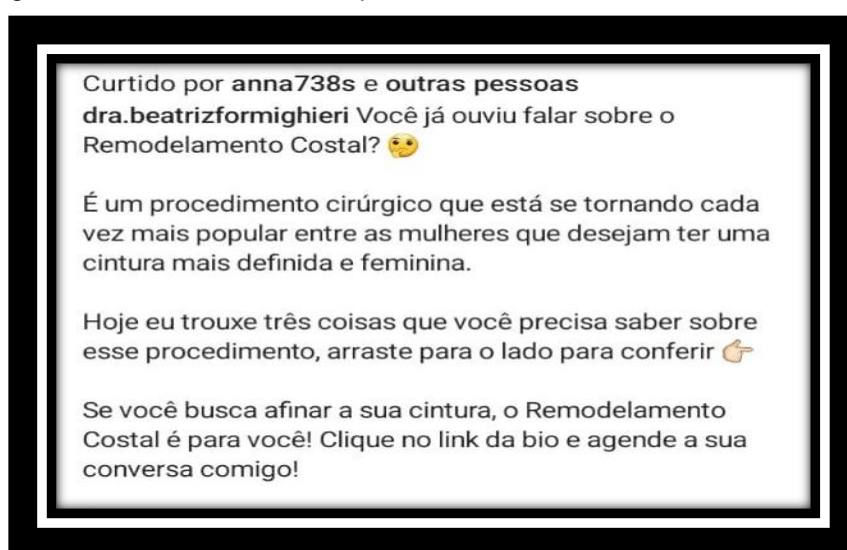
Entende-se, portanto, que algumas mulheres buscam visibilidade por meio de mudanças em seus corpos, seja removendo ou acrescentando algo em seu corpo. A busca pela transformação física está ligada a desejos pessoais, mas também sofre influência dos padrões estabelecidos pela sociedade e suas expectativas em relação à beleza e a aceitação, representando a tentativa de se conformar com as normas e ideais predominantes, visando se destacar e ser reconhecida por meio dessas modificações corporais.

A fonte a seguir (imagem 14), foi coletada no perfil do Instagram @drbeatrizformighieri. Sua rede social conta com 41,6 mil seguidores, apresentando 1.131 publicações. Seus serviços incluem procedimentos especializados, como remodelamento costal, que segundo a médica consiste na retirada de costelas para melhorar o contorno da cintura.

⁴⁶ Pesquisas realizadas pelo E-Comércio indica que o setor de beleza no Brasil apresenta um crescimento de 15% em 2023. Disponíveis em <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/setor-de-beleza-tem-alta-de-24-nas-vendas-no-primeiro-trimestre-de-2023>. Acesso 10 de março de 2024.

O principal motivo que nos levou a selecionar as postagens feitas nesse Instagram e transformá-la em fontes, foi por acreditarmos que elas podem nos ajudar a demonstrar aos estudantes o quanto o mercado da cirurgia estética, influência nas determinações de padrões de beleza e lucram com as inseguranças de algumas mulheres no que se refere aos seus contornos corporais, levando as mulheres a se sujeitar a procedimentos cirúrgicos invasivos em busca de um padrão de beleza divulgado pela própria medicina e que muitas vezes, é inatingível.

Imagem 14 - Retirada de costela para uma cintura fina: Modelo de feminilidade



Fonte: Instagram_@dra. beatrizformighieri

A cirurgiã plástica Beatriz Formighieri menciona na legenda de sua postagem (imagem 14), que o "remodelamento costal é um procedimento cirúrgico que está ganhando popularidade crescente entre as mulheres que desejam conquistar uma cintura mais definida e feminina". A relação da feminilidade com as curvas corporais esteve presente na cultura ocidental, em diferentes tempos. Associar a cintura fina com a juventude é vincular à representação da mulher como uma figura delicada, muitas vezes isenta das "marcas" do envelhecimento ou da maternidade.

Na fonte abaixo (imagem 15), em que foi postado no Instagram @drbeatrizformighieri, a médica divulga o antes e depois da cirurgia de retirada de costela. O antes mostra a imagem da mulher com suas características naturais, enquanto o "depois" apresenta uma silhueta notavelmente mais esbelta, resultado da cirurgia de retirada das costelas.

Imagem 15 - Cintura fina após a retirada das costelas.
Antes e depois



Fonte: Instagram @dra. beatrizformighieri

Ao explorar o perfil no Instagram da médica especializada em cirurgias estéticas @drbeatrizformighieri, há diversos vídeos nos quais ela detalha o procedimento cirúrgico de retirada das costelas. Uma das explicações sobre a remoção das costelas para afinar a cintura, a médica enfatizou que: “as costelas retiradas para afinar a cintura, são chamadas de costelas flutuantes não são necessárias para a caixa torácica, e que, essas não fazem parte do conjunto de outras costelas que protegem os órgãos internos”. Esse conteúdo chamou a atenção, por dialogar com as discussões apresentadas por Naomi Wolf (2014) em sua obra "O Mito da Beleza", quando a autora ressalta que:

[...] apesar de as mulheres terem se libertado dos espartilhos físicos, ainda enfrentam amarras psíquicas, ou seja, em cada mulher ainda perdura um espartilho interior que para manter a cintura fina, as mulheres tornaram-se dependentes dos métodos trazidos pela cosmética, pelas dietas, pela atividade física e pelo desenvolvimento da medicina de correção estética que prometem corrigir e reparar todas as imperfeições femininas (Wolf, 2014, p. 124).

Há uma persistência de padrões estéticos restritivos, representados pelo "espartilho interior". Esse espartilho, simbolicamente, pressiona as mulheres a adotarem dietas, atividades físicas e até mesmo procedimentos cirúrgicos para manterem uma cintura fina e alcançarem os padrões de beleza impostos pela sociedade. A oferta de cirurgia estética, como a retirada de costelas, parece corroborar com essa ideia, sugerindo uma busca incessante por uma perfeição física que é inatingível.

Wolf (2014) aponta que, “as novas tecnologias de cirurgia estética, podem ser potencialmente fatais e parecem ter como objetivo impor antigos padrões de controle sobre as mulheres”. Um exemplo, é a retirada de partes das costelas para se conseguir uma cintura mais fina, sendo uma característica que permite um corpo “mais feminino”.

Diante das declarações da médica, continuamos em nossos esforços para demonstrar aos estudantes, que é ao corpo feminino que os padrões de beleza se direcionam mais firmemente, e que é nesse corpo que o poder e saber se dão a ver com mais obstinação. O saber, nesse contexto, assume a forma de uma prática discursiva que fundamenta o poder de decisão da médica sobre o corpo de suas pacientes.

Foucault argumenta que “o saber é aquilo que podemos expressar em uma prática discursiva específica: o domínio constituído pelos diferentes objetos que podem ou não adquirir um *status* científico” (Foucault, 2008, p. 204). O saber e o poder da medicina estética, pode ser identificar no discurso da cirurgiã plástica Beatriz Formighieri, em que a médica usa de seu conhecimento científico sobre o corpo humano, para propor as mulheres a realizar modificações no corpo a fim de ficarem mais femininas, como evidenciado pela constante situação de algumas mulheres que recorrem a ela para a remoção de costelas.

No século XXI, a busca pelo ideal de beleza corporal transformou a anatomia corporal de algo natural e definitivo para algo provisório, sujeito a modificações de conforme os padrões corporais vigentes. O corpo tornou-se "um esboço, um rascunho a ser aperfeiçoado de acordo com o desejo e o bolso do cliente" (Ferreira, 2006, p.132). A contemporaneidade testemunha a possibilidade de intervenção no corpo, indicando um novo padrão de beleza a ser construído. Se as formas corporais não correspondem ao ideal desejado, elas podem ser transformadas por meio de implantes de silicone, preenchimentos, remoção de gorduras e até mesmo a extração

de costelas, resultando em um corpo perde o formato biológico para se tornar metamorfoseado ou construído pela tecnologia e ciência estética.

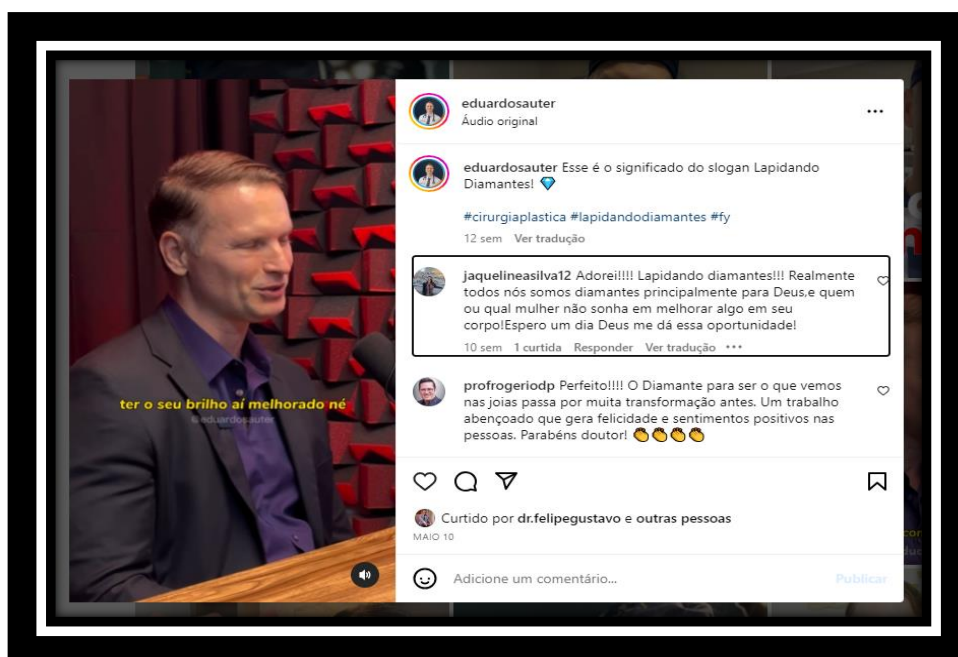
A medicina estética emprega uma narrativa discursiva para convencer as mulheres de que sempre haverá algo a ser modificado em seus corpos. No discurso da médica Beatriz Formighieri, as costelas são consideradas irrelevantes para o corpo feminino, sendo vistas como desnecessárias e até mesmo como obstáculos para alcançar o contorno corporal feminino desejado. Desse modo, o corpo da mulher está inserido numa prática discursiva em que a ciência da medicina estética consegue interferir e manipular o corpo feminino em consonância com o padrão de beleza estipulado pela sociedade, é desejado por algumas mulheres e disseminados na rede social Instagram.

Nas análises das fontes a seguir (imagem 16), demonstra que as mulheres são frequentemente influenciadas pelos discursos veiculados por médicos especializados em cirurgia estética, e que, por vezes, essas mulheres são cativadas pela maneira poética com que esses médicos se referem ao corpo feminino, como será observado nas análises das fontes coletadas no perfil do Instagram do cirurgião plástico Eduardo Sauter. O que chamou a atenção no perfil desse cirurgião foi o *slogan* escolhido para sua clínica: "Lapidando Diamantes". Esse slogan despertou nossa curiosidade em como o médico se refere ao corpo feminino.

Com uma base de 57,7 mil seguidores e um total de 1.197 postagens em seu perfil, ele se refere às mulheres que passaram por procedimentos cirúrgicos como "mais um diamante lapidado". Segundo o médico, "todas as mulheres são como diamantes que apenas precisam ser lapidadas para fazer seu brilho aparecer." O médico por meio de sua especialidade passa a exercer o poder sobre o corpo da mulher, classificando-o como uma pedra preciosa a ser lapidada. Discurso envolto na narrativa de que o corpo feminino deve ser cuidado e lapidado para ser transformado em uma forma escultural. De acordo com Sant'Anna (2000), nas mídias e na cultura ocidental, há exercícios de poder sutis e difusos em que o corpo é bajulado e colocado no centro das atenções de diversas instituições como a medicina.

Como veremos na fonte a seguir (imagem 16), o médico diz que "lapidar o corpo da mulher, é uma oportunidade de ter o brilho delas melhorado":

Imagem 16 - Cirurgia plástica e lapidação de diamantes



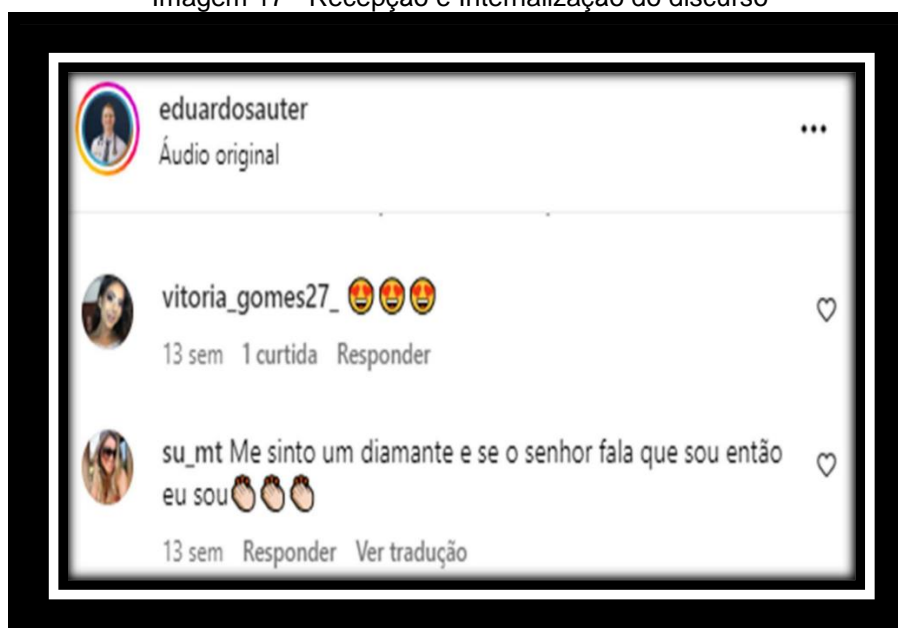
Fonte: Instagram @eduardosauter

Ao analisar o significado da palavra "lapidar", que se refere a polir ou esculpir pedras preciosas em estado bruto para realçar seu brilho, fica claro o propósito do médico. O discurso do cirurgião plástico foi cuidadosamente planejado, desenvolvido e estruturado para estabelecer uma conexão com o seu público, ou seja, por suas seguidoras do Instagram e possíveis clientes.

Conforme mencionado por Foucault (1996), na prática discursiva, as normas são apresentadas não como imposições diretas, mas como argumentos racionais embasados em bases científicas, transformando-se em estratégias de convencimento, em que os indivíduos passam a se assujeitar ao discurso. Essa dinâmica discursiva pode ser observada na narrativa construída pelo médico, em que explica a escolha do slogan "lapidando diamantes", baseando-se na crença de que "todas são como diamantes cujo brilho pode ser aprimorado".

O discurso do médico passa a ser internalizado por uma seguidora que declara: "Me sinto como um diamante, e se o senhor diz que sou, então eu sou". Como demonstra a (imagem 17) abaixo:

Imagem 17 - Recepção e Internalização do discurso



Fonte coletada no Instagram @eduardosauter

Como se pode observar no comentário da seguidora (imagem 17), as mulheres internalizam a ideia de que é incumbência delas serem belas, e que basta se submeterem as cirurgias plásticas para que, a superfície que cobre sua beleza oculta seja lapidada e apareça com seu brilho intenso, tal qual feito na pedra bruta. Assim, o que se vê sobre o sentido de beleza são expressões da necessidade de transformações variadas, adaptações particulares do corpo, visando os moldes estabelecidos.

São exigências externas, mas, ao mesmo tempo, internalizadas como suposta forma de beleza aprendida desde a tenra idade, num processo de maturação instituído no convívio sociocultural. Essência e aparência são flutuantes na compreensão do sentido do belo.

É possível notar, que os discursos dos profissionais especializados em medicina estética analisados nesta dissertação, se alinham ao que Foucault chamou de fabricar corpos dóceis. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1999, p. 118). O corpo é moldado para ser submisso, útil e produtivo, e as práticas discursivas de profissionais e da indústria tecnológica reforçam esse assujeitamento constante. O corpo feminino permanece constantemente submetido a essa busca por aprimoramento, tornando-se utilitário para a indústria da beleza.

Assim, encerramos nossa análise deste subtítulo, com a constatação de que no século XXI, as mulheres exibem corpos cada vez mais meticulosamente delineados, fabricados, moldados e produzidos por um conjunto abrangente de recursos tecnológicos e de conhecimentos científicos da área da medicina e dos profissionais da educação física. A indústria contemporânea da beleza oferece não apenas uma ampla gama de opções de ginástica, exercícios, cosméticos e dietas, mas também se estende a procedimentos cirúrgicos, que vão desde a remoção de pele, de gordura, à modificação das estruturas corporais esqueléticas, como a extração de partes das costelas. Tais opções, amplamente divulgadas pela rede social Instagram, criam narrativas de que se o corpo não se encaixa nos padrões de beleza estabelecidos, a ciência e a tecnologia oferecem meios para metamorfoseá-lo e alcançar o tão desejado ideal estético.

O padrão de beleza vigente, é definido por uma extensa e poderosa engrenagem social, que produz e dissemina imagens de beleza, além de práticas para alcançá-las. Isso resulta em um tipo de consumo no qual a beleza é moldada por um investimento financeiro e físico, bem como pela utilização de diversos recursos. Nesse processo, todos nós nos tornamos consumidores e consumidos pela beleza, mas são as mulheres que enfrentam os impactos mais intensos desse padrão. Constantemente, somos impelidos a buscar por formas de beleza que são praticamente inatingíveis. Essa dinâmica peculiar da beleza consumista nos faz ser consumidos por um estilo de consumo. Por fim, o que nos parece é que, os corpos femininos, nunca chegarão a ser aceitos e aplaudidos pela padronização do corpo belo e saudável na concepção da sociedade capitalista contemporânea.

Até o momento, conduzimos as análises dos padrões de beleza do corpo feminino, sob a narrativa dos profissionais especializados em dermatologia, educação física, cirurgias estéticas. No próximo subtópico, direcionamos nossa atenção para as mulheres que desafiam esses padrões corporais, utilizando o Instagram como plataforma para difundir corpos que se afastam do padrão de beleza, estabelecidos pela sociedade. Práticas subversivas de mulheres que não se deixam assujeitar pelo discurso normatizador.

3.3 - Subversividade corporal: desafiando padrões e celebrando os corpos

Questionamentos e enfrentamento da vinculação entre a beleza e a mulher, têm sido temas recorrentes no movimento feminista no século XXI. A busca por variedades de padrões de beleza, que permitam que as mulheres se aceitem como são e como desejam ser, com diferentes pesos, cores, idades e tipos de cabelo, é vista como um caminho para libertar-se da opinião alheia, especialmente da opinião masculina. Além disso, a intensa pressão sobre a aparência tende a objetificar as mulheres, tanto no mundo da propaganda e da cultura de massa, quanto na vida cotidiana, quando são vistas como meros objetos de satisfação dos desejos masculinos, desprovidas de subjetividade.

Essa pressão por padrões de beleza midiáticos alimenta uma busca incessante e, portanto, frustrante, por uma imagem inalcançável. Questões de classe também surgem nesse contexto: quanto mais a beleza é comercializada em consultórios, academias, lojas e clínicas, mais distante fica das mulheres de baixa renda, criando outro fator de distanciamento e frustração em uma classe social já oprimida pela escassez de recursos.

O corpo revela os meandros da história pessoal e, nesse processo, surge a transgressão e a capacidade de reagir e se autoafirmar para além da aparência. Se, por um lado, o Instagram pode ser visto como um dispositivo de controle, validando práticas discursivas de padronização e objetificação dos corpos femininos, por outro lado, pode ser considerado uma plataforma digital que proporciona um espaço para a subversão a esses discursos.

No século XXI, o Instagram emerge como um meio que não apenas dissemina os discursos hegemônicos sobre um padrão de beleza, mas também oferece oportunidades para a subversão desses discursos, que pode ser evidenciado pela crescente quantidade de perfis criados por mulheres engajadas a construir novas narrativas de aceitação aos corpos, que muitas vezes, não se encaixam ao padrão de beleza estabelecidos socialmente.

Nesse subtópico, não se trata apenas de pensar a respeito de como se pode elevar a autoestima feminina, mas sim de lançar mão das aulas no ensino de história na educação básica para refletir com as/os estudantes, que numa sociedade multirracial como a do Brasil, a diversidade de corpos prevalece, sendo impossível encaixar esses corpos numa forma padrão como a sociedade nos impõem. Por meio da reflexão sobre a diversidade, pode-se construir um diálogo com os estudantes em como a sociedade estabelece regras sobre os padrões de beleza para homens e

mulheres, sem considerar as diferenças e que nós inquestionavelmente vamos nos moldando conforme essas regras.

Seguindo as palavras de bell hooks (2013), na condição de professora, temos a oportunidade de transgredir os limites impostos na sala de aula. Essa concepção nos permite enxergar o ensino de história como um espaço que nos possibilita praticar uma transgressão pedagógica em relação ao que é imposto pelos currículos escolares. É por meio do ensino de história que será possível promover o diálogo para as mulheres poderem, por meio de seus corpos, transgredir ou subverter as ordens que normatizam o que é belo ou não para si.

De acordo com hooks (2013), transgredir significa "opor, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe". Assim, falar sobre padrões de beleza no ensino de história é um ato de transgressão aos limites normais impostos pelo currículo escolar. O professor transgressor ensina seus próprios alunos a transgredir, mas é a transgressão que ensina a proteção. Portanto, em uma sociedade patriarcal que transcreve ao corpo da mulher o que é belo ou não, o que se pretende é oportunizar aos estudantes, pensar sobre como os sujeitos são constituídos por meio de determinações sociais do que é belo.

Nessa mesma linha de pensamento, sob a perspectiva dos estudos culturais, Silva (2007), propõe uma pedagogia que investigue os mecanismos de invenção e produção das diferenças entre os indivíduos. Para o autor, não devemos apenas reconhecer e celebrar as diferenças e identidades, mas sim questioná-las a fim de explorar potenciais formas de transgredir e subverter as identidades já estabelecidas. Como professores, conscientes do conflito presente na formação e na organização das identidades, devemos provocar nos estudantes "o impensado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado" (Silva, 2007, p. 100). Educar para transgredir, é educar para a resistência e o empoderamento, é encorajar o pensamento não convencional e arriscado, ao invés de aderir ao consenso, ao familiar e ao estabelecido.

Em conformidade com os autores, o que se concretiza nessa dissertação é que não basta ensinar as diferenças entre o padrão de beleza determinado para homens e mulheres, mas oportunizar aos estudantes que possam pensar sobre o modo como os sujeitos são constituídos por meio de determinações sociais do que é belo. Acredito que, assim, possamos atravessar as fronteiras de um território proibido do que se pode falar e do que se pode ensinar na educação e no próprio ensino de

história. Como afirma Louro (1997, p. 121), as desigualdades “só poderão ser percebidas – desestabilizadas e subvertidas, na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução”.

Ao escolher as fontes para análise nesse subtópico, pensamos na possibilidade em levar os estudantes a refletirem que é possível no Instagram encontrar perfis de mulheres que subvertem os padrões de beleza tido como ideal, que usam seus corpos para incentivar a quebra dos estereótipos do corpo. Dessa forma, elas usam a rede social Instagram como espaço para exhibir seus corpos e seus modos de existir no mundo. Tais atitudes podem ser interpretadas como uma manifestação de contra conduta, através da qual essas mulheres desafiam as normas estabelecidas, redefinindo os próprios conceitos de beleza.

Ao analisar essas fontes, busca-se proporcionar no ensino de história, momentos para que alunas e alunos reflitam sobre como as disciplinas moldam um sujeito dócil e útil, constantemente monitorando-o para garantir que estão atendendo às expectativas. Contudo, a subjetividade não é apenas passiva; é uma atividade na qual nos engajamos e reagimos. Não somos apenas constituídos, mas também nos constituímos, o que nos permite agir de maneira diferente. Queremos, ensinar as/os estudantes, que se pode ocupar o espaço virtual, como o Instagram, não nos submetendo a práticas de coerção, mas apropriar-se dessa rede social, para as práticas de si, como práticas de liberdade.

Nesse sentido, de acordo com Foucault (1984), o processo de subjetivação implica não permanecer como antes, mas construir a cada momento uma nova relação consigo mesmo e com os outros. Dessa forma, desenvolvemos mecanismos e encontramos dispositivos para resistir à normalização, adotando novas maneiras de nos colocarmos no mundo, questionando as normas impostas como verdades.

Segundo o autor, os modos de subjetivação são formas de atividade sobre si, que envolvem a relação consigo, as técnicas e procedimentos para elaborar tal relação e as práticas que habilitam o sujeito a se transformar em algo distinto, algo que não é constituído pela sociedade, mas o que o sujeito constitui para si.

Ao problematizar o padrão de beleza, estamos falando em como a sociedade impõem uma verdade sobre a beleza que atravessa o corpo da mulher, como, por exemplo, os modos pelos quais um corpo magro e um corpo gordo devem se vestir. No entanto, por meio da subversão a essas regras, as mulheres, com suas múltiplas formas corporais, também constituem suas subjetividades, transgredindo as normas

do que podem usar, ou em qual lugar uma mulher com corpo considerado fora dos padrões estéticos estabelecidos, pode ou não, usar determinados modelos de roupas.

Ao investigarmos os perfis do Instagram dessas mulheres, encontramos pontos de resistências e contraposição aos discursos da beleza em torno da magreza. Nesse sentido, nos aproximamos do conceito de discurso quando Foucault (1987) diz o seguinte:

[...] o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (Foucault, 1987, p.111-112).

Assim, numa sociedade altamente midiaticizada, em que as redes sociais disseminam para as mulheres uma rotina cheia de exercícios físicos e dietas para manter ou conseguir o corpo magro e delineado por músculos, encontramos no Instagram de influenciadoras digitais como Eloarah Rocha e Jojo Todynho postagens, que caminham em direção divergente, aos modelos dos padrões de beleza corporal impostos às mulheres. Essas mulheres são pontos de resistência aos discursos que determinam um padrão estético, tendo como conceito de beleza o corpo magro e delineado por músculos.

As fontes a seguir, nos conduzem à análise de que, as mulheres consideradas fora do padrão estético ditado pela sociedade, enfrentam um intenso combate para que a reinvenção de si e a construção de modos de existência possam ser respeitados por outras mulheres.

Eloarah Rocha (@eloararocha) é uma influenciadora digital, modelo *plus size*⁴⁷. formada em moda. Tem uma base de 34.4 mil seguidores na rede social Instagram. Em seu perfil consta 2.636 mil postagens que se mesclam entre dicas de moda e mensagens motivacionais de autoaceitação de corpos considerados fora do padrão estético exigido pelas mídias de propagação de beleza.

Mesmo, tendo um grande número de seguidores e sendo influenciadora na área de moda e beleza, para mulheres plus size, Eloarah Rocha é alvo de críticas de seguidores que não aceitam o corpo gordo sendo exibido no Instagram. Como veremos no comentário da imagem abaixo:

⁴⁷ Plus size: Termo em inglês que remete a tamanho grande. Modelos plus size são modelos que vestem tamanhos grandes, comumente acima no número 44.

Imagem 18 - Subversão aos padrões de beleza corporal



Fonte: Instagram @eloarahrocha

Eloarah Rocha, ao compartilhar uma foto usando um biquíni modelo fio dental, despertou preconceitos em uma de suas seguidoras, como evidenciado no comentário acima, onde a seguidora escreveu: "fio dental não né, admiro a coragem dela". Quando o corpo da mulher não se alinha com as normas sociais de beleza, sua aparência parece estar constantemente sujeita à aprovação social, como se estivesse em um processo contínuo de validação do que pode ou não ser exposto.

Como defendido por Foucault (1987), o corpo está imerso em um complexo sistema de hierarquias estruturais, que impõem restrições, responsabilidades e repressões, moldando pensamentos e comportamentos. Resultando, portanto, na normatização de mecanismos e padrões de comportamento que delineiam um corpo funcional e comercializável.

Em uma sociedade que valoriza predominantemente a magreza como padrão de beleza, as mulheres que não se encaixam nesses padrões desafiam essa ordem e

frequentemente se tornam alvos de críticas, o que pode levar ao silenciamento e à censura de seus corpos. Por esse viés, o sujeito só pode ser o que esse Outro constituído enquanto mídia quer que ele seja. Para Wolf (1992), a padronização da beleza direciona o olhar das mulheres para os corpos umas das outras, levando-as a se censurarem mutuamente quando não atendem ao ideal de beleza predominante. Ela também destaca que, ao tentar alcançar os padrões físicos culturalmente impostos, as mulheres estabelecem relações de poder entre si, competindo para alcançar uma concepção ideal de beleza.

A reação da seguidora ao desaprovar o uso do biquíni fio dental devido ao corpo considerado gordo é um exemplo claro de como as mulheres estão sujeitas à vigilância, controle, classificação e determinação do que é considerado aceitável para seus corpos, e o que é mais admirável, o escrutínio, na maior parte das vezes, vem de outras mulheres. Nesse sentido, como argumenta Jimenez (2020), o corpo magro é estabelecido como a norma da construção identitária feminina. Segundo a autora:

O corpo gordo é visto como algo a ser evitado a todo custo, e quando surge a possibilidade de um corpo maior, busca-se sempre a adequação necessária para alcançar um corpo magro, socialmente aceito (Jimenez, 2020, p. 19).

O discurso que valoriza os corpos magros como padrão de beleza, estabelece uma divisão entre os corpos considerados aceitáveis para serem exibidos publicamente. Mulheres que desafiam o padrão de beleza recebem olhares inquisitivos, como evidenciado no comentário da seguidora (imagem 18). Esse tipo de comentário nos leva a questionar como a sociedade determina os espaços que os corpos considerados fora do padrão socialmente estabelecido podem ou não ocupar, e até mesmo os modelos de roupas que esses corpos podem vestir. Essa estratégia consiste em reprimir e punir os corpos gordos em função do que é considerado um corpo dentro do padrão de beleza, ou seja:

[...] não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir (Foucault, 1999, p. 70).

Para a mulher que está acima do peso conforme imposto pela sociedade, aparecer publicamente, com o corpo a mostra passa a ser visto pela sociedade como motivo de punição. Punir o corpo alheio não mais com açoites, mas com palavras.

De acordo com Jimenez (2020), em uma sociedade permeada pela estigmatização e gordofobia, o corpo gordo adquire uma dimensão política significativa, visto que abraçar essa identidade representa uma forma de resistência e oposição às normas culturais que ditam quais corpos merecem ser aceitos e valorizados. Assumir essa identidade representa um desafio às convenções estabelecidas e reivindica um espaço para a diversidade de corpos, questionando a imposição dos padrões de beleza que por tanto tempo têm limitado a valorização plena de todas as formas corporais.

Padronizar a beleza é uma das formas da sociedade produzir sujeitos, é impor em como e quais os corpos femininos podem ou não ser exibidos. Os enunciados discursivos em torno do padrão de beleza, permeados pela definição de que o corpo deve ser magro, sem celulites ou estrias, representam a maneira como a sociedade impõe o que é considerado belo e estabelece o que é aceitável ou não em relação aos corpos das mulheres.

A normatização da beleza atua como uma forma de doutrinação que incluem e excluem as pessoas, classificam os corpos que podem aparecer publicamente e aqueles que devem ser escondidos. Em sua análise sobre o processo de exclusão feita partindo dos discursos doutrinários, Foucault (1999), observa que:

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (Foucault, 1999, p.46).

Até os dias atuais, os desdobramentos desse cenário continuam a impor normas, julgamentos, discriminações, orientações, classificações, obrigações e coerções. De acordo com Ferreira (2006), na sociedade contemporânea, quando uma mulher faz escolhas que desafiam esse padrão hegemônico de beleza e envelhecimento, ela pode ser alvo de discriminação e enfrentar consequências negativas:

Uma mulher que voluntariamente não segue o padrão hegemônico, não se preocupa com a dieta, que não pinta seus primeiros cabelos brancos ou que não segue o modelo dominante (que busca prolongar a adolescência) pode ser discriminada e sofrer as sanções cabíveis em função da sua rebeldia (Ferreira, 2006, p.62).

No entanto, apesar dos ataques feitos às mulheres que atendem aos padrões de beleza homogêneos, assistimos às mulheres consideradas fora do padrão estético estipulado socialmente, a se desprender dessas amarras sociais usando seus perfis sociais no Instagram para alavancar o ativismo contra os padrões de beleza pautados no corpo magro, que tanto oprime e aprisiona as mulheres. Como pode ser observado na resposta dada por Eloarah Rocha (imagem 18), com a frase "para mostrar o tamanho da minha coragem", fazendo alusão ao tamanho do seu corpo.

Ao opor-se aos padrões de beleza magro impostos pela sociedade, as mulheres estão se subjetivando de uma maneira diferente daquela imposta pelas normas dominantes. Processo de subjetivação Foucault, define como "a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo" (Foucault, 1984, p. 236). Mulheres que se não se assujeitam às normas sociais que impõem um único padrão de beleza, estão reivindicando sua própria subjetividade e exercendo autonomia em como desejam se apresentar e serem percebidas.

Mulheres que ao longo de suas vidas se sentiram criticadas sob essa vigilância, agora questionam em redes sociais por que são observadas e assediadas quando frequentam espaços públicos com seus corpos à mostra. Diante da indignação com os palpites alheios sobre seus corpos, essas mulheres começam a desconstruir a ideia de que corpos fora do padrão de beleza hegemônico, devem ser libertos das roupas que os cubram completamente. Ao ocupar espaços como piscinas e academias antes negados a corpos considerados fora do padrão de beleza, elas exercem suas subjetividades, algo que é visto como uma transgressão às normas socialmente estabelecidas.

Escolhemos trazer a fonte seguinte (imagem 19) que foi coletada no perfil da rede social Instagram de Jojo Todynho, que se apresenta em seu perfil como cantora, empresária e apresentadora. Tem um número de 27,9 mil seguidores e 2.719 postagens em que compartilha suas músicas, clipes e mensagem de autoaceitação referentes ao corpo. A escolha pelo perfil social do Instagram de Jojo Todynho, para compor as análises dessa dissertação, se deu por considerar que essa funkeira, é uma mulher negra, gorda e pobre, que conseguiu se sobressair ao meio da indústria cultural que vende a magreza e a branquitude como padrão de beleza.

Imagem 19 - Subversão aos padrões de beleza corporal Jojô Todynho



Fonte: Instagram @jojotodynho

Para ilustrar os desafios enfrentados pelas mulheres ao se aventurarem nos espaços públicos exibindo suas identidades corporais, analisamos a postagem de Jojo Todynho em seu perfil (imagem 19). Na legenda, ela escreve: "Enquanto você me critica, eu treino", revelando as avaliações externas que as mulheres fora do padrão de beleza enfrentam ao frequentar locais como academias. Essa legenda também mostra como Jojo reivindica seu direito de ocupar um espaço socialmente permitido apenas aos corpos magros.

Ao reivindicar sua visibilidade no Instagram, ela inverte o olhar crítico frequentemente direcionado aos corpos gordos, empoderando-se pela autodeterminação e recusando-se a aceitar os ditames culturais sobre qual corpo é aceitável em determinados espaços. Ao expor sua figura, a artista se recusa a aderir às normas de beleza criadas por uma indústria que se alimenta das inseguranças femininas.

Sobre os ditames de padrões de beleza ao corpo da mulher, Wolf (1998), nos direciona a repensar que a obsessão com a magreza não está relacionada apenas à busca pela beleza, mas também à busca pela obediência das mulheres às normas sociais estabelecidas, como salienta a autora:

A gordura na mulher é alvo de críticas públicas, e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, os nossos corpos não pertencem a nós, mas à sociedade, que a magreza não é uma questão de estética pessoal e que a fome, diga-se o regime alimentar, é uma concessão social exigida pela comunidade. Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão com a beleza feminina, mas uma obsessão com a obediência feminina. Existe toda uma literatura de rejeição ancestral aos gostos e aparências do corpo feminino (Wolf, 1998, p. 202).

Parte do nosso entendimento alinha-se com os argumentos de Wolf (1998), que sustenta que a ditadura da beleza impõe um ideal de magreza aos corpos femininos. No entanto, ao longo desta dissertação e na análise das fontes coletadas, como as apresentadas nas (imagens 18 e 19), observamos que nem sempre as mulheres são influenciadas pelas normas de beleza. Algumas delas sentem-se à vontade para exibir seus corpos, mesmo que estes não se encaixem nos padrões estabelecidos pela sociedade em relação à beleza corporal.

Essas mulheres que apresentamos nas fontes acima (imagem 18 e 19), em que seus corpos que não se encaixam nos padrões estéticos estipulados pela cultura ocidental que cultua a magreza, têm produzido rupturas nas normas sociais e culturais hegemônicas e na própria maneira de constituírem-se, criam disrupções ao ocupar espaços e vestir roupas que previamente são designadas para corpos que se alinham a esses padrões de beleza de corpos magros. Ao mesmo tempo, em que nos constituímos com as normas e regras sociais, temos a chance de nos compor em processos de singularização e nos desviar do padrão estabelecido pelas normas dominantes.

Nesse subtópico, ao trazermos as publicações do perfil do Instagram de Eloara Rocha e Jojo Todynho o objetivo foi demonstrar às mulheres, especialmente às adolescentes em idade escolar, que não há nada de errado com nenhum tipo de corpo. E sendo nós, frutos de uma cultura que exalta a beleza física, iremos constantemente na contemporaneidade, enfrentar a presença marcante de uma indústria da beleza que promove uma padronização corporal, que por vezes leva as mulheres a desenvolver sentimentos negativos em relação aos seus próprios corpos, e assim procurarem por procedimentos estéticos, alguns dos quais podem ser prejudiciais para sua saúde física e mental.

Considerando todas as informações apresentadas até aqui, é importante entender que, muitas vezes, as mulheres são conduzidas a odiarem seus corpos naturais e recorrem a cirurgias plásticas para corrigir o que a sociedade vê como

"imperfeições". Outra compreensão que essa dissertação me permitiu construir é que, para a cultura ocidental, o envelhecimento é visto como algo negativo, algo a ser evitado a todo custo. Essa pressão constante está ligada a um padrão de beleza estabelecido por influências externas, visando principalmente o lucro da indústria da estética. Daí a insistência em manter algo impossível, a juventude eterna.

Portanto, é fundamental levarmos ao ensino de história na educação básica essas reflexões a fim de promover uma cultura inclusiva que celebre todas as formas e tamanhos corporais, para que cada pessoa possa se sentir representada e aceita, e não se sentir pressionada a se adequar a um padrão inatingível. Desse modo, conclui-se esse capítulo com o objetivo de que as alunas e alunos, possam desenvolver sua criticidade, de que não podemos reduzir a nossa forma de estar no mundo, à condição pura e simples ao que é nos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora este momento da dissertação seja intitulado "Considerações Finais", não representa um encerramento definitivo da discussão proposta. Pelo contrário, abre-se um amplo leque de problematizações sobre os padrões de beleza que se inscrevem nos corpos das mulheres, sugerindo que este seja um tema relevante para o debate no contexto do ensino de história. Ao final desta dissertação, em vez de conclusões definitivas, emergem ainda mais questionamentos. Talvez isso ocorra porque discutir os corpos femininos e os discursos em torno de um ideal de beleza é um tema que parece não ter fim.

Se no século XX, as capas de revistas apontavam um padrão de beleza a ser seguido, no século XXI os modelos ideais de beleza chegam a todas e todos por meio da tela dos celulares, em que se tem exemplos de corpos perfeitos estampando os *feeds* e *reels* das redes sociais, especificamente do Instagram. No século XXI, o que se observa é que o corpo da mulher, passa a se sujeitar à ordem discursiva da medicina (cirurgias plásticas, dermatologistas), da pedagogia (educadores físicos), influenciadores digitais, que usam a rede social Instagram para disseminar o padrão de beleza para as mulheres.

Logo, a rede social Instagram soma-se a um conjunto de veículos de interação e comunicação, usados pelas indústrias da beleza, para disseminar um tipo de discurso sobre o corpo feminino, a fim de impor um ideal de beleza, que atenda ao mercado capitalista. Conforme a beleza passa a ser um produto que pode ser vendido, surgem novos profissionais na área, e o discurso predominante a partir desse momento passa a ser o da boa forma e da saúde física e mental.

No percurso da pesquisa desta dissertação, foi possível identificar dois grupos distintos de usuárias do Instagram: um grupo que internaliza os discursos propagados pelos profissionais da beleza e outro grupo que subverte os padrões estabelecidos. Diante de uma sociedade que atribui à beleza o principal valor feminino, recompensando as mulheres que perseguem incessantemente um ideal de beleza e desaprovando àquelas que subvertem os discursos de padronização do que é belo para o corpo feminino.

Contudo, as mulheres que usam o Instagram como uma forma de divulgar suas contradições aos padrões de beleza estabelecidos socialmente, nos ensinam que, a opor-se as tentativas de nos encaixar a todo custo numa forma padronizada de ideal

de beleza e que devemos lutar contra uma estrutura capitalista e social, que meticulosamente coloca a aparência da mulher como sua principal virtude, um sistema que nega toda e qualquer naturalidade do corpo feminino, como estrias, celulites, manchas e linhas de expressão que marcam a passagem do tempo em nosso corpo, ou seja, marcas de nossas vivências.

Concordamos com Naomi Wolf, quando menciona que “a beleza considerada como ideal, só é ideal porque ela não existe” (Wolf, 1992, p.283). O padrão de beleza à medida que começava a ser procurado em grande escala em clínicas de estética ou mesas de cirurgia, vão se modificando para que as mulheres sempre estejam nessa corrida incansável a procura de encaixar-se ao novo conceito de beleza.

Muitos questionamentos continuam por ser estudados, pois com as diversas formas de tentar encaixar o corpo feminino a um único padrão beleza, quantas de nós conseguimos atravessar a fronteira da beleza idealizada para o corpo da mulher? Qual é a vantagem de fortalecer a autoestima com base em um padrão de beleza que se baseia no consumo, e que poucas mulheres têm acesso?

Seguimos, portanto, firmes em nosso propósito de por meio do ensino de história, conduzir alunas e alunos, a pensar que a rede social Instagram e outras redes à que estes estão inseridos, não são para buscar padrão de beleza, mas para estreitar relacionamentos.

Acreditamos ser possível por meio do ensino de história, propiciar momentos para que os jovens estudantes desenvolverem, por meio do conhecimento histórico, estratégias pessoais para não se deixar seduzir pelos discursos que devemos a todo custo consumir, disciplinar e moldar nossos corpos em função de um padrão de beleza inalcançável. É preciso romper com a ideia de uma beleza baseada no capitalismo e no patriarcalismo que faz acreditar que apenas um corpo é possível.

REFERÊNCIAS

ABNT. NBR 10.520. **Associação Brasileira de Normas Técnicas. Informação e documentação, citação em documento**, 2023.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais - uma cartografia das (re)invenções do conceito**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

ANGELIN, Rosangela. **A estética feminina como construção cultural**. Entrevista concedida a Tamiris Magalhães. Revista Instituto Humanitas Unisinos, edição 387 |26 de março, 2012. link <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4322-rosangela-angelin>

BARROS, José Assunção de. **Sobre a feitura da micro-história**. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos**. Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão- SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEHNKE, Emilly Ramos. **Publicidade no Instagram: A experiência do Usuário e o Consumo Algorítmico**. Brasília: UB, 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacional: história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Gabriela. **Padrão de beleza: um olhar colonizado sobre corpos femininos**. Revista Brado, setembro de 2020. Link <https://medium.com/revista-brado/mulheres-padr%C3%A3o-de-beleza-um-olhar-colonizado-sobre-corpos-femininos-a696957a4288>

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*, trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 2011.

CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Rio de Janeiro: EMERJ, 2007.

CAIMI, Flávia, MISTURA, Letícia. **Entre soadas e silêncios: desafios ao tratamento da História das Mulheres em livros didáticos no âmbito do PNLD**. [livro

eletrônico]: a historiografia didática em debate: volume 2 / Organizadoras Juliana Teixeira Souza, Margarida Maria Dias de Oliveira. – Ananindeua: Cabana, 2022.

CAMPOS, Gabriela Rocha, FARIA, Hila Martins Campos, SARTORI, Isabela Duarte. **Cultura da estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina**. Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 310-334, ago./dez. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**, 6ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Paulo César. **Algoritmos devem ser debatidos**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CONRADO, Luciana Archetti. **Transtorno dismórfico corporal em dermatologia: diagnóstico, epidemiologia e aspectos clínicos**. USP: São Paulo, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres: as vozes do silêncio**. In: FREITA S, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública**. ENSP. Rio de Janeiro, março de 2006.

FERREIRA, Pedro Sales. **Instagram: uma análise da sua trajetória e popularidade**. In: Revista Ciberlegenda, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ciberlegenda/article/view/33007>. Acesso em: 03 mai. 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **A História na Educação Básica: conteúdos, abordagens e metodologias**. In: seminário nacional: currículo em movimento—perspectivas atuais, I., Belo Horizonte, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **História: experiências, reflexões, didática e prática de Ensino de aprendizados**. 7 ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

FONTANIVE, Stéfani. **Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade de consumo**. Jornal da Universidade UFRGS: Porto Alegre, 2023. Edição online no link <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II. O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1986.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIOVANNETTI, Carolina, SALES, Shirlei Rezende. **Histórias das Mulheres na BNCC do Ensino Médio: O silêncio que persiste**. Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil REHR | Dourados, MS | v. 14 | n. 27 | p. 251-277 | Jan. / Jun. 2020

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Revista Contemporânea, Ed.18 | Vol.9 | N2 | 2011.

GUEDES, Erly. **Como filtros das redes sociais reforçam e reproduzem padrões de beleza racistas**. Revista online médium. 2021. Disponível em <https://medium.com/codingrights/embelezar-ou-embranquecer-201fc741257b>. Acesso em 03/04/2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JAHNKE, Letícia Thomasi Jahnke, GABLIETTI, Mauro. **O Avanço tecnológico e os Conflitos Comportamentais nas Redes Sociais – O Cyberbullying**. Revista Mídia e Direito na Sociedade Contemporânea. UFSM - Santa Maria, 2012.

JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**. Cuiabá, UFMT, 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KOZINETTS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEAL, Virginia Costa Lima Verde et al. **O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso**. Revista Ciência & Saúde 15 (1) • Jan 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/pmHXpjLRpSYDd6gXKY3hgGd/#>.

LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Editora 34 LTDA: São Paulo, 1999.

LIMEIRA, Mariana de Castro; FARIAS, Amália Costa. **Ciberativismo Feminista no Brasil: A Transformação da Aceitação dos Corpos Femininos diversos no Instagram**. Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, Richyelle de Kássia; VIANA, Fabiana Cury; MATTOS, Juliana Gonçalves Silva de. **Relação das Mulheres com a Atividade Física: Uma Revisão Bibliográfica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 03. Ano 02, Vol. 01. pp 350-369, junho de 2017.

MELÓ, Roberta de Souza. Admirável corpo novo: Cirurgia plástica e reconfiguração corporal. UFP: 2006.

MONTARDO, Sandra Portella; PRODANOV, Laura Schemes. **Filtros embelezadores no Instagram Stories: pistas iniciais sobre a plataforma da beleza**. Logos, [S. l.], v. 28, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/logos.2021.60900. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/60900>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MOREIRA, Marília Diógenes. **O sonho da eterna beleza: corpo feminino e o discurso anti-idade na publicidade de cosméticos** / Marília Diógenes Moreira. - 2021.

MOTA, Maria Dolores de Brito. **Beleza e Disciplina: Panoptismo, produção e Controle do Corpo de Modelos Profissionais**. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo – V.5 N°1 maio 2012.

O dilema das redes. Direção de Jeff Orlowski. Estados Unidos: Netflix, 2020. (94 minutos).

OLIVEIRA, Priscila Patrícia Moura. **Manual interativo de utilização do Instagram como ferramenta pedagógica**. Rio Pomba: IFSMG, 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: SP EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres** / Michelle Perrot; tradução Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

PICCININI, Pedro Salomão. **História da Cirurgia Plástica: Sir Harold Gillies, pioneiro da cirurgia plástica reconstrutiva**. Rev. Brasileira de Cirurgia Plástica 32 (04), 2017.

PINHO, Clara Delage Barata de, PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo. **“Espelho, espelho meu...”: os impactos das redes sociais na construção da subjetividade feminina**. Cadernos de psicologia, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 320-337, jul./dez. 2021.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de Gênero e História Social**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: janeiro-abril/2009.

PIZA, Mariana Vasallo. **O fenômeno Instagram: Considerações sobre a perspectiva tecnológica**. Brasília, UB, 2012.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, Margareth. **Neoliberalismo, Feminismo e contra condutas: Perspectivas Foucaultianas**/Organização de Margareth Rago e Maurício Pelegrini. Apresentação de Margareth Rago - São Paulo, intermeio, 2019.

REVEL, Jaques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA, Claudia Bulamarqui Lima. **Body positive & Instagram: Performances online do corpo feminino**. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2021.

RÜSEN, Jörn. **Contribuições para uma teoria da didática da história** / organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Estevão de Resende Martins - Curitiba: W. A. Editores Ltda., 2016.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Descobrir o corpo: Uma história sem fim**. Educação & Realidade. Julho/dezembro, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto,

2014.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SCHMIDT, M. A. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe. aula. 9.ed. São Paulo: O saber histórico na sala de aula. Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLE, Marlene. **As fontes históricas e o ensino de História**. In: Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2010.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo hiperconectado: Redes em vez de muros? MATRIZES**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 195–211, 2012. DOI: [10.11606/issn.19828160.v5i2p195-211](https://doi.org/10.11606/issn.19828160.v5i2p195-211). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/383333>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu: Subjetividade nos gêneros confessionais da Internet**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Juliana Motta da. **A vida através do filtro: A busca pela estética “perfeita” incentiva pelo Instagram**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Vitor Maurilio Freire da. **Redes sociais, algoritmos e procedimentos estéticos: Uma análise da influência do Instagram no aumento de procedimentos estéticos na Geração Z brasileira**. Brasília, UB, 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Instagram: o poder das imagens e o narcisismo das redes sociais**. In: Revista Famecos, n. 21, p. 162-175, 2013.

SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 11-44, Editora da UFPR. 2001.

TEIXEIRA, Renata. **Carlo Ginzburg e a Micro História em Sequência didáticas para o Ensino de História**. Revista Seminário V 14 Nº 1 2015.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo da Vigilância: A Luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.